

INCANHA INTUMBO

**Estudo comparativo da morfossintaxe do
crioulo guineense, do balanta e do português**

Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra
2007

INCANHA INTUMBO

Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português

Dissertação de Mestrado na área científica de Linguística Descritiva, área de especialização em Línguas em Contacto: Pidgins, Crioulos e Semi-Crioulos apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Professor Doutor John A. Holm e co-orientação da Doutora Ana Alexandra Ribeiro Luís.

Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra
2007

À Maria, ao Onésio, à Mariett, à Osvalda, ao Fábio e à Vânia por terem estado presentes como informantes, críticos, cobaias e analistas, passando por vezes privações para que pudesse dedicar-me à organização e edição desta tese

Aos guineenses, os verdadeiros mestres destas línguas.

ÍNDICE

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	1
1.1 As línguas em Análise	1
1.2 Guiné-Bissau: geografia, povos e línguas	2
1.3 Crioulo guineense	7
<i>1.3.1 Teorias sobre a sua origem</i>	7
<i>1.3.2 Desenvolvimento do crioulo guineense no século XX</i>	10
1.4 Balanta	11
1.5 Português popular da Guiné Bissau	12
1.6 Objecto e objectivos do estudo	12
1.7 Estrutura da tese	13
1.8 Ortografia adoptada	13
<i>1.8.1 As principais propostas de ortografia</i>	14
<i>1.8.2 Algumas regras ortográficas específicas</i>	18
<i>1.8.3 Acento gráfico</i>	18
<i>1.8.4 Consoantes duplas</i>	18
<i>1.8.5 Pronome pessoal complemento directo</i>	18
<i>1.8.6 Morfemas {ta}, {na}, {ka}</i>	19
<i>1.8.7 O fonema /ŋ/</i>	19
<i>1.8.8 Morfema {ba}</i>	19
CAPÍTULO 2: REVISÃO DA LITERATURA	20
2.1 Introdução	20
2.2 Teorias sobre as línguas crioulas	20
<i>2.2.1 O século XIX</i>	21
<i>2.2.2 O século XX</i>	23
2.3 Estudos sobre o crioulo guineense	27
<i>2.3.1 Estudos sobre o crioulo guineense até 1900</i>	27
<i>2.3.2 Estudos sobre o crioulo guineense após 1900</i>	29

CAPÍTULO 3: SINTAGMA NOMINAL	33
3.1 Introdução	33
3.2 Núcleo nominal	34
3.2.1 <i>Nomes próprios</i>	34
3.2.2 <i>Nomes comuns</i>	35
3.2.3 <i>Nomes colectivos</i>	36
3.2.4 <i>Número no sintagma nominal</i>	36
3.2.4.1 Afixos	36
3.2.5 <i>Género no sintagma nominal</i>	38
3.3 Elementos não nucleares: determinantes e modificadores	39
3.3.1 <i>Determinantes</i>	40
3.3.1.1 Artigos	40
3.3.1.1.1 Artigo definido	40
3.3.1.1.2 Artigo indefinido	42
3.3.1.2 Demonstrativos	43
3.3.1.3 Possessivos	43
3.3.1.4 Quantificadores	44
3.3.1.5 Interrogativos	45
3.3.2 <i>Modificadores</i>	46
3.3.2.1 Adjectivos	46
3.3.2.1.1 Adjectivos pré-nominais	46
3.3.2.1.2 Adjectivos pós-nominais	46
3.3.2.2 Sintagmas preposicionais	46
3.3.3 <i>Justaposição de nomes para indicar posse</i>	48
3.3.4 <i>Pronomes possessivos usados como determinantes possessivos</i>	48
3.4 Pronomes pessoais	49
3.5 Pronomes reflexos	50
3.6 Resumo do Sintagma nominal nas três línguas	51
CAPÍTULO 4: SINTAGMA VERBAL	56
4.1 Introdução	56
4.2 Marcadores verbais	56

4.2.1	<i>Verbos sem marcador</i>	58
4.2.1.1	Verbos estativos sem marcador	58
4.2.1.2	Verbos não-estativos sem marcador	58
4.3	Marcador de anterior	59
4.3.1	<i>Mais anterior</i>	60
4.3.2	<i>Mais-que-perfeito</i>	61
4.4	Homófonos do marcador <i>ba</i> e os seus equivalentes no balanta	63
4.5	O contrafactual	65
4.6	Marcador do progressivo	65
4.7	Marcador do habitual	70
4.8	Completivo	72
4.9	<i>Irrealis</i>	74
4.10	Outras combinações de marcadores	75
4.11	Complementos verbais	77
4.11.1	<i>Verbos monotransitivos</i>	77
4.11.2	<i>Verbos intransitivos [V._{INT} #]</i>	80
4.11.3	<i>Verbos ditransitivos [V._{DIT} SN₁ SN₂]</i>	80
4.11.4	<i>Verbos copulativos [V._{COP} {SN, S.ADJ, SP}]</i>	81
4.11.4.1	Verbos de ligação	82
4.11.4.2	Cópula equativa	83
4.11.4.3	Cópula locativa	84
4.11.4.4	Verbo copulativo locativo zero com adjectivos	85
4.11.4.5	Partículas de realce	86
4.11.4.6	Verbos existenciais	87
4.11.5	<i>Verbos transitivos predicativos [V._{TR} SN₁ {SN₂, S.ADJ, SP}]</i>	88
4.11.6	<i>Verbos preposicionais [V._{PREP} SP]</i>	89
4.11.7	<i>Verbos com dois sintagmas preposicionis [V. SP₁ SP₂]</i>	90
4.12	Negação	90
4.12.1	<i>Negação frásica</i>	90
4.13	Verbos seriais	93
4.14	Conclusões	96

CAPÍTULO 5: OUTRAS ESTRUTURAS	98
5.1 Introdução	98
5.2 A frase simples [SN SV]	99
5.2.1 <i>A frase declarativa</i>	99
5.2.2 <i>Frases interrogativas</i>	100
5.2.2.1 Interrogativas totais	100
5.2.2.2 Interrogativas parciais	102
5.3 Orações subordinadas	103
5.3.1 <i>Introdução</i>	103
5.3.1.1 Orações subordinadas relativas [pronome relativo = sujeito]	104
5.3.1.2 Orações subordinadas relativas [pronome relativo = objecto directo]	105
5.3.1.3 Orações subordinadas relativas [relativizador = objecto de preposição]	106
5.3.1.4 Orações subordinadas relativas (ausência do pronome relativo)	107
5.3.2 <i>Orações subordinadas não finitas</i>	107
5.3.2.1 Pa quasi modal	108
5.3.2.2 Pa em início de orações marcadas temporalmente	108
5.3.2.3 Complementador com origem no superstrato ‘que’	109
5.4 Preposições e conjunções	109
5.4.1 <i>Preposições</i>	110
5.4.1.1 Preposição locativa geral	110
5.4.1.2 Ausência de preposição com alguns verbos de movimento	111
5.4.2 <i>Conjunções</i>	111
5.4.2.1 Conjunções coordenadas [conjunções que coordenam frases]	111
5.4.2.2 Conjunções coordenadas [conjunções que coordenam sintagmas]	112
5.4.3 <i>A partícula o em final absoluto</i>	113
CAPÍTULO 6: CONCLUSÕES	114
BIBLIOGRAFIA	120

LISTA DE MAPAS

Mapa 1:	Geografia da Guine Bissau	3
Mapa 2:	Mapa Etnográfico simplificado da Guiné-Bissau (modificado)	4

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Línguas Africanas da Guiné-Bissau	5
Tabela 2	Outras línguas da Guiné-Bissau	5
Tabela 3	Fonemas consonânticos do crioulo guineense e respectivos grafemas	15
Tabela 4	Fonemas semi-vocálicos do crioulo guineense e respectivos grafemas	16
Tabela 5	Fonemas vocálicos do crioulo guineense e respectivos grafemas	16
Tabela 6	Nomes colectivos no crioulo guineense, balanta e português	35
Tabela 7	Os artigos em português	41
Tabela 8	Formas os pronomes pessoais do crioulo guineense	49
Tabela 9	Formas os pronomes pessoais do balanta	49
Tabela 10	Formas os pronomes pessoais do português	49
Tabela 11	Resumo da estrutura do sintagma nominal do crioulo guineense	51
Tabela 12	Resumo da estrutura do sintagma nominal do balanta	52
Tabela 13	Resumo da estrutura do sintagma nominal do português	53
Tabela 14	Estrutura do núcleo verbal com os marcadores no crioulo guineense	95
Tabela 15	Estrutura do núcleo verbal com os marcadores no balanta	95
Tabela 16	Estrutura do núcleo verbal no português	96
Tabela 17	Estrutura dos complementos verbais do crioulo guineense	97
Tabela 18	Estrutura dos complementos verbais do balanta	97
Tabela 19	Estrutura dos complementos verbais do português	97
Tabela 20	Sintagma nominal do crioulo guineense, do balanta, do português	114
Tabela 21	Sintagma verbal do crioulo guineense, do balanta, do português	117
Tabela 22	Outras estruturas	118

AGRADECIMENTOS

Os meus sinceros agradecimentos:

Aos membros do júri, pelo tempo e pela dedicação.

Aos meus amigos, colegas de curso e aos meus professores a quem incomodei insistentemente para que pudesse obter e analisar os dados aqui discutidos.

À Doutora Ana Luís, à Doutora Clara Keating e ao Mestre Luís Scantamburlo pelo apoio, pelo acompanhamento e pelos conselhos;

O meu profundo reconhecimento ao Professor Doutor Jorge Morais Barbosa, por me ter posto em contacto com o Professor Doutor John Holm e com a ciência dos estudos linguísticos;

Quero expressar igualmente a minha gratidão ao Doutor Michael Pye pelo seu valioso e incondicional apoio tecnológico que foi como que uma dose de vitaminas para os meus trabalhos;

Por último mas não menos importante, ao Professor Doutor John Holm, por ter tido toda a paciência para escutar, discutir e aconselhar um caloiro nas lides de linguística de contacto, por acreditar, animar e orientar de forma incansável, tendo me feito ver uma luz ao fundo do túnel nos momentos em que quase “deitava a toalha ao chão” de tanto desânimo. Para ele o meu profundo e sincero reconhecimento.

ABREVIATURAS

ADV	advérbios
ADJ	adjectivos
ANT	anterior
+ANT	mais anterior
ART	artigo
AUX	auxiliar
BAL	balanta
BMS	Baptista, Mello e Suzuki (2007)
CB	crioulo balanta
CG	crioulo guineense
COMP	complementador
COMPL	complementivo
COP	copula
DEF	artigo definido
DEM	demonstrativo
DET	determinante
ENF	enfático
-ENF	Não enfático
F	feminino
HAB	marcador do habitual
IMP	imperfeito
IND	indeterminado
INDF	artigo indefinido
INF	infinitivo
INT	interjeição
INTER	interrogativo
IRR	irrealis
M	masculino
MOD	modificador
MQP	mais-que-perfeito

NP	nome próprio
NUM	numeral
OD	objecto directo
OI	objecto indirecto
OPrep	objecto de preposição
PASS	passiva
PF	prefixo
PGCG	Proposta da Grafia do Crioulo Guineense
PL	plural / pluralizador
PORT	português
PORT GB	português coloquial da Guiné Bissau
PP	particípio passado
PPERF	pretérito perfeito
PR	passado remoto
PREP	preposição
PRED	predicado
PRES	presente
PROG	marcador do progressivo
PUECG	Proposta da Unificação da Escrita do Crioulo Guineense
Q	quantificador
RAD	radical
REAL	partícula de realce
REL	relativizador
s	singular
SF	sufixo
S.ADJ	sintagma adjectival
S.ADV	sintagma adverbial
SN	sintagma nominal
SP	sintagma preposicional
SUJ	sujeito
SV	sintagma verbal
TMA	marcador de tempo, modo ou aspecto

V	verbo
V. _{ADJ}	verbos adjetivos
V. _{COP}	verbo copulativo
V. _{DIP}	verbo dipreposicional
V. _{DIT}	verbo ditransitivo
V. _{INT}	verbo intransitivo
V. _{TR}	verbo transitivo
V. _{TPRED}	verbo transitivos-predicativos
V. _{PREP}	verbo preposicional
V. _{TEM}	vogal temática
1p	primeira pessoa do plural, etc.
2s	segunda pessoa do singular, etc.

RESUMO

Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português

Esta dissertação estuda a morfossintaxe do crioulo guineense, variedade do afro-romance de base lexical portuguesa falado na Guiné-Bissau e na região senegalesa de Ziguinchor, na África Ocidental. O propósito não é um estudo exaustivo deste crioulo, mas uma comparação sistemática da sua sintaxe e morfologia com a do balanta (língua africana da grupo Oeste Atlântico da família de línguas Níger-Congo, tido aqui como exemplo das línguas do substrato e adstrato do crioulo) e com a do português, o seu superestrato.

O capítulo um é uma introdução ao conteúdo desta tese. Explica também a convenção ortográfica adoptada para o crioulo e analisa a situação sociolinguística do país e dos povos que compõem a população guineense. O capítulo dois analisa a história dos estudos das línguas crioulas em geral e deste crioulo em particular, desde as primeiras anotações sobre o crioulo guineense até aos estudos mais recentes. Os capítulos três, quatro e cinco apresentam a comparação morfo-sintáctica das três línguas. As categorias gramaticais analisadas foram escolhidas, no geral, tendo em conta a sua relevância na distinção entre os crioulos atlânticos e as suas línguas de superestrato. A maioria corresponde àquelas discutidas em Holm (1988-89) no capítulo sobre a sintaxe. O capítulo três compara o sintagma nominal nas três línguas, analisando os nomes, os seus modificadores e as suas propriedades, a morfologia, a sintaxe e as concordâncias. O capítulo quatro estuda o sintagma verbal: os marcadores de tempo, modo e aspecto, as suas propriedades e as suas possíveis combinações, e os possíveis complementos verbais. O capítulo cinco discute outras estruturas típicas do crioulo guineense, a ordem sintáctica, as orações relativas. O capítulo seis analisa quantitativamente os traços morfo-sintácticos analisados nos três capítulos precedentes, análise esta que sugere uma maior influência das estruturas do superestrato a nível do sintagma nominal e uma maior influência do substrato a nível do sintagma verbal.

ABSTRACT

A comparative study of the morphosyntax of Guiné-Bissau Creole, Balanta and Portuguese

This thesis is a study of the morphosyntax of the Portuguese-based Creole spoken in Guiné-Bissau and in the Senegalese region of Ziguinchor in West Africa. Its aim is not an exhaustive study of this language's grammar but rather a systematic comparison of its morphosyntax with that of Balanta (an African language of the West Atlantic group of the Niger-Congo family, relevant as an example of the creole's substrate and adstrate languages) and with that of Portuguese, its superstrate. Chapter one is an introduction to the contents of this thesis. It also explains the orthographic conventions adopted for the creole and it analyses the sociolinguistic situation of the country and the people of Guiné-Bissau. Chapter two analyses the history of the study of creole languages in general and of this creole in particular, from the first remarks about this language up to the most recent studies. Chapters three, four and five present the morphosyntactic comparison of the three languages examined here. The grammatical categories chosen are generally those that distinguish the Atlantic creoles from their European superstrates; most of them are discussed in Holm (1988-89) in the chapter on syntax. Chapter three compares the noun phrase: nouns, their modifiers and their properties, analyzing the morphology, syntax and agreement. Chapter four studies the verb phrase: verbal markers of tense, mode and aspect, their properties and possible combinations, and verbal complements. Chapter five discusses other structures typical of Guine-Bissau Creole, word order and dependent clauses. Chapter six is a summary of the grammatical features surveyed in the previous three chapters. A quantified study of the features which the creole shares with Balanta and Portuguese allows the conclusion that the creole's noun phrase is closer to that of its superstrate whereas its verb phrase is closer to that of its substrate.

Capítulo 1

Introdução

1.1. As línguas em análise

O crioulo guineense é uma língua afro-romance de base lexical portuguesa falada por cerca de 40% da população na Guiné-Bissau (Rougé et al. 1988:2) e na região de Casamance, sul da República do Senegal. É compreendido e usado no dia-a-dia por mais de metade da população do país e é reconhecido oficialmente como língua nacional e língua de unidade nacional. Recentemente encetaram-se tentativas de o introduzir como língua de ensino em projectos experimentais de ensino bilingue. O balanta é uma língua africana da família Níger Congo, grupo Oeste Atlântico. É a língua africana mais falada no país mas pouco estudada. A par de muitas outras línguas africanas da Guiné terá sido uma das línguas mais importantes do substrato e adstrato do crioulo guineense. É usado no dia-a-dia pelas populações da etnia com o mesmo nome, i.e. os balantas. O português é o superestrato do crioulo guineense, a origem da maioria do seu léxico. É a língua oficial do país e, como tal, é usado em contextos formais, no ensino, nos documentos oficiais e na imprensa. O português continua ainda a hoje a exercer uma forte influência sobre o crioulo, sendo por isso, mais do que apenas seu superestrato.

O crioulo e o balanta são as línguas nativas do autor desta tese, mas toda a sua formação académica foi feita em português.

Este trabalho é inédito no campo do estudo dos crioulos de base portuguesa, pois é a primeira comparação sistemática da morfossintaxe de um crioulo desta base com o seu superestrato e com uma das suas línguas de substrato.

Com esta comparação sistemática procura-se identificar os aspectos comuns e diferenciadores da gramática do crioulo relativamente à do balanta e do português, visando assim corrigir a crença, ainda vigente, de que o crioulo guineense é um dialecto do português ou um variedade mal falada do mesmo. Paralelamente, a presente tese procura mostrar as relações existentes entre as línguas africanas da Guiné e o crioulo, bem como a influência destas no mesmo. De facto, esta influência é imediatamente

visível, por exemplo, ao nível do pronome pessoal sujeito clítico da primeira pessoa do singular no crioulo, ou seja, a nasal velar /ŋ/ ‘eu’ e os seus alomorfes, que pode ocorrer sob a mesma forma, não apenas no crioulo mas também no balanta *n'tem* ‘eu tenho’, mas também nas outras línguas africanas guineenses, tal como o mancanha *n'di ka*, o manjaco *ma n'ka* ‘eu tenho’, o papel *n'ji ka* ‘eu tenho’.

Assim discutir-se-á nos próximos capítulos a história social da Guiné Bissau, a convenção ortográfica adoptada, o sintagma nominal com os seus determinantes e os seus modificadores, o sintagma verbal com os seus marcadores de TMA e complementos e a ordem das palavras e um conjunto de estruturas relevantes no crioulo guineense.

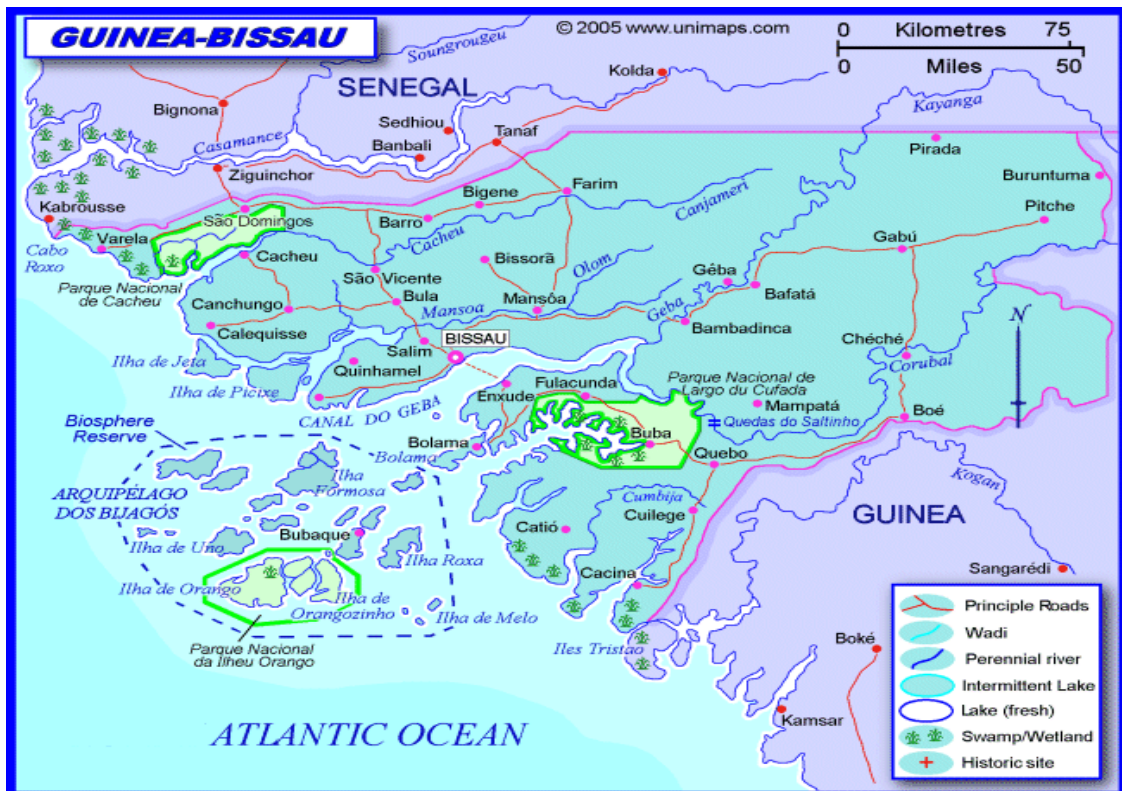
1.2. Guiné-Bissau: geografia, povos e línguas

A Guiné-Bissau é um país pequeno em termos geográficos, com apenas 36.125 km². Se a esta área reduzirmos as partes do território que estão permanentemente inundadas (i.e. rios, lagos, etc.) e aquelas que periodicamente ficam cobertas pela água das chuvas, verificamos que a área habitável total do país não ultrapassa os 24.800 km² (cf. Péliissier 2001: 31). Em contrapartida, a diversidade linguística e cultural da Guiné-Bissau é grande. Por um lado, devido às migrações dos africanos que, por razões de segurança e de sobrevivência, se deslocaram e fixaram nesta parte da África Ocidental. Por outro, devido à própria geografia do país, que é no fundo um pântano banhado por grandes rios. A própria capital, Bissau, era uma ilha até 1975, altura em o Canal do Imperial, que ligava o Rio Mansoa à foz do Rio Geba, perto de Bissau, foi fechado.

Em média, a cada 50 ou 60 km, entramos num território linguístico diferente, quer viajemos para o Norte, Sul, Leste ou Oeste. Nota-se uma diferença linguística e cultural entre as regiões, talvez motivada pelas actividades de sustento praticadas pelos povos que as habitam: as etnias do Norte e Sul, maioritariamente animistas, dedicam-se essencialmente à agricultura e normalmente constroem as suas habitações junto às bolanhas (arrozais); as etnias do leste, predominantemente muçulmanas, praticam a pastorícia e o comércio, habitando zonas mais recuadas em relação aos arrozais, geralmente mais desérticas. Assim, se viajarmos de Bissau para a cidade de Mansoa a nordeste, (60 km) passamos pelo território dos papeis (Bissau), dos balantas (vila de Nhacra, entre Bissau e Mansoa) e chegamos ao território dos mansoncas (cidade de

Mansoa); de Gabú a Bafatá no leste temos os fulas apenas e a sua língua numa extensão de mais de 50km (cf. Mapas 1).

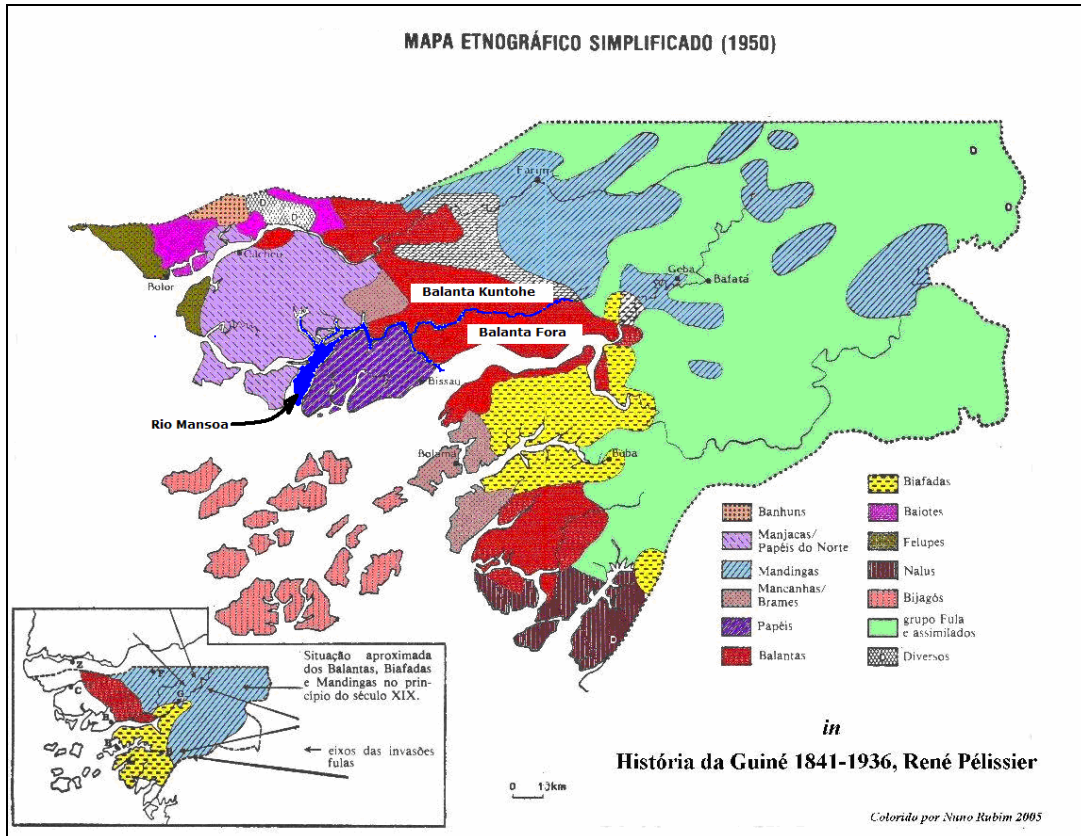
Mapa 1: Geografia da Guiné Bissau
 [Fonte: webcarta.net/carta/geo.php?p=3&lg=es]



Na verdade, durante muitos séculos, o actual território da República da Guiné-Bissau foi um refúgio de inúmeros povos empurrados pelas sucessivas invasões e ocupações das suas respectivas terras por impérios e por poderosos conquistadores africanos tais como o Império do Mali e os imperadores Sundiata Keita, Samory Touré e o conquistador fula Koli Tenguela. O “Pequeno” Império de Gabú, situado no Leste do actual território da Guiné-Bissau, não resistiu aos conquistadores fulas vindos do Sul e do Leste, do Futa Djalon, pressionando as populações que antes habitavam essas regiões e obrigando-as a deslocarem-se mais para o litoral (Cf. Handem 1986)

Mapa 2: Mapa etnográfico simplificado da Guiné-Bissau (modificado)

[Fonte: História da Guiné 1841-1936, adapt. de Pélissier (2001): colorido por [Nuno Rubim](#) (2006)]



As migrações internas motivadas por razões económicas relacionadas com a agricultura, pastorícia, pesca e o comércio, bem como as consequências da colonização apenas vieram baralhar as cartas num jogo já de si complicado.

Actualmente, a Guiné-Bissau tem cerca de 22 línguas, embora nem sempre seja claro quantas destas são apenas variedades de uma mesma língua (Grimes 1988:240-241). Independentemente desta polémica, a literatura distingue entre dois grupos linguísticos principais: o grupo Oeste-Atlântico e o grupo Mande, ambos pertencentes à família Níger-Congo.

Tabela 1: Línguas Africanas da Guiné-Bissau
[adapado de Grimes (1988 : 240)]

Línguas	População	Grupo
Balanta	254.000	Oeste atlântico (centro-norte)
Fula	169.000	Oeste atlântico (nordeste)
Manjaco	118.000	Oeste atlântico (noroeste)
Mandinga	96.000	Mande
Papel	59.000	Oeste atlântico (norte)
Mancanha	25.000	Oeste atlântico (norte)
Biafada	18.000	Oeste atlântico (norte)
Padjadinca	5.000 – 12.000	Oeste atlântico (norte)
Bijagó	16.000	Oeste atlântico
Diola	15.000	Oeste atlântico (norte)
Mansonca	9.000	Oeste atlântico (norte-sul)
Baiote	5.000	Oeste atlântico (norte)
Banhum	5.000	Oeste atlântico (norte)
Nalu	5.000	Oeste atlântico (norte)
Sarakolé	2.000	Mande
Sussu	2.000	Mande
Kassanga	400	Oeste atlântico (norte)
Kobiana	300	Oeste atlântico (norte)
Djakanka	-	Mande
Maninka(?)	-	Mande

Às línguas referidas na Tabela 2 juntam-se o crioulo guineense, com 100.000 falantes nativos, e o português, para o qual não existe projecções relativas ao número de falantes nativos. Esta informação é em seguida sistematizada na tabela 2:

Tabela 2: Outras Línguas da Guiné Bissau
[adapado de Grimes (1988 : 240)]

Língua	Nº. falantes nativos	Família	GRUPO/ PROV
Crioulo guineense	100.000	Afro-português	Upper Guinea CP
Português	?	Indo-Europeu	Romance

Na lista de Grimes (1988) falta um outro grupo étnico, do sul do país, com cerca de 400 a 500 membros, denominado os tandas, cuja língua é muito próximo da dos

sussus, do grupo mande (Veríssimo Tambá, comunicação pessoal). Não há mais dados sobre este povo nem sobre a sua língua.

As línguas pertencentes aos grupos Oeste-Atlântico e Mande, em virtude de pertencerem à mesma família linguística, partilham entre si algumas semelhanças morfossintáticas e fonético-fonológicas. Por exemplo, enquanto o balanta, o papel, o manjaco e o mancanha (do grupo oeste-atlântico) marcam o plural no início da palavra, o fula (do grupo mande) acrescenta o morfema de plural no final da palavra. Em balanta as oclusivas velares surda [k] e sonora [g] são alofones do mesmo fonema, mas nas outras línguas são fonemas distintos. No entanto, a proximidade morfossintática, fonológica e léxica entre o papel, manjaco e mancanha leva a supor que estas línguas têm uma relação quase dialectal entre si. Os três povos foram classificados como sendo uma tribo chamado brame embora esse nome parece originariamente ter uma designação para a etnia mancanha.

Trata-se de uma situação muito complexa. Landerset (1935) chega a apelidar a então Guiné Portuguesa de Babel Negra. Mas actualmente algumas destas línguas correm sérios riscos de extinção na Guiné, nomeadamente o sarakolé, o süssu, o kassanga, o kobiana, o djakanka e o tanda.

1.3. Crioulo guineense

1.3.1. Teorias sobre a sua origem

À data deste trabalho, quatro teorias procuram explicar a origem do crioulo guineense (doravante CG). A primeira defende que o CG se teria formado em Cabo Verde, sendo posteriormente levado para a Guiné. Lopes da Silva, crioulista caboverdiano, afirma-o assim: “Suponho que o crioulo falado na Guiné é, não uma criação resultante directamente do contacto do indígena com o português, mas sim o crioulo caboverdiano de Sotavento levado pelos colonos idos do arquipélago e que, com o tempo, se foi diversificando e adquirindo caracteres próprios sob influência das línguas nativas” (Silva 1957:31). Trata-se de uma hipótese com muitos partidários em Cabo Verde.

A segunda teoria recusa a hipótese caboverdiana, argumentando apenas que esta, de facto, não tem eco na Guiné-Bissau. Pinto Bull (1989) não é claro na sua posição em relação a esta matéria. A maior debilidade da primeira teoria é o facto de não haver

registo de uma vinda maciça de cabo-verdianos para a Guiné, o que a ter acontecido, poderia constituir uma indicação de “transplante” do crioulo de base portuguesa cabo-verdiano do arquipélago para o continente. Mas também deve ter-se em conta que nos primórdios dos contactos entre portugueses e africanos na costa da Guiné, muitos factos históricos simplesmente não foram documentados e por conseguinte muito do que poderá ter acontecido não é conhecido. Se não houve um transplante maciço de cabo-verdianos para a Guiné, houve de facto muitas pessoas vindas de Cabo Verde para a Guiné, incluindo funcionários administrativos do governo português, numa altura em que a denominação oficial da colónia continental era *Guiné de Cabo Verde* e Cabo Verde era a capital.

No entanto, é sabido que os portugueses chegaram primeiro às costas da Guiné em 1446 e só numa das viagens de regresso à Europa uma das caravelas terá descoberto Cabo Verde, desabitado, em 1460. O Arquipélago então descoberto servirá depois como um depósito de escravos trazidos do continente, onde havia já contactos entre os colonos e os indígenas através dos *lançados*, “desertores ou aventureiros, que só tinham uma solução para sobreviverem: exilar-se para o continente africano, fugindo às sanções régias...” (Bull 1989:69). Segundo Bull, a origem do nome dos lançados vem do facto de serem ‘... aventureiros, ávidos de fazer fortuna, que, não podendo por várias razões exercer legalmente o comércio, desprezaram as instruções régias e se *lançaram* no negócio no meio dos autóctones’ (Bull 1989:69). Os *grumetes* eram africanos auxiliares dos lançados. Por isso, há a hipótese de que dos contactos entre portugueses e africanos nas praças de Cacheu e Geba tenha surgido o crioulo de base portuguesa que teria posteriormente sido levado para Cabo Verde. Note-se a diferença do termo *praça* no dizer do africano guineense, i.e. cidade, aldeamento moderno, e no dizer dos portugueses, que é também o conceito aqui reproduzido por Bull, i.e. um rossio ou uma fortaleza.

Uma terceira teoria é a defendida por Naro (1978:341), segundo o qual um *pidgin* de base portuguesa da costa ocidental africana poderia ter sido criado, intencionalmente, na Europa antes de ter sido levado e difundido em África, onde seria usado como *língua de reconhecimento*. Note-se que nessa altura existia em Portugal uma escola de línguas patrocinada pelo infante D. Henrique, que se destinava a treinar intérpretes para as suas expedições (cf. Chataigner 1963).

Uma quarta teoria, da autoria de Rougé (1986), desvaloriza a polémica em torno da questão da origem do crioulo de base portuguesa cujas variantes se falam tanto em Cabo Verde como na Guiné (cf. Rougé 1986:37), considerando-a desprovida de interesse científico, e refuta a hipótese de Naro. Contudo, afirma que ambos os crioulos têm em comum um proto-crioulo.

Tendo chegado às costas da Guiné, na região da actual Guiné-Bissau, no século XV, os portugueses iniciaram o comércio de escravos por volta de 1510 e em 1570 construíram o forte de Cacheu. Dessas navegações e contactos pelas costas africanas resultou uma miscigenação biológica, cultural e linguística dos diferentes povos. Bull (1989) afirma que as primeiras organizações administrativas na Guiné foram as praças (cidades, no entender dos africanos) de Cacheu e de Bissau, e os presídios de Farim, de Ziguinchor, de Geba e de Lugar do Rio Nuno.

Para o controle do comércio e devido às necessidades de segurança contra o assédio dos franceses, ingleses e holandeses, os portugueses viram-se obrigados a ocupar com alguma permanência as terras então “suas”. É assim que recorrem aos *lançados* e *grumetes*. Havia um terceiro “escalão” entre estes ocupantes, as *tangomãs*, esposas africanas dos lançados. Estes três grupos desempenharam um papel importante na génese do crioulo guineense. Chaudenson (1989:26) considera-os “símbolos do processo de desaculturação-aculturação de que resultaram os crioulos. Mota (1974:345) também diz que a chegada dos lançados nas terras da Guiné coincide com o período crítico da formação do crioulo. Eram a única presença efectiva dos portugueses na região dos rios da Guiné, segundo Carreira (1972:60). Da união dos lançados com as tangomãs nasceram os *filhos da terra* também conhecidos noutros lugares como mestiços, mulatos ou crioulos (Bull 1989:71).

Os lançados devem ter falado um português simplificado quer com os grumetes, quer com as suas esposas. Esse português simplificado teria sido reproduzido e modificado pelos grumetes e pelas tangomãs, resultando daí um português ainda mais simplificado, o pidgin português que poderá ter servido de *input* linguístico para os seus filhos, a primeira geração dos falantes do crioulo. Para que pudesse haver uma comunicação efectiva entre os lançados, os grumetes, as tangomãs e os filhos da terra e ainda com africanos que viviam nas periferias das praças, a língua usada tinha de ser comum e compreendida por todos: os pais precisavam comunicar com os filhos, esposas

e colaboradores, e os africanos queriam vender e comprar produtos. O *pidgin* português, nativizado com os filhos da terra, serviu melhor esse fim.

1.3.2. Desenvolvimento do crioulo guineense no século XX

Durante a época colonial, salvo raras exceções, havia uma enorme pressão contra o uso do crioulo guineense em instituições oficiais como escolas, igrejas ou função pública. Contudo, o comércio e as relações interpessoais (principalmente entre pessoas do mesmo nível social) faziam-se em crioulo. Assim pode dizer-se que o crioulo guineense foi marginalizado. A guerra da independência veio causar uma interrupção neste modelo de funcionamento e desenvolvimento do crioulo, devido à demissão dos alunos e dos professores em determinadas áreas do país por razões de segurança. Do lado da guerrilha, embora se tenha reconhecido vezes sem conta a importância do português como a “melhor ferramenta” que os portugueses deixariam aos guineenses para se comunicarem com o estrangeiro, o essencial das relações interpessoais mantinham-se no crioulo guineense ou nas línguas africanas das localidades ou dos falantes. Neste aspecto, saliente-se que a comunicação durante a guerra da independência entre os guineenses das diferentes proveniências étnicas e entre estes e os guerrilheiros cabo-verdianos que também faziam parte do mesmo projecto político se realizava em crioulo.

Após a independência grandes fluxos de pessoas vieram para as cidades em busca de outras condições de vida, trazendo com elas os seus conhecimentos culturais e linguísticos. Simultaneamente, pessoas das cidades deslocavam-se para o campo e o interior. Estas incluíam professores, oficiais de saúde, seguranças, dirigentes, etc., levando igualmente os seus conhecimentos linguísticos e culturais. Foi a partir dessa altura que o crioulo guineense viu ainda mais incrementada a sua função de língua franca e de unidade nacional, pois acompanhou o aumento da mobilidade dos cidadãos de todas as etnias. Ao mesmo tempo que se difundia, foi sofrendo influências e interferências de cada língua africana dos falantes. Hoje essa diferenciação do crioulo é real e pode reconhecer-se a pertença étnica ou a L1 do falante. Ao mesmo tempo que essa evolução se operava, surgia um interesse pelo crioulo guineense através de estudos de especialistas nacionais e estrangeiros, os quais se analisarão no capítulo 2.

1.4. Balanta

O balanta, também objecto desta tese, é uma língua Oeste-Atlântica e um dos substratos mais relevantes do crioulo guineense em termos de influência histórica na sua formação e em termos da actual influência dos falantes bilingues. O nome balanta, originalmente de carácter pejorativo, é de origem mandinga, do termo *balantó* ‘aquele que recusou’, devido à recusa dos Balantas em converterem-se ao Islão. Tendo sido pressionados pelo exército fula de Koli Tinguela (vide secção 3.1), alguns fugiram por volta de 1490 e 1500 da região de Fouta Djalon na actual Guiné-Conacry para a região de Gabú na actual Guiné Bissau (Handem 1986). Os recém-chegados adoptam o nome Brassá. Segundo D’Almada, viajante português que em 1578 confirma a presença dos balanta/brassa nas margens do rio Geba, que chamou de “o estuário Balanta ” (Handem 1986:15), uma nova invasão fula conduziria os Brassá para Dugal, Guiné-Bissau, entre 1500 e 1514. Actualmente os Balanta constituem cerca de 1/3 da população do país, divididos em vários grupos dialectais, sendo os principais o kentohe (a norte do rio Mansoa) e o fora (a sul do mesmo rio). É um grupo étnico presente nas forças armadas, na política e na administração pública.

Tal como foi dito anteriormente, de todos os grupos etnolinguísticos, o crioulo dos falantes balanta apresenta algumas características distintivas, quer a nível fonológico quer a nível estrutural, em relação ao crioulo geral. Por exemplo, no balanta não há oposição fonémica entre /k/ e /g/ do crioulo guineense. No crioulo geral diz-se *galinha* ‘galinha’, mas no crioulo dos balantas tanto poderia ser *galinha* ou *kalinha*. Noutros casos, podemos encontrar elementos morfológicos do balanta em nomes crioulos. Por exemplo, o marcador do plural para os nomes [+ humanos] em balanta é *bi-*; no crioulo geral é \emptyset para o singular (ex. *mininu* ‘menino’) e *-s* para o plural (ex. *mininus* ‘meninos’), mas no crioulo de um falante nativo de balanta poderia ser *mininu* ‘menino’ e *bi-ninu* ‘meninos’ (exemplos do autor).

Podem notar-se outras diferenças gramaticais entre o crioulo guineense geral e o crioulo de um falante nativo de balanta no caso a actriz *Male Nhassé*, no filme *Mortu Nega*, de Flora Gomes:

balanta *nge a ten a kit a k-tan?*

crioulo dos balantas *Anta bu tene nan udju na trás?**

crioulo geral *Anta bu tene (nan) udju - trás?*

então 2sg ter ENF olhos na atrás

‘Então tens olhos na nuca?’

Se tivermos em conta o facto de que a Guiné tem apenas 1.200.000 habitantes e de que a sua superfície é qualquer coisa como o Alentejo, poderemos ter uma ideia dos problemas do verdadeiro xadrez etnolinguístico guineense.

1.5. Português popular da Guiné-Bissau

Não são conhecidos estudos sobre o português (vernáculo) da Guiné-Bissau, assumindo que exista, nem são fidedignos os números relativos aos guineenses que têm o português como a sua língua nativa nem dos que o usam como língua principal do dia a dia. Porém, o português é a língua oficial do país, a língua de instrução e de cooperação internacional. A importância do português como o elo de ligação entre a Guiné-Bissau e o mundo exterior, a língua do conhecimento, é reconhecida pelo governo, pelos académicos e pela população.

1.6. Objecto e objectivos do estudo

Neste estudo o foco das discussões será o crioulo guineense. As estruturas a analisar serão retiradas do crioulo guineense procedendo-se em seguida a verificação da sua existência no substrato e/ou no superestrato. Para o crioulo guineense as referências mais importantes são as principais entradas bibliográficas sobre os crioulos em geral e este crioulo em particular (Peck 1988, Rougé 1988, Couto 1994, Kihm 1994, Scantamburlo 1999 e Holm 1988-89, 2000) e os conhecimentos do autor, que é falante nativo do mesmo crioulo. A inexistência ou a escassez de descrições do balanta é um dos problemas recorrentes neste trabalho, tendo o autor do trabalho usado as suas competências de falante nativo para superar as dificuldades. Pelo contrário o português é uma língua amplamente documentada e importantes dados sobre esta língua baseiam-

se em Mira Mateus et al, eds 2003. Outras motivações deste estudo são as enunciadas anteriormente: procurar identificar os aspectos comuns e diferenciadores da gramática do crioulo relativamente à do balanta e à do português visando dar uma ideia dos papéis que tiveram o superestrato e as línguas do substrato na génese do crioulo guineense.

1.7. Estrutura da tese

O capítulo um é uma introdução ao conteúdo desta tese. Explica também a convenção ortográfica adoptada para o crioulo e analisa a situação sociolinguística do país e dos povos que compõem a população guineense. O capítulo dois analisa a história dos estudos das línguas crioulas em geral e deste crioulo em particular, desde as primeiras anotações sobre o crioulo guineense até aos estudos mais recentes. Os capítulos três, quatro e cinco apresentam a comparação morfossintáctica das três línguas: o crioulo guineense, o balanta e o português. As categorias gramaticais analisadas foram escolhidas, no geral, tendo em conta a sua relevância na distinção entre os crioulos atlânticos e as suas línguas de superestrato. A maioria corresponde àquelas discutidas em Holm (1988-89) no capítulo sobre a sintaxe. O capítulo três compara o sintagma nominal nas três línguas, analisando os nomes, os seus modificadores e as suas propriedades, a morfologia, a sintaxe e as concordâncias. O capítulo quatro estuda o sintagma verbal: os marcadores de tempo, modo e aspecto, as suas propriedades e as suas possíveis combinações, e os possíveis complementos verbais. O capítulo cinco discute outras estruturas típicas do crioulo guineense, a ordem sintáctica, as orações relativas. O capítulo seis analisa quantitativamente os traços morfo-sintácticos analisados nos três capítulos precedentes, análise esta que sugere uma maior influência das estruturas do superestrato a nível do sintagma nominal e uma maior influência do substrato a nível do sintagma verbal.

1.8. Ortografia adoptada

Há um número considerável de propostas para a escrita do crioulo guineense, porém, neste trabalho, discutir-se-ão apenas as mais conhecidas. O objectivo que presidiu à escolha de um sistema ortográfico foi o da sua simplicidade e carácter lógico, uma vez que o enfoque central deste trabalho é a morfossintaxe e não a fonologia.

Contudo, serão feitas considerações pontuais sobre esta matéria, sempre que se revelar necessário.

1.8.1. As principais propostas de ortografia

O crioulo guineense é uma língua predominantemente de tradição oral, pelo que até há bem pouco tempo não dispunha de textos fixados por escrito. Alguns dos textos que serão referidos mais adiante neste trabalho foram escritos com base na convenção do português europeu a que Ferraro (1991) chamou de *escrita “filo-portuguesa”*, enquanto que outros se basearam na *Proposta de Uniformização da Escrita do Crioulo* do Ministério da Educação Nacional da Guiné-Bissau (doravante PUECG), lançada em 1981 por ocasião de uma conferência sobre as línguas da Guiné-Bissau. Trata-se de uma convenção de escrita baseada na correspondência unívoca entre um grafema e um fonema. Sem contar o facto de ter sido um passo que marcou uma nova era no tratamento da questão do crioulo pelos guineenses, a sua vantagem advém do facto de cada grafema ter apenas um valor, o que não acontece com a convenção padrão para o português em relação a alguns grafemas. Embora se reconheça esta vantagem, a PUECG não considera alguns fonemas. Pelo menos dois fonemas não foram tidos em conta por se ter entendido serem importações recentes do português. Porém, são fonemas que existem no chamado kriol fundo, o basilecto, como alerta Scantamburlo (1999:129).

Doneux e Rougé (1988:3-7) elaboraram uma terceira proposta a partir do PUECG e ilustraram-no com exemplos da pronúncia francesa ou, quando o fonema não existia no francês, com exemplos de outras línguas europeias. Notaram que é na penúltima sílaba que se deveria colocar o acento tónico. Dizem ainda que no crioulo guineense a unidade acentual não é a palavra, mas os elementos frásicos maiores tais como o sintagma nominal, o sintagma verbal e o circunstancial. Assim, a primeira sílaba do grupo recebe um acento forte ou tom alto, os seguintes um tom médio e a última recebe um acento fraco ou tom baixo (1988: 7). A vantagem do sistema de Doneux e Rougé relativamente ao PUEGG é o facto de não se basear apenas na correspondência unívoca entre um grafema e um fonema, mas incluir também dígrafos, nomeadamente para a representação das sequências consonânticas pré-nasais.

A mais recente proposta de alfabeto para o crioulo guineense, denominada *Proposta de Grafia do Crioulo Guineense* (doravante PGCG), é da autoria de Scantamburlo (1999), constituindo uma versão revista do PUECG. Até a data, é a proposta mais abrangente e a mais consistente para a escrita do crioulo guineense. Scantamburlo (2007, comunicação pessoal) enumera quatro princípios (abaixo transcritos) que preservam a harmonia entre o crioulo guineense e o português:

1. Cada fonema comum (ou equivalente) à língua portuguesa e ao CG deve ser representado pelo mesmo signo gráfico. Quando o português apresenta mais que um signo para o mesmo fonema, é escolhido para o CG o signo gráfico mais conveniente.
2. O sistema gráfico adoptado é um sistema fonémico, quer dizer cada fonema é representado por um único signo gráfico, composto de uma ou duas letras do alfabeto: por isso, o signo "tch" (três letras), apesar da sua popularidade, é substituído por *tc* (duas letras).
3. O CG moderno tem pedido emprestado à língua portuguesa novas palavras, que acrescentaram alguns fonemas não apreciados pela grafia de 1987 (1999:129): a fricativa alveolar sonora /z/ em *zinka*, a fricativa pré-palatal surda /ʃ/ em *chá*, e a fricativa pré-palatal sonora /ʒ/ em *beju*.
4. As línguas oeste-atlânticas presentes na Guiné-Bissau devem ser escritas adoptando também uma grafia em conformidade com a grafia do CG (por exemplo, a língua *bijagó* [secção 1.3, quadro II] de *Canhabaque* e de *Orangozinho - Canogo-Meneque* foi escrita segundo o Princípio 1).

Nesta dissertação será adoptada a convenção PGCG de Scantamburlo para o crioulo guineense ou seja um sistema ortográfico constituído por 23 grafemas (16 grafemas consonânticos, 5 grafemas vocálicos 2 semivocálicos) e 5 dígrafos, que representam os fonemas do crioulo guineense. Para o balanta, prevalecendo ainda os princípios enunciados por Scantamburlo, proceder-se-á a ajustes e adaptações para representar fonemas que existem no balanta mas que não existem no crioulo guineense nem no português europeu. Por exemplo, será usado o dígrafo <th> para representar o fonema interdental surdo próximo do fonema inglês representado pelo mesmo dígrafo em “think”. Ainda em balanta, as duas oclusivas co-articuladas [k^hp] e [g^hb] e a oclusiva co-articulada pré-nasalizada [ŋg^hb] serão representados graficamente por dois e três grafemas respectivamente.

Assim, as tabelas que seguem, retiradas de Scantamburlo (1999:125-6) e adaptadas, sistematizam a ortografia adoptada nesta tese para representar os fonemas existentes no crioulo guineense. Não foi feito um levantamento exaustivo do sistema

fonológico nem do crioulo guineense nem do balanta. Isto poderá ser objecto de trabalhos futuros, para os quais vontade e motivações não faltam ao autor.

Tabela 3
Fonemas consonânticos do crioulo guineense e respectivos grafemas

<i>Fonema e exemplo</i>	<i>Grafia guineense</i>	<i>Equivalente PORT</i>
/p/ /pa'pɛ/	<i>p</i> pape	<i>p</i> pai
/t/ /'tiu/	<i>t</i> tiu	<i>t</i> tio
/k/ /'kusa/ /ku/	<i>k</i> kusa	<i>c</i> coisa
	<i>k</i> ku	<i>qu</i> quem
/b/ /ba'tata/	<i>b</i> batata	<i>b</i> batata
/d/ /'dana/	<i>d</i> dana	<i>d</i> danar
/g/ /'gɔsta/	<i>g</i> gosta	<i>g</i> gostar
/f/ /'fatu/	<i>f</i> fatu	<i>f</i> fato
/s/ /'seku/ /'segu/ /'kalsa/ /'splika/	<i>s</i> seku	<i>s</i> seco
	<i>s</i> segu	<i>c</i> cego
	<i>s</i> kalsa	<i>ç</i> calça
	<i>s</i> splika	<i>x</i> explicar
<i>Fonema e exemplo</i>	<i>Grafia guineense</i>	<i>Equivalente PTG</i>
/ʃ/ /ʃa/ /ʃe'lin/	<i>ch</i> cha	<i>ch</i> chá
	<i>ch</i> chelin	<i>x</i> xelim
/v/ /'vivi/	<i>v</i> vivi	<i>v</i> viver
/z/ /'zinka/ /'kaza/ /i'zami/	<i>z</i> zinka	<i>z</i> zincar
	<i>z</i> kaza	<i>s</i> casar
	<i>z</i> izami	<i>x</i> exame
/ʒ/ /'bɛʒu/ /'ʒe'ral/	<i>j</i> beju	<i>j</i> beijo
	<i>j</i> jeral	<i>g</i> geral
/tʃ/ /'tʃuba/	<i>tc</i> tcuba	-- chuva
<i>Fonema e exemplo</i>	<i>Grafia guineense</i>	<i>Equivalente PTG</i>
/dʒ/ /'dʒuda/	<i>dj</i> djuda	-- ajudar
/m/ /ma'mɛ/	<i>m</i> mame	<i>m</i> mãe
/n/ /'nɔbu/	<i>n</i> nobu	<i>n</i> novo
/ɲ/ /ɲa/	<i>nh</i> nha	<i>nh</i> minha
/ŋ/ /ŋ'bai/ /ŋ'ɔrɔtɔ/	<i>n'</i> n' bai	-- eu vou
		n'oroto
/l/ /'libru/	<i>l</i> libru	<i>l</i> livro
/λ/ /'biλa/	<i>lh</i> bilha	<i>lh</i> bilha
/r/ /'rema/	<i>r</i> rema	<i>r</i> remar

Tabela 4
Fonemas semi-vocálicos do crioulo guineense e respectivos grafemas

<i>Fonema e exemplo</i>	<i>Grafia guineense</i>	<i>Equivalente PORT</i>
/w/ /w'aga/	<i>u</i> uaga	---- semear
/y/ /y'agu/	<i>i</i> iagu	---- água
/y'ɔga/	<i>i</i> Ioga	<i>y</i> yoga

A tabela que se segue, relativa aos fonemas vocálicos e respectivos grafemas no crioulo guineense, baseia-se em Couto (1994) e Scantamburlo (1999). Ambos os autores concordam que no crioulo existem nove fonemas vocálicos. Couto (1994:74) chega mesmo a dizer que “a série de 5 vogais fonologicamente nasais apresentada por Giusti (1981:12) não tem nenhum fundamento empírico” bem como os de Wilson (1962:9). Relativamente ao papel distintivo do grau de abertura, Wilson (1962) e Scantamburlo (1994) consideram existir dois graus de abertura nas vogais médias de carácter distintivo em palavras como *s[e]ra* ‘cera’ e *s[ɛ]ra* ‘serra’. Porém, Couto (1994: 74) considera que “o som que se ouve nas palavras supra é algo intermediário” e não tem, portanto, carácter distintivo.

Couto (1994:74) acrescenta ainda mais dois fonemas vocálicos, o /w/ e o /y/, em posição pós-vocálica, os mesmos que tinham sido incluídos no grupo das consoantes por Doneux e Rougé (1988:6) e Wilson (1962:X,9). Sem prejuízo para a tese de Couto (1994:74) neste trabalho adopta-se a posição de Doneux e Rougé (1988:6) e Wilson (1962:X,9) sobre este assunto, considerando-os semi-consoantes quer em posição pré-vocálica, que na posição pós-vocálica.

Tabela 5
Fonemas vocálicos do crioulo guineense e respectivos grafemas

<i>Fonema e exemplo</i>	<i>Grafia guineense</i>	<i>Equivalente PORT</i>
/i/ /'misa/	<i>i</i> misa	<i>i</i> Missa
/ɛ/ /mɛ'sa/	<i>i</i> misa	----- mijar
/u/ /la'gua/	<i>u</i> lagua	<i>u</i> lagoa
/e/ /'sera/	<i>e</i> sera	<i>e</i> cera
/ɛ/ /'sera/	<i>e</i> sera	<i>e</i> serrar
/a/ /'kala/	<i>a</i> kala	-- trança
/a/ /'kala/	<i>a</i> kala	<i>a</i> calar
/o/ /'bota/	<i>o</i> bota	<i>o</i> botar
/ɔ/ /'bɔta/	<i>o</i> bota	<i>o</i> bota

1.8.2. *Algumas regras ortográficas específicas*

As regras específicas enunciadas nesta secção são as que serão adoptadas nesta tese com os propósitos já enunciados em 1.2.2. São partes revistas da proposta da Direcção Geral da Cultura, a Proposta da Unificação da Escrita do Crioulo Guineense (PUECG).

1.8.3. *Acento gráfico*

Conforme a regra número 18 proposta pela Ministério da Educação, através da Direcção da Cultura (PUECG), também aqui não será utilizado o acento gráfico na escrita do CG: o contexto da frase e a categoria gramatical da palavra serão suficientes para ajudar o leitor nos casos de homonímia, como a preposição pa ‘para’ e o nome pa ‘pá’.

1.8.4. *Consoantes duplas*

Conforme a regra número 13 proposta pela Direcção da Cultura, não serão usadas consoantes duplas no CG. Porém no balanta torna-se relevante o uso gráfico das mesmas devido à existência de consoantes geminadas e tons. A quantidade de um fonema pode ser distintiva, diferenciando o plural do singular, como em *ɲ’ol* ‘lobo’ e *ɲɲ’ol* ‘lobos’. Wilson 1959 adoptara também o uso de duplos fonemas por esta mesma razão. Na sua transcrição de *dee*, Wilson (1959:601) dobra a vogal para indicar o tom descendente e usa a mesma estratégia para indicar as consoantes geminadas. Note-se também a oposição entre *dee* ‘esse’, (tom descendente), e *de* ‘parir’, (tom alto).

1.8.5. *Pronome pessoal complemento directo*

Conforme a regra número 5 proposta pela Direcção da Cultura, as formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 1ª pessoa do plural do pronome pessoal complemento directo serão sufixadas aos verbos:

- a. *I* *diskisi* *-n*
3s esquecer me
‘Esqueceu-me.’

b. *I diskisi -u*
 3s esquecer me
 ‘Esqueceu-te.’

c. *I diskisi -l*
 3s esquecer o
 ‘Esqueceu-o.’

1.8.6. Morfemas {*ta*}, {*na*}, {*ka*}

Conforme as regras números 7 e 12 propostas pela Direcção da Cultura, os morfemas {*ta*}, {*na*}, {*ka*}, por serem morfemas livres, devem ser escritos como palavras separadas:

d. *N' ta kanta*
 1s PROG cantar
 ‘Costumo cantar.’

e. *Bu ka ta kanta*
 2s NEG PROG cantar
 ‘Não costumamos cantar.’

1.8.7. O fonema /ŋ/

No crioulo guineense, quando em posição inicial de palavra, o fonema /ŋ/ pode corresponder a um mero segmento inicial da palavra ou ao morfema pronominal de primeira pessoa do singular. No primeiro caso, /ŋ/ é representado pelo grafema <*n*'> ou <*N*'> (i.e. *n* + apóstrofo sem espaço), como ilustrado no exemplo (f):

f. *N'oroto*
 ‘foice’

Quando o fonema /ŋ/ corresponde ao morfema pronominal de primeira pessoa do singular surge representado pelo grafema <*n*' > (i.e. *n* + apóstrofo + espaço), como ilustrado no exemplo (g):

g. *N' nota*
 1s notar
 ‘Eu notei’

O fonema /ŋ/ é escrito com o grafema *n* mesmo diante das oclusivas bilabiais, como ilustrado nos exemplos (h) e (i), e da nasal bilabial, como ilustrado em (j), apesar de as duas nasais se tornarem homorgânicas nestas situações:

- h. *n* ' *panta*
1s assustar
'Eu assustei-me'
- i. *N* ' *bay*
1s ir
'Eu fui'
- j. *N* ' *montya*
1s caçar
'Eu cacei'

Em posição final, tanto o fonema /ŋ/ como o fonema /m/ serão representados pelo grafema <n> nos exemplos relativos ao crioulo guineense. Porém, os mesmos fonemas em posição final em balanta são representados de forma distinta. Assim, o fonema /ŋ/ em balanta é representado pelo grafema <n>, enquanto que o fonema /m/ é representado pelo grafema <m>.

1.8.8. Morfema {ba}

Devido à coincidência formal entre o morfema de passado e o verbo *ir* no crioulo guineense, i.e. {ba} e *ba*, frases como a ilustrada no exemplo (k) tornam difícil a distinção entre o marcador de passado e a forma verbal, pelo que este é precedido de hífen para que não seja confundível com o verbo que o precede:

- k. *N* ' *ba* -*ba* *prasa*
1s ir TMA cidade
'Fui à cidade'

Capítulo 2

Revisão da Literatura

2.1. Introdução

Neste capítulo discute-se o estado da arte, quer em relação aos crioulos em geral, quer em relação ao crioulo em estudo nesta tese, o crioulo guineense. Discutem-se em primeiro lugar as diferentes teorias sobre a génese dos crioulos antes se discutir especificamente o crioulo guineense.

2.2. Teorias sobre as línguas crioulas

A definição dos crioulos geralmente aceite no campo da linguística de contacto, ainda que simplificada, é que se trata de línguas híbridas resultantes do cruzamento entre duas ou mais línguas numa certa relação de poder, em que uma delas é a língua do detentor do poder e a fonte principal do léxico (o superestrato) e a outra é a língua do dominado, cuja estrutura serve de principal suporte gramatical do crioulo (o substrato), relação essa existente em África predominantemente só após a chegada dos europeus. Mas é sabido que antes da expansão europeia já existiam *pidgins* em África, entre eles a língua franca e o *pidgin* árabe (cf. Holm 2000:14).

Thomason e Elgibali citados por Holm (*ibid.*) referem que o mais antigo registo de um *pidgin* é um breve texto escrito em árabe reestruturado, aparentemente usado nas transacções comerciais no centro da Mauritânia, no século XI (Holm 2000:15). Por sua vez, a língua franca, um *pidgin* cujo léxico deriva essencialmente das línguas dos romances mediterrânicos, era usada ao sul e este do Mediterrâneo, desde os tempos das cruzadas até ao início do século XX, pelos europeus, árabes, turcos, e outros (Schuchardt 1909).

2.2.1. O século XIX

Mas é Van Name (1869-70), que é tido no campo da linguística de contacto como sendo o precursor do estudo científico das línguas crioulas (Stolz 1986:14). A sua

preparação em filologia e a sua familiaridade com várias línguas europeias permitiram-lhe ter bases que lhe facilitaram a descrição comparativa dos quatro grupos lexicais dos crioulos caribenhos (francês, inglês, holandês e espanhol/português). Foi o primeiro a referir-se a um conjunto de características sintáticas comuns a esses crioulos, como por exemplo o uso do pronome pessoal terceira pessoa do plural para marcar o plural, o uso da palavra que significa ‘corpo’ como pronome reflexo, a construção em série do verbo ‘dar’. Notou também semelhanças lexicais, entre outros contributos. Acima de tudo, percebeu que a criouliização é precedida de pidginização, embora não tivesse usado este termo.

Os finais do século XIX trouxeram um novo ímpeto aos estudos crioulos. É nessa época que Adolfo Coelho, filólogo português, publica no *Boletim da Sociedade Geográfica de Lisboa*, artigos editados entre 1880 e 1886 sobre as variedades dos crioulos de base lexical portuguesa falados em várias colónias. A maior parte do material provinha de Cabo Verde, mas também incluía exemplos de falas de São Tomé, de Goa, de Macau e até do Brasil, na altura já independente. No entanto Coelho será lembrado como sendo o primeiro a articular uma posição teórica em relação à origem dos crioulos que mais tarde se chamaria de teoria universalista. Coelho atribui uma maior importância a certas tendências universais de adultos na aquisição de segunda língua (L2), como seja a simplificação, negando a importância do substrato. Na posição oposta está o filólogo francês Adam (1883), antigo magistrado na Guiana Francesa que comparou o seu lecto crioulo com o de Trinidad e ainda com muitas línguas Oeste Africanas e por outro lado comparou o crioulo de base lexical francesa das Maurícias com o malgaxe. E conclui que:

os negros levados para as colónias das Caraíbas levaram consigo palavras do francês mas retiveram tanto quanto possível a fonologia e a gramática das suas línguas maternas... Tal formação é seguramente híbrida. A gramática é a gramática geral das línguas da Guiné.... Pude confirmar que a fonologia desta terceira língua colonial [crioulo de base lexical francesa das Maurícias] é de proveniência malgaxe e que o falar das Maurícias é uma língua Malaio-Ariana (1883:4-7 in Holm 2000:28, tradução do autor).

Mais tarde Goodman (1964) diria que foi Adam quem trouxe à luz certos paralelismos entre os crioulos atlânticos e várias línguas africanas, tal como a formação do plural a partir do pronome pessoal terceira pessoa do plural, a posposição do artigo

definido *la* (uma aparente convergência funcional de uma palavra francesa com a do *ewe*) e alguns paralelismos fonológicos. No entanto Goodman alerta para o facto de alguns desses paralelismos não serem convincentes, uma vez que as características em causa poderão coincidir em numerosas línguas.

No entanto, uma das maiores figuras da sociolinguística, Schuchardt, enfatizou o papel dos indivíduos no processo social conducente à mistura de línguas, iniciando assim a moderna teoria sociolinguística da variação. Entre 1882 e 1885 escreveu para cerca de 343 administradores coloniais, missionários, jornalistas e outras pessoas instruídas que viviam em áreas que eventualmente teriam desenvolvido um *pidgin* ou crioulo. As cerca de 124 respostas recebidas permitiram-lhe elaborar uma distribuição geográfica dos principais *pidgins* e crioulos. Numa primeira fase não diferencia os *pidgins* dos crioulos, nem do ponto de vista sociológico nem do ponto de vista histórico. A sua correspondência com Coelho permitiu-lhe ter acesso a importantes dados, tendo publicado o primeiro artigo sobre os crioulos – *Ueber das Negerportugiesische von S. Thomé (Westafrika) (1882)*. A sua análise crítica do trabalho de Coelho e os seus anos de experiência anterior permitiram-no acreditar que mais comparações de dados dos crioulos poderiam levar a concluir-se que a hipótese de Coelho (universalista) talvez fosse correcta se não fosse tão extremista. Mas não formulou uma teoria nem totalmente a favor do universalismo de Coelho nem claramente a favor dos substratistas, embora se pudesse subentender que a sua hipótese reconhecia a importância do substrato. Segundo Gilbert (1980:6), Schuchardt baseava a sua análise na busca de determinados itens linguísticos, analisados caso a caso, mas Bickerton (1979:ix) referiu que a teoria de Schuchardt não tinha consistência.

É a Schuchardt que se deve a primeira anotação das similaridades do crioulo de base lexical portuguesa de São Tomé com os crioulos caribenhos (1882:895ff), pondo a hipótese sobre o empréstimo ou difusão entre os crioulos de diferentes bases lexicais e sugerindo a possibilidade de relexificação.

Entretanto, Meijer e Muysken (1977:32) consideram que o interesse principal de Schuchardt era a influência do substrato. Mas Schuchardt teve sempre o cuidado de distinguir entre os itens provenientes do substrato e aqueles cuja origem pode ser atribuída à teoria universalista.

Os trabalhos de Schuchardt continuam a ser uma importante fonte de informação e um valioso contributo em relação a várias áreas da linguística. Não foi apenas o fundador da crioulistica mas também o primeiro a dar a devida importância aos crioulos no campo da linguística em geral.

2.2.2. O século XX

Porém, no caso do CG, o facto de os falantes serem bilingues e às vezes multilingues nas línguas de substrato do seu crioulo conduziu a um desenvolvimento diferente. Ou seja, linguisticamente, os crioulos que mantêm contacto com a(s) sua(s) língua(s) de substrato, i.e. *settlers' creoles*, na terminologia de Reinecke (1937), tendem a ser mais influenciados por elas. Embora essa diferenciação tenha sido ignorada por muitos crioulistas, a verdade é que tem alguma lógica esperar uma variação quer do ponto de vista social, quer do ponto de vista sociolinguístico entre um crioulo que está em contacto com as suas línguas de substrato e aquele que não tem esse contacto (i.e. *plantation creoles*).

A emergente disciplina dos estudos crioulos dava passos, mas as publicações na área não eram largamente difundidas e lidas. As teorias sucediam-se, e as várias correntes de pensamento sobre as suas origens começavam a desenvolver-se. Em finais da década de 50 e início da década de 60 do século XX, o número de investigadores no campo da crioulistica cresce. Cresce também o interesse pelos crioulos caribenhos e escrevem-se as primeiras dissertações de doutoramentos em crioulistica e a primeira conferência é organizada por Le Page na Jamaica em 1959 (Holm, 2000:45).

Uma das consequências desta primeira reunião foi o surgimento da teoria da monogénese dos crioulos, que postula que a maior parte dos *pidgins* e crioulos poderão ter tido origem num único *pidgin* de base lexical portuguesa do século XV em África, ou eventualmente na língua franca, e que este *pidgin* se teria relexificado ou fora traduzido palavra a palavra para as outras línguas de base lexical europeia.

Não tendo sido provada a ligação entre o *pidgin* português e o sabir, a monogénese transforma-se numa questão de fé entre os crioulistas (Holm 2000:58). É retomada a parte da teoria monogenética que estabelece a ligação dos crioulos atlânticos com o substrato africano, independentemente de ter havido ou não um *pidgin* português (ou baseado em qualquer outra língua europeia) intermédio (Hall 1968:365).

É um facto que todas as teorias, com excepção da teoria monogenética, implicam a poligénese, isto é, a origem múltipla dos crioulos que terá ocorrido em diferentes lugares e em momentos diferentes, e que terão produzido resultados paralelos. Mas ainda há crioulistas que continuam a interpretar a origem dos crioulos em termos monogenéticos, em como terão sido formados a partir de um protocrioulo e que depois se espalhou para as diferentes partes. (cf. Holm 2000:46, 123)

No entanto, há desacordo em relação ao *pidgin* de base portuguesa do qual derivariam todos os crioulos: Whinnom (1956:9-10) relaciona-o com a língua franca, enquanto Taylor (1963:813), por exemplo, sugere um *pidgin* português. Ainda na segunda conferência, em 1968, a hipótese da monogénese era recusada por Alleyne nestes termos:

“pidgins” ou “crioulos” são, de forma geral, na sua génese, um fenómeno europeu... Não acho que [as tentativas para relacionar o pidgin de base portuguesa com o sabir] é necessária para a explicação da génese dos dialectos “crioulos” e nem acho que se já se tenha argumentado de forma convincente neste sentido (Alleyne 1971: 170). [tradução do autor]

No entanto Alleyne aceita a hipótese da relexificação como sendo o mecanismo pelo qual as línguas africanas se transformaram em crioulos.

Para além da teoria da origem única dos crioulos, a monogénese, desenvolve-se na década de 70 também a do *continuum*, usado por DeCamp (1961:82) para explicar a ligação histórica entre os crioulos e as variações pós-crioulas, desde a variedade basilectal, passando pelas variedades mesolectais e acrolectais até aos pós- crioulos. Trata-se de um conceito que explica a variação como o resultado da mudança. Esta teoria desenvolve-se em situações onde os crioulos coexistem com o superestrato e onde existe uma motivação social (prestígio) para se aproximar as características dos crioulos às da fonte do léxico. Isto leva a que do ponto de vista diacrónico o crioulo vá perdendo a nível individual dos falantes (diferenciando-se sincronicamente), as suas características gramaticais, adquirindo as do superestrato progressivamente. Esse processo é conhecido como descrioulização. A difusão dessas mesmas características pelos falantes pode resultar numa dupla influência, por um lado o crioulo passa a ter novas características (do superestrato), por outro o próprio superestrato pode começar a receber características do crioulo (Holm 2000:52).

Porém, a discussão não termina aqui. No mesmo período desenvolve-se um consenso geral em torno da ideia de que as línguas africanas tiveram um papel importante na formação dos crioulos atlânticos a todos os níveis. Bem analisadas as teorias monogenética e poligenética, chega-se à conclusão imediata de que a influência do substrato é o elemento chave nas duas argumentações sobre a formação dos crioulos. Taylor atribui uma atenção cada vez maior à influência estrutural dos substratos nos crioulos atlânticos nas suas publicações (1971, 1977). Mas Bickerton minimizou tal influência, considerando-a irrelevante (cf. Holm 2000:62). Começa assim a actualização da teoria universalista introduzida por Coelho no século XIX. Chomsky (1965:27) afirma que as crianças nascem já com uma predisposição para reconhecer certas propriedades universais das línguas, o que lhes facilita a aprendizagem da língua usada nas suas comunidades. Propriedades essas baseadas na simplificação que Ferguson (1971:143) diz serem aquelas que todas as comunidades linguísticas têm e usam quando falam com outros membros da comunidade que julgam não ter competência completa para os entenderem (por exemplo crianças e estrangeiros). Diz ainda que essa simplificação universal teve um papel importante na formação dos *pidgins*, uma vez que os falantes nativos das línguas fontes do léxico simplesmente a usaram quando se dirigiam aos não nativos dessas mesmas línguas. Kay e Sankoff (1974:62) secundaram Ferguson, fornecendo dados que pretendem provar essa simplificação. Mais tarde Bickerton (1974) enfatizou dizendo que são os crioulos que apresentam as características apontadas por Kay e Sankoff e não os *pidgins*, que para ele continuam a ser caóticos. Bickerton avança ainda com a teoria que ficou conhecida no campo da linguística de contacto como a teoria do bioprograma, segundo a qual o cérebro estaria biologicamente pré-programado para reconhecer determinadas estruturas gramaticais ‘Há um sistema (verbal) de tempo, modo e aspecto natural, embutido numa área específica do cérebro’ (1974:12). Esse sistema teria marcadores pré-verbais de tempo, modo e aspecto que podem ocorrer nesta ordem e em várias combinações. Bickerton diz ainda que esta pré-programação guia a aquisição de línguas numa primeira fase, mas é suprimida sistematicamente com o passar do tempo por causas sociais. Mas na crioulição, ela funciona nas crianças na sua primeira fase de aquisição da língua, mas não desaparece nos adultos da mesma comunidade, que continuam a falar um *pidgin* caótico.

As pesquisas de Bickerton sobre os crioulos levaram-no a concluir que há muitas semelhanças gramaticais entre os diversos crioulos falados nas Américas, em África e no Pacífico. Considerou ser o seu *bioprograma linguístico* a origem dos universais e auto intitulou-se universalista. Entendeu também que todas as outras explicações que afirmam que os crioulos resultaram de uma combinação de um léxico europeu com uma gramática africana não eram adequadas e propôs uma nova explicação baseada numa hipótese do *bioprograma linguístico*. Isto é, ele acreditava que os padrões sintácticos dos crioulos são tão similares pelo mundo porque se baseiam numa predisposição neurológica (nas cabeças das crianças filhas de adultos falantes dos *pidgins*), e é essa estruturação neurológica que lhes permite adquirir, organizar e expressar-se espontaneamente numa língua humana, antes de serem condicionados pelos pais com as estruturas gramaticais de qualquer língua.

Em finais dos anos 90 iniciou-se um novo debate sobre a identidade dos crioulos. Trata-se da ideia de que os crioulos são diferenciáveis sincronicamente das línguas não crioulas devido a três características principais, a saber: a pouca ou total ausência de flexão por afixação, o pouco ou nenhum recurso ao tom para contrastar monossílabos do ponto de vista semântico e, por fim, do ponto de vista morfológico, têm uma afixação transparente e regular devido à sua idade relativamente nova. Esta teoria foi lançada por McWhorter (1998), que a justifica como sendo um “resultado directo de uma transmissão da língua lexificadora interrompida em data tão recente que os traços não podiam ter sido desfeitos pela mudança diacrónica” (McWhorter 1998:812).

Pela mesma altura, começa a crescer o interesse pelas línguas crioulas em Portugal. A pesquisa, que anteriormente era dispersa e muitas vezes não era feita por especialistas na área, torna-se mais sistemática e científica. É assim que se realizam em 1991, em Lisboa, organizado pelos professores d’Andrade e Kihm e na Figueira da Foz em 1993, pelo luso-guineense Benjamin Pinto Bull, encontros internacionais sobre os crioulos. Estes encontros foram um grande mote para as reuniões que se lhes seguiram, numa das quais se criou a *Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola* (ACBLPE), que realizou o seu primeiro encontro na Universidade de Coimbra em 2001. Trata-se de uma associação científica internacional, sem fins lucrativos, que se reúne anualmente desde a sua criação e que tem sido um dos baluartes

na promoção do estudo científico dos pidgins, crioulos e semi-crioulos de base lexical ibero-românica.

Também o interesse da comunidade académica em relação aos crioulos cresce. Embora ainda não haja em nenhuma das universidades portuguesas uma licenciatura em crioulistica, estudos de pós-licenciatura e publicações neste domínio têm surgido em algumas universidades. Referência especial aqui para a última dessas publicações, a de Pereira (2006), o primeiro manual sobre os crioulos publicado em Portugal à medida dos estudos de licenciatura.

2.3. Estudos sobre o crioulo guineense

Sendo Portugal a primeira potência colonial, no sentido moderno do termo, a chegar a África, é natural que os crioulos de base portuguesa sejam dos mais antigos crioulos conhecidos e estudados. Inclui-se neste caso o crioulo guineense, que é matéria desta tese. Tenta-se então sintetizar em poucas páginas, conservando a pertinência do assunto, o que são até esta data os estudos sobre este crioulo.

2.3.1. Estudos sobre o crioulo guineense até 1900

Em alguns escritos de viajantes e religiosos portugueses do século XVI abundavam palavras crioulas, como nota De la Courbe (Pinto Bull 1989:83). A primeira referência implícita ao crioulo guineense (devido ao preconceito colonial), data de 1594, e é atribuída a André Álvares de Almada (do Couto 1994:34-35) que fala de “nossa língua” e “nossa língua portuguesa”, interpretado assim por Pinto Bull: “Pensamos que por “nossa língua” deve entender-se um crioulo-português” (Pinto Bull 1989:71). A primeira referência explícita é atribuída a Francisco de Lemos Coelho, e data de 1684 (do Couto 1994:35), usando a expressão entre parênteses “palavras de creolo de Cachéu”. Em 1685 uma outra referência é feita ao crioulo, levando a supor que já se tratava de uma palavra conhecida. Bollée acredita ser esta segunda referência a primeira de uma língua crioula em que se usou o próprio termo *crioulo*:

1688 wurde er [der Terminus ‘crioulo’] zum ersten Male für eine Sprache, und zwar für ein kreolisiertes Portugiesisch im Senegal, benutzt. (Bollée 1977:14).

Em 1696, Portuense faz um relato ao rei de Portugal sobre a conversão do rei de Bissau, Becampolo Có, transcrevendo uma expressão sua em crioulo: “*Agora mi esta sabe*” (Portuense 1974/1696:103). Esta frase é muito próxima do actual crioulo. A mesma expressão seria *gosi (dja) (ami) N’sta sabi* ‘agora sinto-me bem’ no crioulo guineense moderno, variante de São Tiago, (Pereira 2006:21).

Note-se o uso do pronome pessoal sujeito enfático *mi* em vez do não-enfático *N* (nasal velar) ou a combinação dos dois (*ami N’*) e a forma verbal auxiliar *esta* antes do verbo principal *sabe*. As formas verbais do crioulo derivam principalmente da terceira pessoa do singular do indicativo presente do português. No caso, o /e/ final sofreu um processo de fechamento. Sofreu igualmente uma evolução semântica (*saber* ‘conhecer’, para *sabe* ‘estar bem’). O primeiro elemento lexical *agora* é *gosi* no crioulo actual. O uso de *agora* pode ser associado à tendência para a marcação dos tempos verbais por via lexical, recorrendo ao uso de advérbios, na primeira fase da aprendizagem do L2.

Depois desta referência, houve um hiato e as referências ao crioulo em publicações só voltam a aparecer no século XIX, no trabalho de Bocandé (1849), em francês, no *Bulletin de la Societé de Géographie de Paris*. Numa análise algo depreciativa, comparando o crioulo ao francês, Bocandé esboça algumas notas gramaticais realçando a ausência de flexões de género, de número e de pessoa, o recurso a marcadores para formar os tempos verbais, entre outras características. Reconhece que a base lexical do crioulo é o português, e nota as variações sociais e diatópicas. Foi dos primeiros a falar da estrutura do crioulo e teve o mérito de reconhecer que o crioulo não é um dialecto do português (cf. Morais Barbosa 1967:34-37).

O padre Marcelino Marques de Barros nota alguns erros de Bocandé (Barros 1897/99: 277-78). Entre os finais do século XIX e inícios do século XX publica uma série de artigos sob o título “O Guineense”, na qual trata das tradições e etnografia, da sua convenção para a transcrever o crioulo, de algumas questões gramaticais, da conjugação de alguns verbos, etimologias, variedades do crioulo e comparações com o crioulo cabo-verdiano. Produz também um “Vocabulário Português-Guineense”, aparentemente o primeiro. Escreve “Textos em Prosa e Verso” com tradução e comentários linguístico-etimológicos.

2.3.2. Estudos sobre o crioulo guineense após 1900

Segue-se um período vazio do ponto de vista da produção de informação escrita sobre o crioulo guineense que dura cerca de meio século. Parece não haver material que tivesse sido produzido neste período, atitude reveladora do pouco interesse que era dado a essa língua.

Em 1954, Mota publica *A Guiné Portuguesa* e dedica duas páginas ao crioulo, nas quais demonstra uma posição favorável em relação ao crioulo e critica a “má vontade” manifestada por diversos meios e por diferentes pessoas acerca da mesma língua.

Wilson (1959), linguista da escola de Marius Valkhoff, a convite da administração colonial, estuda as línguas guineenses, entre os quais o crioulo (cf. Wilson 1959: 594-597), fazendo uma descrição da sua estrutura morfo-sintáctica e um estudo de algum vocabulário. Em Wilson (1962), em 49 páginas trata do vocabulário, fonologia, a categoria das palavras, construções sintácticas, as formas do crioulo e uns textos exemplificativos. O mérito de Wilson prende-se com o facto de se tratar da primeira descrição (conhecida) do crioulo guineense dos tempos modernos, numa altura em que o interesse pelos crioulos começa a crescer.

É ainda Wilson (1959) que no mesmo período inicia os estudos sobre a língua Balanta (também objecto desta tese) e de várias outras línguas da Guiné. Neste estudo em particular, além de explorar o léxico e alguma etimologia, Wilson discute igualmente aspectos morfo-sintácticos do balanta, como a marcação do género, do número e dos tempos verbais, a estrutura frásica e a marcação da negação, entre outras. São da mesma altura os trabalhos de Quintino (1959) sobre o balanta, mas este discute apenas o léxico e a etimologia. Outros materiais sobre o balanta são apenas os catecismos dos missionários. Mas trata-se de matérias não difundidas nem mesmo a nível do país, limitando-se apenas a serem usados nas comunidades onde foram produzidos.

Chataigner (1963) restringe o seu trabalho à variante do Casamance. São 28 páginas em que o autor assume que o crioulo é uma língua eminentemente africana pela sua estrutura gramatical, mas com léxico europeu. Analisa de seguida várias partículas verbais (por exemplo o marcador progressivo *na* e o factivo *ta*) e sufixos, comparando-os sistematicamente com a morfologia de algumas línguas africanas relevantes,

principalmente mandinga e wolofé. Em relação ao léxico, Chataigner considera-o de base latina com elementos fonológicos africanos. Dá grande importância ao tratamento fonético no léxico do português. Compara igualmente a estrutura da sílaba do português (CCVC) com a do crioulo (CV) e relaciona esta última com a estrutura da sílaba do mandinga (CV). Discute ainda a prosódia do crioulo e a sociohistória.

A fonologia do crioulo guineense é tratada por Mboj (1979). Interpreta o sistema consonântico, o sistema vocálico e discute as questões da nasalidade vocálica e pré-nasalidade consonântica. Escreve ainda mais dois trabalhos: *Grammaire du Créole de Guiné Bissau* e *Lexique Créole-Français*.

Pela mesma altura Scantamburlo (1981) publica a primeira gramática do crioulo guineense com finalidades pedagógicas. A gramática contém uma exposição gramatical, textos e glossário. Scantamburlo notabilizou-se não só por este trabalho, mas por uma série de outras publicações sobre o crioulo guineense, tendo trazido a público aspectos relevantes do CG, percorrendo toda a estrutura da palavra e da frase. Trata-se de uma descrição bilingue (em português e em inglês) da gramática do crioulo guineense e traz a lume vários aspectos deste crioulo, tais como os ideofones (adjuntos de intensidade como os chamou) e de forma entendida discute questões do alfabeto e da grafia do CG. Em 1999 publica o primeiro volume da sua obra, *Dicionário do Guineense*, onde descreve a gramática do guineense, e em 2002 sai o segundo volume, desta vez apenas dicionário, mas desenvolve alguns dos conceitos propostos em 1999, nas notas introdutórias, tendo acrescentado notas ortográficas e convenções de escrita. Promove projectos do ensino bilingue em crioulo e português.

Em 1981 Padre Biasutti publica o dicionário *Vocabulari Kriol-Portugis*, sobre o Crioulo Guineense, com mais de quinze mil entradas, resultado de cerca de 20 anos de vida na Guiné. Trata-se do primeiro dicionário conhecido sobre o Crioulo Guineense.

Kihm, investigador no Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, publica em 1980 a sua tese de doutoramento *Aspects d'une syntaxe historique: Études sur le créole portugais de Guiné Bissau*. As investigações de Kihm culminam em 1994 com a publicação de *Kriyol Syntax: the Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*. Tópico inédito na altura, versava sobre os diferentes aspectos da morfossintaxe do crioulo guineense, analisando exhaustivamente toda a estrutura sintáctica e alguns itens morfológicos. Analisa a estrutura do sintagma nominal e o uso dos demonstrativos

como especificadores do nome, a marcação do género e do número, a marcação do tempo, modo e aspecto entre outros aspectos. Trata-se do desenvolvimento dos tópicos tratados em 1980, mas as teorias que usou, *Generalized Phrase Structure Grammar* e *Head-driven Phrase Structure Grammar* (Kihm 1984:9-10), nunca se difundiram muito, o que limita o acesso a este livro.

Em 1988 surge o primeiro curso do crioulo guineense, escrito em francês, pela dupla Doneux e Rougé. O manual contém textos de leitura, notas gramaticais e culturais, diálogos e algumas explicações em francês. São vinte lições que os autores entendem não serem suficientes para se poder ganhar um bom domínio do crioulo. Mas o mérito da obra deve-se ao facto de esta ser uma boa fonte de iniciação aos estudos do crioulo guineense.

A tese de Peck (1988) analisa de forma exaustiva o crioulo de Casamance, uma variedade da mesma língua. *Tense, Aspect and Mood in Guinea-Casamance Portuguese Creole* discute essencialmente o sintagma verbal da variante do Senegal, mas também aborda aspectos históricos e sociolinguísticos nos seus capítulos iniciais.

Pinto Bull, guineense de nacionalidade e falante nativo do crioulo guineense, viveu durante um longo tempo no Senegal, depois em Portugal. Em *o Crioulo da Guiné Bissau: Filosofia e Sabedoria* (1989), discute a história da língua e do povo, a importância do crioulo e o seu contexto. Dedicou algumas páginas aos provérbios, alcunhas e fórmulas invocatórias, adivinhas e contos e um glossário trilingue (crioulo, português e francês) com mais de 2500 entradas. É uma abordagem mais filológica-literária do que linguística propriamente dita.

O livro do fonólogo brasileiro Couto (1994), é particularmente relevante no que toca à história, fonologia e outros aspectos da estrutura do crioulo guineense. Aborda a história do povo e da língua da Guiné Bissau, aspectos da situação sociolinguística, o percurso histórico dos estudos sobre o este crioulo, a questão da língua do ensino e a fonologia. Estabelece um quadro dos fonemas vocálicos e consonânticos do guineense, e analisa a sua morfologia. É o primeiro a insurgir-se contra o “eurocentrismo” (Couto 1994:83) de algumas análises anteriores da morfologia do crioulo, por forçarem as palavras desta língua a entrar no colete de forças das categorias como substantivo, verbo etc. Trata os mesmos temas mas de uma forma meramente tipológica e classificatória.

Benson, investigadora sueca da Universidade de Estocolmo (2003), centra a sua atenção essencialmente na sociolinguística, analisando os prós e contras do uso do português como a língua de instrução e muitos outros constrangimentos da situação linguística guineense. É seu o argumento de que na Guiné-Bissau existe uma situação de triglossia entre o português, o crioulo guineense e as línguas africanas do país. E aponta as vantagens e as desvantagens de uma eventual adopção do crioulo como língua do ensino, pelo menos nos primeiros anos de escolaridade.

Chapouto (2007) é uma tese de mestrado, onde a autora analisa a fonologia do guineense, discutindo matérias como os sistemas vocálico e consonântico e o acento, entre outros.

Capítulo 3

Sintagma Nominal

3.1. Introdução

Neste capítulo serão analisados os sintagmas nominais das três línguas em comparação, começando pelo crioulo guineense, seguido do balanta e do português. Como referido anteriormente, apenas as estruturas tidas como relevantes para a distinção entre o crioulo guineense e o seu superestrato e substratos serão analisadas. Assim, na secção 3.2. analisar-se-á a categoria gramatical do núcleo nominal e os tipos de estrutura interna que os sintagmas nominais podem apresentar nas três línguas em análise. Na secção 3.3 à subsecção 3.3.4, analisar-se-á o comportamento dos determinantes, e modificadores do núcleo do sintagma. Na secção 3.4 e 3.5 discute-se a pronominalização e na secção 3.6 apresentam-se as principais conclusões relativas à análise dos sintagmas nominais do crioulo guineense, do balanta e do português com o objectivo de verificar qual o grau de influência do superestrato/adstrato, e o dos substratos/adstrato.

3.2. Núcleo nominal

Nas três línguas em comparação, a categoria gramatical do núcleo do sintagma nominal pode ser um nome (concreto ou abstracto, próprio, comum ou colectivo) ou um pronome. É em torno do núcleo que orbitam os seus determinantes e e os seus modificadores, com os quais o núcleo mantém relações de concordância diversas, como se analisará nas subsecções 3.2.4 e 3.3.4.

O crioulo guineense, o balanta e o português têm ainda em comum o facto de apresentarem os seguintes tipos de estrutura interna do sintagma nominal:

- (a) SNs constituídos exclusivamente pelo núcleo, seja este ocupado por um nome ou por um pronome;
- (b) SNs constituídos pelo núcleo nominal e seus determinantes, quantificadores e/ou modificadores;

3.2.1. Nomes próprios

No crioulo guineense e no balanta os nomes próprios designam indivíduos, lugares e eventos específicos e são normalmente invariáveis, ainda que, como adiante se verá (cf. subsecção 3.2.4.2), em ambas as línguas exista a possibilidade de estes receberem o prefixo de plural *bi*.

(1) CG *Ntoni tene livru.*
António tem livro
'O António tem um livro'

(2) BAL *Tcuma ten garte.*
Tchuma tem livros
'A Tchumá tem uns livros'

No português os nomes próprios de pessoas são também normalmente invariáveis.

(3) PORT (O) *João tem uns livros*

3.2.2. Nomes comuns

Conforme notaram Baptista, Mello e Suzuki (2007) (BMS fr. 166b), quando os nomes ocorrem sem determinantes no crioulo guineense a frase tem normalmente uma leitura genérica, como ilustrado no exemplo (4).

(4) CG _____ *Omi ta sufri*
DET homem HAB sofrer
'Homem sofre'

O mesmo acontece no balanta, em que a ausência de determinantes leva a uma leitura genérica da frase:

(5) BAL *Lante _____ mat mida.*
Homem DET HAB sofre
'O homem sofre.'

Contrariamente ao crioulo guineense e ao balanta, o português apenas permite uma leitura genérica da frase quando o nome não é precedido de qualquer determinante, quantificador ou modificador, como ilustrado pelo exemplo (6).

(6) PORT ____ *Leite é bom.*

Em circunstâncias específicas (especialmente nos provérbios), quer o artigo definido quer o indefinido podem ser omitidos para expressar ideias vagas, como no exemplo (7), ou devido a presença, no discurso, de outro elemento especificador, como ilustrado no exemplo (8).

(7) PORT __ *Foi acusado de __ crime.* (Cunha e Cintra 1984:237)

(8) PORT __ *Amigo fiel e prudente é melhor que parente.* (ibid. 242)

3.2.3. *Nomes colectivos*

Tradicionalmente os nomes colectivos são definidos como aqueles que, “no número singular, designam um conjunto de seres ou coisas da mesma espécie” (Cintra e Cunha 1984: 178). No crioulo guineense e no balanta os nomes colectivos formam-se a partir dos nomes comuns com os respectivos marcadores do plural (subsecção 3.2.4). São extensões semânticas do plural dos nomes comuns, pelo que apenas o contexto ajuda a decifrar se se trata da forma plural do nome comum ou de um nome colectivo. Pelo contrário, no português os nomes colectivos seguem a definição clássica dada pelas gramáticas tradicionais da língua.

Tabela 6: Nomes colectivos em crioulo guineense, balanta e português

	Nome comum (singular)	Nome comum (plural)	Nome colectivo
CG	lubu	lubus	lubus
BAL	n'ol	nn'ol	nn'ol
PORT	lobo	lobos	alcateia

3.2.4. Número no sintagma nominal

3.2.4.1. Afixos

No mesolecto e acrolecto do crioulo guineense, o plural pode ser inferido a partir do contexto ou indicado morfologicamente através da sufixação do morfema de plural {-s} aos nomes, especialmente os [+ humanos]. Por outras palavras, as variedades mesolectais e acrolectais do crioulo guineense marcam o plural através do mesmo processo morfológico usado no português. Contudo, nas variedades basilectais apenas os núcleos nominais [+humanos] não precedidos de um quantificador recebem marcação morfológica do plural. Apesar destas diferenças entre si, todas as variedades do crioulo partilham o facto de os determinantes e os modificadores serem invariáveis e não receberem, por isso, qualquer marcação de número.

(9) CG *mininu* ***djiru*** ____
menino inteligente
'um menino inteligente'

(10) CG *mininu-s* ***djiru*** ____
menino-PL inteligente:SG
'uns meninos inteligentes'

(11) CG *dus mininu (-s)* ***djiru*** ____
dois menino (-PL) inteligente:SG
'dois meninos inteligentes'

No balanta, o número plural é indicado pelo prefixo de classe, que é sempre distinto da correspondente forma do singular. As formas do plural seguem uma variedade de processos fonológicos, incluindo a adição, inserção, substituição, geminação e apagamento do fonema segmental inicial. Este último processo é ilustrado no exemplo (12a e 12b).

(12a) BAL ***p-karu***
SG-carro
'o carro'

- (12b) BAL *karu*
 PL:carro
 ‘os carros’

No português, regra geral, todos os nomes contáveis e a maior parte dos seus determinantes, quantificadores e modificadores são marcados no plural sufixando o morfema {-s} às formas do singular. A concordância entre estes elementos e o núcleo do sintagma é obrigatória em português:

- (13) PORT *O aluno estudioso*
 o aluno:SG estudioso:SG

- (14) PORT *O-s aluno-s estudioso-s*
 o-PL aluno-PL Estudioso-PL

3.2.4.2. *Marcação do plural com recurso ao pronome pessoal 3PL*

O processo de marcação do plural com recurso ao pronome pessoal sujeito terceira pessoa do plural ocorre em várias línguas africanas e crioulos atlânticos, como por exemplo no angolar em que *anE* ‘eles’ funciona como marcador de plural (ex: *anE anDu* ‘os meninos’, literalmente ‘eles meninos’) (Lorenzino 1998:134).

O recurso sistemático a esta estratégia não foi encontrado em nenhuma das três línguas analisadas. Porém, Kihm (1994:129) nota que no crioulo guineense que o marcador do plural *ba* (ou *ban*, em Ziguinchor, no Casamance) pode ser prefixado aos nomes próprios de pessoas para indicar a sua família, amigos etc. Kihm relaciona-o à forma “o prefixo da classe 2 /*ba*-/, marcador do plural dos nomes humanos, presente em várias línguas da região, principalmente no manjaku, balanta e diola”. Note-se que o *ba* do BAL é a forma enfática de *bi*, pronome pessoal sujeito 3PL não enfático.

- (15) CG **Ba** *Ntoni*
 3p António
 ‘António e a sua família e os seus amigos’

- (16) BAL **Bi-** *Ntoni*
 3p António
 ‘António, a sua família e os seus amigos’

Esta estrutura não existe em português.

3.2.5. *Género no sintagma nominal*

Nem o crioulo guineense nem o balanta indicam o género por meio da flexão. Em vez disso, indicam o sexo natural por via lexical, fazendo seguir ao nome com palavras *matco* e *femia* no crioulo guineense, *lante* ‘homem’, e *nin* ‘mulher’ no balanta:

(17a) CG *ermon* ***matco***
BAL *bia-iada* ***lante***
irmão homem

(17b) CG *ermon* ***fia***
BAL *bia-iada* ***nin***
irmão mulher

Note-se que em balanta, *lante* ‘homem’ e *nin* ‘mulher’ usam-se para designar pessoas adultas, enquanto que *lufu* ‘menino’ e *fula* ‘menina’ são usados para pessoas jovens. Uma vez que crioulo guineense e balanta não têm flexão de género (na acepção da gramática tradicional), não há concordância de género entre os nomes e seus modificadores, concordando apenas em classe.

A gramática tradicional do português distingue entre género masculino e feminino através da flexão, associando geralmente a desinência *-o* com género masculino e a desinência *-a* com género feminino, tanto no caso de nomes animados como no caso de nomes inanimados (embora isto seja discutível e haja linguistas que defendem que o português não tem flexão de género).

(18) PORT *um* *carro* *lind-o*
DET:M carro lind-M
‘um carro lindo’

(19) PORT *um-a* *casa* *lind-a*
DET-F casa(F) lind-F
‘uma casa linda’

3.3. Elementos não nucleares: determinantes e modificadores

Os elementos não nucleares do sintagma nominal podem incluir não só os determinantes, que incluem os artigos, os demonstrativos e os possessivos; mas também os quantificadores, que incluem os indefinidos e os numerais (cf. subsecção 3.3.1.1.2 e 3.3.1.4) e os modificadores (subsecção 3.3.2), que incluem os sintagmas adjectivais, os sintagmas preposicionais e as orações relativas (Mira Mateus et al. 2003:329). Os elementos não-nucleares podem concordar com os nomes em género ou número nas três línguas, embora de diferentes maneiras. Alguns destes constituintes são aqui analisados.

3.3.1. *Determinantes*

Normalmente, o determinante no crioulo guineense e no português ocupa a posição pré-nominal mas no balanta ocupa a posição pós-nominal. Pode ser um artigo definido ou indefinido. Pode também consistir de um demonstrativo deíctico, um quantificador, um interrogativo ou um possessivo.

3.3.1.1. *Artigos*

3.3.1.1.1. *Artigo definido*

No crioulo guineense os pronomes demonstrativos *e(s)* ‘este’ ou ‘estes’ e *ki(l)* ‘aquele’ ou ‘aqueles’ são usados de forma semelhante aos artigos do português:

(20) CG *e ~ es omi*
ki ~ kil omi
DEF homem
‘o homem’

Ou seja, o nome que o artigo determina é entendido como já tendo ocorrido no discurso e é conhecido por ambos ou um dos interlocutores. Enquanto estes determinantes crioulos não têm flexão de número, o nome que determinam pode ser marcado opcionalmente com o morfema do plural {-s}, especialmente se for um nome [+ humano]:

(21) CG *e (s) omi-s*
ki (l) omi-s
DEF homem-PL
'os homens'

No balanta os nomes e os seus determinantes, quantificadores e modificadores tomam diferentes prefixos dependendo da classe do nome, que é baseada em grupos semânticos. Por exemplo, o prefixo *fi-* (ou o seu alomorfe *f-*) é usado para alguns móveis ou utensílios domésticos e certas comidas:

(22) BAL *f-luth*
SG-cadeira
'uma cadeira' ou 'a cadeira'

O demonstrativo *dee* 'aquele', tal como o demonstrativo do crioulo guineense, desempenha a função especificadora do artigo definido. Nos exemplos (22) e (23) o prefixo é *fi-* ou o seu alomorfe *f-*:

(23) BAL *f-luth* *fi-ndan* *fi-dee*
SG-cadeira SG-grande SG-DEM
'aquela cadeira grande' ou 'a cadeira grande'

O núcleo do sintagma nominal toma o morfema do plural de uma determinada classe (*g-* no caso de certos utensílios domésticos e comida, correspondente do prefixo do singular *f-*), os determinantes seguintes, caso existam, também fazem a mesma concordância com o núcleo do sintagma:

(24) BAL *g-luth* *g-dee*
PL-DEM PL-outro
'as cadeiras' ou 'aquelas cadeiras'

No português os artigos definidos e indefinidos têm flexão de género e de número, como os exemplos abaixo ilustram:

Quadro 7: Os artigos em português

	Definido		Indefinido	
Masculino	<i>o</i> homem	<i>os</i> homens	<i>um</i> homem	<i>uns</i> homens
Feminino	<i>a</i> mulher	<i>as</i> mulheres	<i>uma</i> mulher	<i>umas</i> mulheres

Os artigos definidos indicam que os nomes (incluindo os nomes de pessoas) que se lhes seguem são conhecidos pelos interlocutores, ou pelo menos por um deles (Cunha e Cintra 1984:207). Os artigos definidos em português precedem os nomes, como ilustrado nos exemplos (25) e (26) e estão em distribuição complementar com os demonstrativos, como no exemplo (35) na secção (3.3.1.1.2).

(25) PORT *o correio* (Charlier e Leeman 1981:106)

(26) PORT *Vi a Maria.* (ibid)

3.3.1.1.2. Artigo indefinido

No crioulo guineense, o artigo indefinido é *un*:

(27) CG **Un** *omi musulmanu*
INDF homem muçulmano
'um homem muçulmano' (Kihm 1994:137)

Note-se que o artigo indefinido *un* 'um' no crioulo guineense é invariável quanto ao género e quanto ao número e pode ser interpretado como sendo um numeral, tal como notou BMS (fr. 23). Quando funciona como um artigo indefinido, indica que o nome que determina não é identificável (ibid.). *Utru* 'outro' do crioulo guineense funciona de forma semelhante, e pode ser usado com nomes quer no singular, quer no plural. Veja-se o uso similar do balanta *oolo* 'outro' no exemplo (29). Este artigo indefinido no crioulo guineense pode, assim, ter sido influenciado pelo balanta ou por uma forma similar numa das outras suas línguas de substrato/adstrato.

(28) CG **utru** *omi-s*
INDF homem-PL
'uns, alguns homens'

O artigo indefinido BAL é *oolo* um, uma; ‘outro’ precede o nome que modifica, e concorda com ele em número e classe:

(29) BAL *th* *olo*
 -cadeira -outra
 ‘a cadeira’ ou ‘outra cadeira’

(30) BAL *g-luth* *g-oolo*
 PL-cadeira PL-outra
 ‘umas cadeiras’ ou ‘outras cadeiras’

No português, o artigo indefinido precede os nomes. Não ocorre com os nomes próprios excepto em contextos discursivos muito específicos (ex. *Ela não é uma Maria qualquer*). Não pode ocorrer com os quantificadores *todos* e *ambos* e tem a flexão de género e de número.

(31) PORT *um carteiro.* (Charlier e Leeman 1981:106)

(32) PORT *Vi *uma Maria.* (Mira Mateus et al. 2003:347)

3.3.1.2. *Demonstrativos*

O constituinte determinante demonstrativo no crioulo guineense indica posições deícticas, como ilustrado no exemplo (33). Quer o crioulo guineense quer o balanta usam demonstrativo como especificador do nome, indicando a proximidade ou o afastamento real das entidades denotados pelo nome em relação aos interlocutores. Opcionalmente, usa-se um advérbio de lugar no final do sintagma nominal, como elemento de realce. No balanta o demonstrativo segue o nome e não é acompanhado do advérbio como elemento de ênfase ou realce, como ilustrado no exemplo (34).

(33) CG *e(es)* *amigo* *li*
 DEM amigo aqui
 ‘este amigo (aqui)’

(34) BAL *thida* *ddo*
 amigo DEM
 ‘este amigo’

No português os demonstrativos precedem os nomes e estão em distribuição complementar com os artigos, quer definido, quer indefinido (cf. Mira Mateus *et al.* 2003:347).

(35) PORT **as estas cartas*.

3.3.1.3. *Possessivos*

Os determinantes possessivos ocorrem antes do nome no crioulo guineense (BMS fr. 190) e depois do nome no balanta, como ilustrado no exemplo (37). No português ocorrem geralmente antes do nome e precedidos de artigo (38).

(36) CG ***nha*** *kasa*
 minha casa
 ‘a minha casa’ (BMS frase 190)

(37) BAL *odn da*
 casa minha
 ‘a minha casa’

(38) PORT *a **minha** casa*

3.3.1.4. *Quantificadores*

No crioulo guineense os quantificadores precedem os nomes que modificam. A presença de um quantificador plural inibe a marcação do plural no núcleo nominal no basilecto, mas no mesolecto e no acrolecto a marcação é opcional. Os quantificadores podem ser precedidos de artigos, mas não há concordância de género entre o núcleo nominal e o quantificador

(39) CG ***manga*** *di amigu(-s)*
 muito de amigo(-PL)
 ‘muitos amigos’

No balanta os quantificadores seguem o nome, tal como os determinantes e modificadores, com o qual faz a concordância de número e de classe:

(40) BAL *bi-nhan bi-nhobe*
PL-pessoa PL-muito
'muitas pessoas'

No português os quantificadores precedem normalmente os nomes e estabelecem com estes relações de concordância em género e número.

(41) PORT *muit-o-s amig-o-s*
muit-M-PL amig-M-PL
'Muitos amigos'

3.3.1.5. Interrogativos

No crioulo guineense os determinantes interrogativos precedem o núcleo nominal e são invariáveis.

(42) CG *kal amigu(-s)*
qual amigo(-PL)
'qual amigo' ou 'quais amigos'

Diferentemente de muitas das línguas europeias (ex. PORT) e de alguns crioulos (ex. CG e Cabo-verdiano), no balanta os determinantes ocupam normalmente a posição pós-nominal (cf. ex:5), incluindo o interrogativo *ola* 'qual', embora outros interrogativos ocupem a posição pré-nominal:

(43) BAL *f-rafu f-ola*
SG-garrafa SG-qual
'Qual garrafa?'

O exemplo (43) mostra que o nome e o determinante levam um prefixo (neste caso, *f-*), o que indica a concordância do especificador com o nome que modifica em número (neste caso, singular) e classe, mas não em género. Wilson (1959) observou que, "em balanta, tal como em todas as línguas não Mande(s) da Guiné Portuguesa, funciona um sistema de concordância. Certas relações gramaticais entre palavras são indicadas pela sua morfologia, sendo que o elemento inicial de cada palavra é condicionado pelos outros da mesma série de concordância". No exemplo (43) *f-* é o prefixo em questão e indica o que o morfema radical (*-rafu*) está no número singular.

No português os determinantes interrogativos precedem o núcleo nominal e, com a exceção de *qual*, são invariáveis:

- (44) PORT *Quai-s estudante-s?*
Qual-PL estudante-PL
'Quais estudantes?'

3.3.2. Modificadores

3.3.2.1. Adjectivos

3.3.2.1.1. Adjectivos pré-nominais

No crioulo guineense poucos adjectivos ocorrem antes dos nomes. Exemplos deste grupo restricto incluem os adjectivos *bon* 'bom' ou *garandi* 'grande, distinto'. A grande maioria deles correspondem aos seus étimos portugueses que ocupam a mesma posição pré-nominal e a sua interpretação nesta posição tende a ser figurativa:

- (45) CG *Un no grandi atleta*
IND 1PL distinto atleta
'Um dos nossos mais distinguidos atletas' (Kihm 1994:148)

Nenhum adjectivo balanta ocorre em posição pré-nominal.

3.3.2.1.2. Adjectivos pós-nominais

No crioulo guineense a posição normal do adjectivo é a posição pós-nominal, tal como no português.

- (46) CG *I ba odja pis grandi na yagu*
3SG ir ver peixe grande na água
'Ele foi ver um peixe grande na água'. (Peck 1988:424)

Os adjectivos do balanta seguem sempre os nomes e podem ter uma interpretação mais ou menos literal, dependendo do contexto:

- (47) BAL *llante ndan*
homem grande
'um homem grande'; 'grande homem'; 'homem poderoso'

3.3.2.2. *Sintagmas preposicionais*

A estrutura que exprime a relação entre a entidade possuída e a entidade possuidora e a de matéria, ilustradas respectivamente nos exemplos (48) e (49), é construída com recurso à preposição, ficando a entidade possuída à esquerda da preposição e a possuidora à direita. No crioulo guineense a preposição é *di* ‘de’ e o seu uso é obrigatório (BMS frase 188b).

(48) CG *kasa di Djon*
 casa do João
 ‘a casa do João’ (BMS frase 188b)

(49) CG *saku di plastiku*
 saco de plástico
 ‘Um balde de plástico.’

O balanta usa a mesma estratégia para a expressão de posse ou matéria. A estrutura padrão de posse é a justaposição dos nomes (cf. secção 3.3.3), estando a entidade possuída à esquerda, seguida da entidade possuidora. A preposição que conecta as duas entidades é *ni*. O seu uso é enfático.

(50) BAL *odn ni Djon*
 casa do João
 ‘a casa do João’

(51) BAL *kihinh ni fi- balack*
 perna de PREF pau
 ‘perna de pau.’

No português europeu o uso da preposição *de* para expressar posse ou matéria é obrigatório, como ilustrado nos exemplos (52) a (53), respectivamente. Em algumas variedades rurais do português do Brasil o seu uso é opcional (Holm 2004:104).

(52) PORT *a casa do João*

(53) PORT *perna de pau*

Outras questões relativas ao sintagma preposicional serão analisadas no capítulo 6 deste documento.

3.3.3. *Justaposição de nomes para indicar posse*

A estrutura que exprime a relação entre a entidade possuída e a entidade possuidora sem recurso à preposição *di* ou equivalente não existe nem no crioulo guineense nem no português, mas existe no balanta. No balanta o nome possuído precede o nome possuidor e é a estrutura padrão:

(54) BAL *odn Djon*
casa João
'a casa do João'

(55) BAL *mbi nnin d- ele*
filho mulher PF aquela
'filho daquela mulher'

3.3.4. *Pronomes possessivos usados como determinantes possessivos*

No crioulo guineense e no balanta os pronomes possessivos são formalmente diferentes dos determinantes possessivos. No caso do crioulo guineense, os pronomes possessivos são formados pela preposição *di* com o pronome pessoal objecto (BMS frase 192).

(56) PORT *I toma di- mi*
3SG tomar de meu
'Tomou o meu'

Também no balanta os pronomes e os determinantes possessivos são formalmente distintos. Assim, os pronomes possessivos do balanta são formados pela aglutinação do prefixo da classe do nome *w-* com o radical *inda*, e.g. *winda* 'o meu' etc.

(57) BAL *Id w-inda*
tomou PF-meu
'tomou o meu'

No português os pronomes e os determinantes possessivos são formalmente idênticos, distinguindo-se apenas pelo facto de co-ocorrerem com o nome (i.e. determinantes) ou de o substituírem (i.e. pronomes). Ambos concordam em género e em número com o nome que determinam/substituem.

(58) PORT *O meu (carro) está aqui.*

Um aspecto até agora pouco discutido na literatura especializada é o facto de os pronomes possessivos poderem usar-se como determinantes possessivos enfáticos no crioulo guineense e no balanta.

(59) CG *fidju di mi*
filho de meu
'filho meu'

(60) BAL *odn w-inda*
casa PF-minha
'casa minha'

3.4. Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais estão organizados de forma diferente nas línguas em análise. O crioulo guineense e o balanta dividem os pronomes pessoais em enfáticos e não-enfáticos. Os pronomes pessoais enfáticos do crioulo guineense nunca são argumentos do predicado (Kihm 1994:151). Os pronomes pessoais enfáticos e não enfáticos podem desempenhar a função gramatical de sujeito, e apenas os não enfáticos podem desempenhar as funções de objecto directo, objecto indirecto e objecto de preposição (ibid). Os pronomes pessoais objecto de preposição são formalmente idênticos aos pronomes pessoais sujeito enfáticos sem o prefixo *a-* nas duas primeiras pessoas.

Tabela 8: Formas dos pronomes pessoais do crioulo guineense

	ENFÁTICOS		NÃO-ENFÁTICOS				
	Sujeito		Sujeito	OD e OI		OPrep	
Singular	<i>ami</i>	‘eu’	<i>ŋ</i>	<i>ŋ</i>	‘me’	<i>mi</i>	‘mim’
	<i>abo</i>	‘tu’	<i>bu</i>	<i>u</i>	‘te’	<i>bo</i>	‘te’
	<i>el</i>	‘ele’	<i>i</i>	<i>l</i>	‘o, a, lhe’	<i>el</i>	‘ele’
Plural	<i>anos</i>	‘nós’	<i>no</i>	<i>nu</i>	‘nos’	<i>nos</i>	‘nós’
	<i>abos</i>	‘vós’	<i>bo</i>	<i>bos</i>	‘vos’	<i>bos</i>	‘vós’
	<i>elis</i>	‘eles’	<i>e</i>	<i>elis</i>	‘os, as, lhes’	<i>elis</i>	‘eles’

Tabela 9: Formas dos pronomes pessoais do balanta

	ENFÁTICOS		NÃO-ENFÁTICOS				
	Sujeito		Sujeito	OD e OI		OPrep	
Singular	<i>nhi</i>	‘eu’	<i>ŋ</i>	<i>ni</i>	‘me’	<i>nhi</i>	‘mim’
	<i>u</i>	‘tu’	<i>a</i>	<i>u</i>	‘te’	<i>u</i>	‘te’
	<i>in</i>	‘ele’		<i>ma</i>	‘o, a, lhe’	<i>in</i>	‘ele’
Plural	<i>ba</i>	‘nós’	<i>bi</i>	<i>ba</i>	‘nos’	<i>ba</i>	‘nós’
	<i>baa</i>	‘vós’	<i>ba</i>	<i>baa</i>	‘vos’	<i>baa</i>	‘vós’
	<i>baa</i>	‘eles’	<i>bi</i>	<i>baa</i>	‘os, as, lhes’	<i>baa</i>	‘eles’

Por seu turno, o português divide os pronomes pessoais em rectos e oblíquos. Normalmente o português europeu indica a pessoa e o número de sujeito via flexões verbais, por ser uma língua Pro-drop, o que torna o uso dos pronomes pessoais sujeito uma estratégia de ênfase. Os pronomes não reflexos oblíquos são divididos em tónicos (formados com recurso a preposições) e átonos, também clíticos ou pronomes pessoais complementos directo ou indirecto (cf. Cunha 1982, Mira Mateus et al. 2003).

Tabela 10: Formas dos pronomes pessoais do português

	RECTOS Sujeito	OBLÍQUOS	
		Átonos	Tónicos
Singular	eu	me	mim
	tu	te	te
	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
	nós	nos	nós
Plural	vós	vos	vós
	ele elas	os, as, lhes	eles elas

3.5. Pronomes reflexos

No crioulo guineense o pronome reflexo forma-se por justaposição do pronome possessivo correspondente e o nome *kabesa* ‘cabeça’, ex: *nha kabesa*, literalmente ‘a minha cabeça’ (BMS frase 201b)]. A estrutura do reflexo no balanta é semelhante ao do crioulo guineense, sendo que o possessivo segue o nome *pko* ‘cabeça’ ex: (*pko da*, literalmente ‘cabeça minha’) ou *lite da* ‘corpo meu’, (mais comum). Existem formas paralelas nas outras línguas de substrato.

(61) CG *I mata si kabesa*
 3SG matou POS cabeça
 ‘Ele matou-se.’

(62) BAL ___ *ab pko ma*
 3SG matou cabeça POS
 ‘Ele matou-se’

O reflexo típico do português é um complemento directo, pois segue os verbos transitivos. Na pronominalização do objecto empregam-se, pois, os pronomes pessoais objecto directo, como ilustrado no exemplo (63), excepto na terceira pessoa do singular e do plural em que é empregada *se*, como ilustrado no exemplo (64).

(63) PORT *Deixei-me cair no sofá* (Mira Mateus et al. 2003:807)

(64) PORT *Deixou-se cair no sofá*

3.6. Resumo do Sintagma nominal nas três línguas

Os quadros que se seguem pretendem elucidar as diferenças e os paralelismos entre o crioulo guineense e o balanta, por um lado, e entre o crioulo guineense e o português, por outro.

Tabela 11: Resumo da estrutura do sintagma nominal do crioulo guineense

DETERMINANTES MODIFICADORES NÚCLEO MODIFICADORES

Especificadores:

e(s), ‘este’

ki(l), ‘esse’

Indefinidos:

un ‘um’

utru ‘outro’

Demonstrativos:

e(s), ‘este’

ki(la), ‘esse’

kila la, ‘aquele’

kil utru. ‘o outro’

Adjectivo(s)

Nome

comum

Adjectivo(s) (SP)

Outro(s)

ou

complemento(s)

colectivo

Interrogativos:

kal (utro) ‘qual’

Possessivo: *

nha ‘meu’

bu, ‘teu’

si, ‘seu’

no ‘nosso’

bo, ‘vosso’

se ‘seu’

Pronomes possessivos ou Pronomes pessoais*

Nome próprio

*Vide Tabela 8

Tabela 12: Resumo da estrutura do sintagma nominal do balanta

NÚCLEO	DETERMINANTES	MODIFICADORES		
Nome comum ou colectivo	Especificadores:			
		PF + <i>ddo</i> ‘este’		
		PF + <i>dde</i> ‘esse’		
		PF + <i>ddele</i> ‘aquele’		
		Indefinidos:		
		PF + <i>oolo</i> ‘outro’		
		Demonstrativos:		
		PF + <i>ddo</i> ‘este’		
		PF + <i>dde</i> ‘esse’		
		PF + <i>ddele</i> ‘aquele’	Adjectivo(s) (SP)	Outro (s) complemento(s)
		Interrogativos:		
		PF + <i>ola</i> ‘qual’		
		Determinantes possessivos:		
		<i>da (ta)</i> ‘meu, minha’		
		<i>de (te)</i> ‘teu, tua’		
	<i>ma</i> ‘seu. sua’			
	<i>ba</i> ‘nosso, nossa’			
	<i>ni</i> ‘vosso, vossa’			
	<i>baa</i> ‘seu, sua’			
	Pronomes possessivos:			
	PF + <i>inda</i> ‘o meu, a minha’			
	PF + <i>inde</i> ‘o teu, a tua’			
	PF + <i>inma</i> ‘o seu. a sua’			
	PF + <i>inba</i> ‘o nosso, a nossa’			
	PF + <i>inni</i> ‘o vosso, a vossa’			
	PF + <i>inbaa</i> ‘o seu, a sua’			
	Pronomes pessoais (vide Tabela 7)			
	Nome próprio			

Tabela 13: Resumo do sintagma nominal do português

DETERMINANTES	NÚCLEO	MODIFICADORES	
Artigo definido: <i>o, a, os, as</i>			
Indefinido: <i>um, uma, uns, umas, algum</i>			
Demonstrativos: <i>este, esse, aquele</i>	Nome		Outro(s)
Interrogativos: <i>qual</i>	comum ou colectivo	Adjectivo(s)	(SP) complemento(s)
Determinantes possessivos: <i>meu, teu, seu, nosso, vosso,</i> <i>seu</i>			
Relativo: <i>cujo</i>			
	Pronomes possessivos: <i>o meu, o teu, o seu</i> <i>o nosso, o vosso, o seu</i>		
	Pronomes pessoais (vide Tabela 7)		
	Nome próprio		

A análise dos sintagmas nominais do crioulo guineense, balanta e português realizada neste capítulo e sistematizada nas tabelas 12 a 14 permite retirar as seguintes conclusões:

(1) O crioulo guineense conservou o morfema do plural do português {-s}, embora modificando as regras do seu uso, na medida em que apenas permite a sua sufixação a nomes [+humanos]. A maior parte das línguas africanas da Guiné marcam o plural de formas diferentes, através da prefixação, o que parece ter influenciado a manutenção da distinção de número do crioulo guineense embora através de um processo morfológico (sufixação) do das línguas africanas (prefixação);

(2) Enquanto o crioulo guineense e o balanta usam a mesma estrutura sintáctica para marcar o género natural dos justapondo o nome com a expressão *matcu* ‘macho’ ou *femia* ‘femea’, o português recorre à determinação do nome com o artigo ou expressão

funcionalmente equivalente;

(3) Os artigos do crioulo guineense *e* ‘este’ e *kil* ‘aquele’ provêm do demonstrativo ‘esse’ e ‘aquele’; enquanto que o balanta usa o demonstrativo *dee* ‘aquele’ para servir a mesma função especificadora. A sistematização do uso de *e* e *kil* pode relacionar-se com a difusão do crioulo guineense, na medida em que, com a independência do país em 1974, as migrações dos falantes rurais para os principais centros urbanos trouxeram com eles as suas normas linguísticas influenciadas pelas suas línguas africanas. De igual modo, os falantes urbanos ao deslocarem-se para as áreas rurais levaram consigo as suas normas urbanas.

(4) O indefinido do crioulo guineense *utru* ‘outro’ é usado como artigo indefinido singular ou plural, tal como no balanta;

(5) O pronome pessoal sujeito do singular é a nasal velar [ŋ] no balanta, manjaco, mancanha e papel, igualmente possíveis substratos e adstratos, tal como o mesmo pronome do crioulo guineense;

(6) Finalmente quer o crioulo guineense quer o balanta distinguem, na série dos pronomes pessoais sujeito, as formas enfáticas das não enfáticas e usam-nas da mesma forma.

Capítulo 4

Sintagma Verbal

4.1. Introdução

Neste capítulo discute-se o sintagma verbal, a sua organização e os seus constituintes. O objectivo é demonstrar que, ao contrário do sintagma nominal, o sintagma verbal do CG apresenta uma estrutura semelhante à das línguas de substrato, balanta neste caso, mas também à de outras línguas do grupo níger-congo, com as quais o balanta tem semelhanças estruturais, especialmente no que diz respeito à ausência de marcas flexionais de pessoa, de número, de tempo, de modo e de aspecto.

Desde as primeiras descrições do crioulo guineense (cf. Bocandé 1845, Barros 1897) as partículas *na*, *ba*, *ta* têm sido interpretadas como sendo elementos que se podem colocar antes ou depois dos verbos para marcar os tempos verbais.

Mais recentemente, André Wilson (1962) conclui também que o crioulo guineense trata a marcação do tempo, do modo e do aspecto verbais de modo diferente do português, afirmando que, contrariamente ao seu superestrato, o crioulo guineense não recorre a processos morfológicos para marcar estas categorias gramaticais. Wilson nota ainda que o sistema do crioulo guineense é semelhante ao do krio (crioulo de base lexical inglesa da Serra Leoa), balanta e mandinga (línguas africanas da Guiné-Bissau), uma vez que dá preferência ao uso de partículas pré- e pós-verbais. Wilson também refere que essas mesmas partículas são usadas em algumas construções não verbais, nomeadamente em construções adjectivais. Estes dados foram confirmados mais tarde por Scantamburlo (1980) e Kihm (1980, 1994).

4.2. Marcadores verbais

Os verbos finitos do português apresentam flexões de tempo, modo, aspecto, pessoa e número tanto nos tempos simples como nos tempos compostos. No entanto, estas flexões não existem nem no crioulo guineense nem no balanta, pois estas línguas, como já se discutiu anteriormente, dispõem de morfemas livres que realizam estas funções. As informações da pessoa e do número são fornecidas pelo sujeito.

O português distingue entre os tempos verbais simples e compostos. Os tempos verbais simples são formados aglutinando os sufixos aspecto-temporais aos radicais dos verbos. Os tempos compostos são conjugados com recurso a verbos auxiliares, que recebem as marcações de pessoa-número e de aspecto-tempo, combinados com o verbo principal no particípio passado.

No crioulo guineense resume-se assim o sistema aspecto-temporal: o verbo pode servir por si, para marcar o tempo presente ou passado, ou ainda o modo imperativo (cf. Peck 1988, 204).

No entanto, se o verbo é precedido da partícula *na* indica o aspecto progressivo ou referencia um futuro iminente. A partícula *ta* também é pré-verbal e pode indicar, segundo Kihm (1994), um futuro menos iminente ou prospectivo, ou o aspecto habitual. A partícula *ba* é pós-verbal e é aplicada ao tempo anterior (Kihm 1994:99), podendo também indicar uma condição ou uma hipótese. A combinação *ba dja* é pós-verbal e aplica-se para marcar o tempo mais anterior, para indicar que uma determinada acção decorreu e que se situa num ponto anterior na linha temporal do discurso, a uma outra acção também passada. Assim temos:

Progressivo/futuro	<i>na</i>	}	Precedem o núcleo verbal;
Habitual /irrealis	<i>ta</i>		
Anterior	<i>ba</i>	}	Seguem o núcleo verbal;
Mais anterior	<i>ba dja</i>		

O balanta usa a mesma estratégia para a marcação verbal de tempo, modo e aspecto, na medida em que não apresenta flexão verbal de pessoa, de número, de tempo ou de modo nem por meio de sufixação nem de prefixação flexional.

No balanta, o marcador do aspecto progressivo *a* é bipartido. A sua posição padrão é pré-verbal porém o seu uso nesta posição implica a sufixação ao verbo com mesma partícula *-a*. A partícula *mat* usa-se como marcador do aspecto habitual e é igualmente pré-verbal. O marcador *ge* aplica-se ao tempo anterior e é pós-verbal, enquanto que para marcação do tempo mais anterior se usa a partícula *awe* (no início da

frase) com o marcador *ge* na posição pós-verbal. Assim, o sistema aspecto-temporal do balanta pode resumir-se da seguinte forma:

Progressivo/futuro	<i>a</i>	}	Pré-verbais
Irrealis	<i>git</i>		
Habitual	<i>mat</i>		
Anterior	<i>ge</i>	}	Pós-verbais
Mais anterior	[<i>awe...</i>] <i>ge</i>		
Remoto	<i>yo</i>		

4.2.1. *Verbos sem marcador*

No geral, os sistemas verbais do crioulo guineense do balanta são semelhantes, na medida em que os verbos podem ou não ser marcados com os morfemas de tempo, modo e aspecto, daí advindo diferentes tipos de informações contextuais. Porém, a marcação ou a ausência dela, sobretudo para o tempo anterior, está normalmente relacionada com a subclasse do verbo, isto é, com o seu carácter estativo ou não-estativo.

4.2.1.1. *Verbos estativos sem marcador*

Os verbos estativos são os verbos que não indicam uma acção, mas antes estados ou propriedades. Exemplos de verbos estativos do crioulo guineense incluem *sedu* ‘ser’, *sta* ‘estar’, *tene* ‘ter’, entre outros.

Como ilustrado nos exemplos (65) e (66), tanto no crioulo guineense como no balanta, estes verbos são normalmente interpretados como tempo presente quando não marcados:

- (65) CG *N tene kaneta.*
 Eu tenho caneta
 ‘Tenho uma caneta’

(66) BAL *N* **ten** *ki-til*
 Eu tenho PF-caneta
 ‘Tenho uma caneta.’

4.2.1.2. *Verbos não-estativos sem marcador*

Porém, os verbos não-estativos, ou seja, os que indicam acções pontuais (Peck 1988:183), quando não marcados, são interpretados como referindo-se ao passado, quer no crioulo guineense quer no balanta, como ilustrado nos exemplos (67) e (68), respectivamente:

(67) CG *N* *kumpra* *Livru*
 1s comprar Livro
 ‘Comprei um livro’

(68) BAL *N* *us* *ki-garte*
 1s comprar PF-livro
 ‘Comprei um livro.’

4.3. O marcador de anterior

No crioulo guineense e no balanta a noção de tempo passado relaciona-se essencialmente com o tempo em foco, que é normalmente estabelecido no início do discurso. Em ambas as línguas se empregam-se morfemas livres para a marcação do tempo anterior ao tempo em foco.

No crioulo guineense os verbos estativos indicam o tempo anterior com o recurso à partícula *ba*, como ilustrado no exemplo (69):

(69) CG *N* *tene* **ba** *un livru.*
 1s ter ANT um livro
 ‘Tinha um livro’.

Os verbos estativos do balanta também recorrem a uma partícula para indicar o tempo anterior, neste caso a partícula *ge*, como ilustrado no exemplo (70):

(70) BAL *N ten ge ki- til.*
 1s ter ANT PF caneta
 ‘Tinha uma caneta’.

Pelo contrário, o português, como já se referiu anteriormente, recorre a morfemas flexionais para marcar o tempo passado. Esses morfemas são normalmente sufixados ao tema verbal (i.e. radical + vogal temática).

A vogal temática marca a conjugação ao que se segue a desinência de modo, do tempo e do aspecto e por fim a do número e pessoa. Por outras palavras as informações aspecto-temporais e as de número e pessoa são amalgamados na desinência verbal. O português distingue igualmente o pretérito perfeito, o imperfeito e o mais que perfeito. Por razões práticas, será aqui exemplificado apenas um desses tempos verbais:

(71) PORT *Nós est-a-va-mos em casa.*
 1s RAD-V.TEM-IMP-1PL em casa
 ‘Nós estávamos em casa’

4.3.1. *Mais anterior*

No crioulo guineense o aspecto mais anterior resulta da combinação do marcador anterior *ba* com o advérbio e marcador completivo *dja* ‘já’ em posição pós-verbal.

(72) CG *N fiansa ba dja n el antis di i furta dinheru.*
 1s comer +ANT em 3s antes de ele roubar dinheiro
 ‘Confia nele antes de ter roubado o dinheiro.’

De acordo com Peck (1988:218), a partícula *dja* isolada significa ‘já’. Neste sentido, parece não se tratar de um marcador de TMA, mas sim de um advérbio, uma vez que além de poder ocupar uma posição pré- e pós-verbal, pode também ocorrer entre dois verbos ou ainda seguir o sujeito da frase. Esta liberdade de movimento é típica dos advérbios. Mais adiante neste capítulo retomaremos esta discussão.

No balanta o tempo mais anterior forma-se com a combinação do marcador *awe* em início de frase e o marcador *ge* em posição pós-verbal, como ilustrado no exemplo (73):

(73) BAL *Awe* *N' us (ge) ki-garte*
 +ANT 1s comprar ANT PF-livro
 'Tinha comprado um livro.'

No balanta existe uma outra instância do passado que não encontramos nem no crioulo guineense, nem no português. Trata-se do passado remoto, referente a uma acção ou estado que se situa num lapso de tempo grande em relação ao tempo em foco, normalmente anos. Aplica-se o morfema livre pós-verbal *yo*.

(74) BAL *N' us yo g-garte*
 1s comprar PR PF-livro
 'Comprei um livro [há muito tempo].'

4.3.2. *Mais-que-perfeito*

O mais-que-perfeito no **português** pode ser formado com recurso a morfemas flexionais ou através da combinação do verbo auxiliar *ter* no imperfeito com o verbo principal no particípio passado:

(75) PORT *Eu cant -a -ra em casa.*
 1s RAD V.TEM IMP em Casa
 'Eu cantara em casa'

(76) PORT *Eu tinha cant -a- do*
 1s IMP RAD V.TEM PP
 'Eu tinha cantado'

Os verbos não-estativos do crioulo guineense quando não estão marcados com o morfema *ba* indicam o passado (cf. 4.3.2). Porém, normalmente são marcados com este morfema de forma redundante. O aspecto mais anterior obtém-se marcando o verbo com *ba dja* na posição pós-verbal. Mas segundo Rougé (1988:49) o marcador *ba* pode ser aplicado para o aspecto mais anterior.

(77) CG *N* *kumpra ba dja un livru.*
 1s comprar + ANT um livro
 ‘Tinha comprado um livro’

Também no balanta os verbos não-estativos necessitam do morfema *ge* para indicar o tempo anterior, como é ilustrado no exemplo (78). A marcação com o marcador do passado *ge* é igualmente uma redundância. Porém, devem ser marcados com o *awe...* *ge* para indicar o mais anterior ou *yo* para o passado remoto.

(78) BAL *Awe* *N* *us* (*ge*) *ki-garte*
 +ANT 1s comprei ANT PF-livro
 ‘Tinha comprado um livro’

4.5 *Verbos adjectivais e o marcador de anterior*

O conceito tradicional de adjectivo enquanto palavra que modifica os nomes não é aplicável na sua totalidade ao crioulo guineense nem ao balanta. Nestas línguas, os tradicionais adjectivos podem ter as propriedades de verbos estativos. Alguns adjectivos constituirão assim uma subcategoria de verbos, como notou Bickerton (1981:68-69). Embora se possa pensar que se trata de um simples apagamento do verbo copulativo ou de casos de verbo copulativo zero em frases contendo complementos adjectivais, os verbos adjectivais assim tratados podem ser precedidos e/ou seguidos, como outros verbos, por marcadores de TMA.

No crioulo guineense os adjectivos que designam qualidades básicas, tais como os estados físicos e/ou emocionais, as cores, têm propriedades verbais.

(79) CG *N* \emptyset *kumpridu.*
 1s COP V.ADJ
 ‘Sou alto’

Outros adjectivos importados mais recentemente do português mantêm as propriedades do superestrato conectam-se aos nomes que qualificam com ajuda do verbo copulativo:

(80) CG *Eleison i demokratiku.*
 eleição COP ADJ
 ‘As eleições são democráticas.’

No balanta existem também verbos adjectivais que em tudo se comportam como verbos estativos, como ilustrado nos exemplos (81). Existem também os adjectivos normais. Incluem-se nesta categoria os neologismos importados do português. Estes sim requerem o uso do verbo copulativo, como ilustrado em (82):

(81) BAL *N Ø bonh.*
 1s COP V.ADJ
 ‘Sou lindo’

(82) BAL *Ileison gi demokratiku.*
 Eleições COP ADJ
 ‘As eleições são democráticas’

No crioulo guineense, uma vez que funcionam como verbos e têm as propriedades destes, os verbos adjectivais podem ser seguidos do marcador do anterior:

(83) CG *N Ø kontenti ba.*
 1s COP V.ADJ ANT
 ‘Estava contente’

Os verbos adjectivais do balanta também são marcados com o marcador do anterior, neste caso *ge*:

(84) BAL *Mgbi ma sumande ge ki sufñ.*
 filhos 3s alegres ANT com comida
 ‘Os filhos dele estavam contentes pela comida.’

Em português, tal como na maioria das línguas indo-europeias, os adjectivos e os verbos pertencem a categorias sintácticas distintas.

4.4. Homófonos do marcador *ba* e os seus equivalentes no balanta

Há outras partículas homófonas do marcador de anterior *ba* do crioulo guineense susceptíveis de serem confundidas com este. Estas partículas desempenham outras funções, dependendo dos elemento que as precedem:

O *ba* pré-nominal é interpretado como sendo um marcador de plural (secção 3.2.2). É etimologicamente relacionada com o marcador de plural, encontrado-se em muitas línguas africanas oeste atlânticas, nomeadamente wolofe, mandinga, balanta e papel, entre outras (Rougé 1988, Kihm 1994:129).

(85) CG *ba Ntoni*
PL António
'António e os seus'

O *ba* no fim da frase é advérbio de tempo e corresponde ao advérbio português 'anteriormente'.

(86) CG *N tene livru interesanti ba.*
1s tenho livro interessante ADV
'Anteriormente tinha um livro interessante.'

Quando o *ba* é colocado no fim da frase deve ser interpretado como advérbio, por ter as propriedades dos advérbios de tempo que o diferenciam do marcador de anterior.

O *ba* pré-verbal é uma forma sincopada do verbo *bay* 'ir' que frequentemente aparece entre os marcadores pré-verbais *na* e *ta*. O próprio verbo *bay* é muitas vezes sincopado pelos falantes, mesmo ratando-se de casos em que é o verbo principal:

(87) CG *N na ba prasa.*
1s PROG ir cidade
'Vou à cidade.'

No balanta em termos funcionais, o *ge* (marcador de TMA) não marca o plural dos nomes próprios, mas pode seguir os nomes em geral ou ser colocado no fim da frase, funcionando nestes casos como advérbio de tempo:

- (88) BAL *N ten g- garte ge.*
 1S tenho PF livro ADV
 ‘Antes tinha um livro.’

O marcador do plural do balanta *bi* (homófono do pronome sujeito não enfático da terceira pessoa do plural) pode preceder os nomes próprios de pessoas.

- (89) CG *bi Ntoni*
 PL António
 ‘António e os seus’

4.5. O contrafactual

No crioulo guineense uma interpretação contrafactual resultará se o marcador do anterior seguir o verbo numa oração condicional.

- (90) CG *Si N tarbadja Ba anu pasadu N na tene ba dinheru.*
 se 1s trabalhar ANT ano passado 1s PROG ter ANT dinheiro
 ‘Se eu tivesse trabalhado no ano passado, teria dinheiro agora.’

A mesma interpretação resultará no balanta, se o marcador de anterior ocorrer depois do verbo numa oração condicional:

- (91) BAL *A a sif ge mnin yo uabnu a git ten ge gbés.*
 se 2s trabalhar ANT ano REM agora 2s IRR ter ANT dinheiro
 ‘Se tivesse trabalhado no ano passado, agora terias dinheiro.’

No português o contrafactual obtém-se através de flexões verbais do conjuntivo e condicional.

- (92) PORT *Teria sido bom se eu tivesse tido mais dinheiro.*

4.6. O marcador de progressivo

O marcador pré-verbal de progressivo do crioulo guineense e o do balanta indicam que uma acção ou estado está em curso. Formalmente são idênticas às preposições locativas de cada uma das línguas, equivalentes da preposição *em* do português.

A ligação semântica destas construções progressivas com a posição ou lugar sugere um universal linguístico (Holm 2000: 180). Construções progressivas paralelas do ponto de vista semântico existem em muitas línguas africanas da Guiné, entre as quais o balanta.

(93) BAL *N ga a kpan.*
1s LOC PREP casa
'Estou em casa.'

(94) BAL *N ga a til -a.*
1s COP PROG escrever SUF
'Estou a escrever.'

(95) CG *N sta na kasa.*
1s LOC PREP casa
'Estou em casa.'

(96) CG *N na skirbi.*
1s PROG Escrever
'Estou a escrever.'

No crioulo guineense o marcador *na* é usado antes do núcleo verbal para indicar que a acção descrita pelo verbo está em curso (96). No entanto Peck afirma que no crioulo guineense “a noção do tempo baseia-se fundamentalmente na oposição anterior/não anterior” (1988:276) pelo que *na* não é rigorosamente um marcador de tempo futuro, passado ou presente porque pode ser empregado em contextos em que o

tempo é anterior ou não anterior. Se o contexto é passado, o marcador *na* em posição pré-verbal será interpretado como um progressivo passado no português (97). Se o contexto é presente, o marcador *na* terá o valor de um progressivo presente (98) e se o contexto for futuro o marcador *na* terá o valor de um progressivo futuro (99). A informação contextual pode ser fornecida pela presença de outro marcador de TMA ou por um advérbio de tempo.

(97) CG N *na* lei *aonti*.
 1s PROG ler Ontem
 ‘Ontem estava a ler.’

(98) CG N *na* lei *gosi*.
 1s PROG ler Agora
 ‘Estou a ler agora’.

(99) CG N *na* lei *amanha*.
 1s PROG ler amanhã
 ‘Hei-de **estar a** ler amanhã.’

No balanta o marcador *a* precedido do verbo copulativo *gi* (ou *ga*, conforme a variedade dialectal) indica o aspecto progressivo. Tal como o seu equivalente no crioulo guineense, também pode aplicar-se para marcar o tempo futuro. É empregue igualmente nos contextos em que o tempo é anterior ou não anterior podendo ser interpretado como progressivo passado, presente ou futuro em português. A informação contextual de tempo verbal pode ser fornecida através de um advérbio de tempo. O emprego do marcador do progressivo requer a sufixação ao núcleo verbal do afixo do infinitivo *-a*.

(100) BAL *So* N *gi* *Ge* *a* *dem* *-a* *g-* *arte*.
 ontem 1s COP ANT PROG ler SUF PF carta
 ‘Ontem estava a ler um livro.’

(101) BAL *Wabnu N ga a dem -a g- arte.*
 agora 1s COP PROG ler SUF PF carta
 ‘Neste momento estou a ler um livro.’

(102) BAL *Bluthn N ga a dem -a g- arte.*
 amanhã 1s COP PROG ler SUF PF carta
 ‘Hei-de estar a ler um livro amanhã.’

Em português o progressivo resulta da combinação entre o auxiliar *estar* e o verbo principal no gerúndio ou com o verbo principal no infinitivo precedido da preposição *a*.

(103) PORT *Estou trabalh--a-ndo.*
 AUX RAD-V.TEM-GER

(104) PORT *Estou a trabalh-a-r.*
 AUX PREP RAD-V.TEM-INF

No crioulo guineense, tal como atesta Baptista et al. (BMS, 2007:frase 23), a proximidade da relação semântica entre situações em curso e um futuro imediato pode estar relacionado com o uso do marcador de progressivo para indicar futuridade:

(105) CG *Bu na bay Casa amanha.*
 2s PROG ir Casa Amanhã
 ‘Irás para a tua casa amanhã.’

A mesma leitura é feita no balanta, em relação ao marcador de progressivo *a*:

(106) BAL *A ga a to -a a odn de bluthn.*
 2s COP PROG ir SUF In casa 2s amanhã
 ‘Irás para a tua casa amanhã.’

No português a construção do presente progressivo pode referir-se ao futuro, desde que seja acompanhado de uma expressão de tempo:

(107) PORT *Amanhã a esta hora estou a chegar a Londres.*

Baptista et al. (BMS 2007:frase 26) atestam igualmente que no crioulo guineense a combinação do progressivo com o marcador de anterior expressa a continuidade da acção no passado:

(108) CG *N na skirbi ba karta kontra bu tciga.*
1s PROG escrever ANT carta quando 2s chegar
'Estava a escrever uma carta quando chegaste.'

No balanta os marcadores de progressivo e de anterior podem combinar igualmente para expressar a continuidade da acção no passado.

(109) BAL *N gi ge a til -a bote a unte ne.*
1s COP ANT PROG escrever SUF quando 2s chegar SUF
'Estava a escrever uma carta quando chegaste'.

Porém no português o verbo auxiliar o aspecto progressivo é formado com um verbo auxiliar no imperfeito do indicativo, para indicar uma acção em progresso no passado:

(110) PORT *Est -a -va A escrever uma carta.*
RAD V.TEM IMP PREP INF uma carta

A estrutura verbo adjectival com o marcador do progressivo é também muito frequente no crioulo guineense (BMS 2007:frase 28). Dependendo do contexto, pode ser interpretado como futuro (111).

(111) CG *Sol na noti kau na sukuru.*
sol PROG anoitecer sítio PROG V.ADJ
'Está a anoitecer e ficará escuro.'

(112) CG N *na kontenti.*
1s PROG V.ADJ
'Estarei contente.'

A estrutura balanta é semelhante à do crioulo guineense:

(113) BAL *Len a yola fiare a mon -a.*
sol PROG noite rua PROG preto SUF
'Está a anoitecer e ficará escuro.'

Esta estrutura também pode indicar o tempo futuro:

(114) BAL N *ga a sumande.*
1s COP PROG V.ADJ
'Estarei contente.'

Note-se que o marcador de irrealis (secção 4.9) pode ser usado de forma similar.

Tal como já foi referido, no português os adjetivos portugueses não funcionam como verbos pelo que não podem ser marcados com as flexões de tempo, modo e aspecto.

4.7. O marcador de habitual

Peck (1988:255) define o aspecto habitual, citando Comrie (1985: 39-41), nos seguintes termos: 'frases com o aspecto habitual não são aquelas que referem uma sequência de situações que ocorrem com intervalos (de tempo), situações iterativas. São sim aquelas situações que são habituais, que ocorrem sempre'. É a definição que aqui se recupera para descrever estas ocorrências nas línguas em análise.

No crioulo guineense o aspecto habitual é indicado pelo marcador pré-verbal *ta* (BMS 2007:frase 31):

(115) CG *Pekadur -is ta tarbadja pa e pudi tene di kume.*
 pessoa PL HAB Trabalhar para 3s poder ter de comer
 ‘As pessoas trabalham para poderem ter comida.’

No balanta, a semântica do aspecto habitual obtém-se com ao marcador pré-verbal *mat*:

(116) BAL *Binhan mat sif mada -ni te teng -a suf.*
 pessoas HAB trabalhar poder SUF REL ter -SUF comida
 ‘As pessoas trabalham para poderem ter comida.’

O português recorre a construção perifrástica, usando o verbo *costumar* flexionado no tempo e modo apropriados, seguido do infinitivo para marcar o aspecto habitual. É também possível exprimir-se o aspecto habitual no português com recurso a uma outra estrutura, isto é flexionando o verbo no presente do indicativo.

(117) PORT *A -s pessoa -s costum -a -m trabalhar.*
 A PL pessoa PL RAD V.TEM 3p.PRES INF

No crioulo guineense o marcador de anterior *ba* pode combinar com o marcador de habitual *ta* (BMS 2007:frase 37):

(118) CG *Na tempu antigu djinti -s ta bay ba sinema.*
 pessoa tempo antigo pessoa PL HAB ir ANT cinema
 ‘Antigamente as pessoas costumavam ir ao cinema.’

Igual combinação ocorre no balanta com os marcadores equivalentes desta língua, mas o marcador do anterior ocorre na posição pré-verbal para indicar o habitual passado:

(119) CG *Binhan mat ge to a sinema.*
 pessoas HAB ANT ir a cinema
 ‘Antigamente as pessoas costumavam ir ao cinema.’

No português estes marcadores não existem.

No crioulo guineense os verbos adjectivais podem ser precedidos de marcador do habitual *ta*, para indicar que uma determinada acção ou estado é iterativo.

- (120) CG *Gosi djinti -s ta kontenti ku televizon.*
agora pessoa PL HAB contente com televisão
'As pessoas agora contentam-se com a televisão.'

Uma construção paralela existe em balanta:

- (121) BAL *Wabnu binhan mat sumande ku televizon.*
agora pessoas HAB contente com televisão
'As pessoas agora contentam-se com a televisão.'

A categoria dos verbos adjectivais não existe no português.

4.8. Completivo

O aspecto completivo indica que uma determinada acção ou estado já foi concluído. Não indica porém a sua anterioridade em relação a uma outra acção ou estado (cf. Holm 2000:186).

O aspecto completivo existe em ambas as línguas africanas em análise. No crioulo guineense a particular *dja* 'já' é considerada marcador de TMA por uns (Kihm 1980) enquanto outros a consideram um advérbio devido à diversidade de posições que pode ocupar na frase, ora seguindo o verbo, ora o nome, ora aparecendo no final da frase (cf. Peck 1988:218). No exemplo (116) abaixo *dja* não pode ocupar outra posição.

- (122) CG *N kusnha dja aonti par manha.*
1s cozinhar TMA ontem PREP manhã
'Cozinhei ontem de manhã.'

Note-se que não obstante a presença de um advérbio de tempo *aonti* 'ontem' a acção de cozinhar começou, decorreu e terminou num momento anterior ao tempo em foco e é exprimida pela presença do *dja* em posição pós-verbal.

Foi referido anteriormente (secção 4.4) que a combinação do *dja* precedido do marcador de anterior *ba* é interpretado como mais anterior. Isto é, que a acção ou o

estado do verbo marcado com *ba dja* decorreu e ficou completa num tempo anterior a outro tempo também anterior.

(123) CG *N kusnha ba dja aonti par manha kontra bu tciga.*
 1s cozinhar ANT TMA ontem PREP manhã contra 2s chegar
 ‘Tinha cozinhado ontem de manhã quando chegaste.’

No balanta o aspecto completivo não é marcado quando se trata de verbos não estativos (124). O aspecto completivo dos verbos estativos constrói-se com recurso a advérbios ou com o marcador *awe* no início da frase (125).

(124) BAL *N lot sufn.*
 1s cozinhar comida
 ‘Já cozinhei.’

(125) BAL *Awe N ten ge mgbi.*
 COMPL 1s ter ANT filhos
 ‘Já tinha filhos.’

(126) BAL *Awe N lot ge sufn wafi bo a ute -ni.*
 +ANT 1s cozinhar ANT comida manhã quando 2s chegar SUF
 ‘Tinha cozinhado ontem de manhã quando chegaste.’

Como já se disse anteriormente, o português não utiliza marcadores independentes para indicar tempo e aspecto verbais. Essas leituras são feitas através de sufixos verbais.

(127) PORT *Cozinh -a -ra quando chegaste.*
 RAD V.TEM MQP

(128) PORT *Tinha cozin -ado quando chegaste.*
 AUX RAD PP

No crioulo guineense o marcador de completivo é usado com os verbos adjectivais. Tanto o marcador do completivo *dja* como o marcador de mais anterior, ambos ocorrem com os verbos adjectivais para indicarem ou o aspecto completivo.

(129) CG *N kontenti ba dja.*
 1s V.ADJ ANT COMPL
 ‘Tinha estado contente.’

A estrutura balanta é paralela a do crioulo guineense, o que sugere que *awe* é o equivalente do *dja* e que poderá funcionar como marcador do aspecto mais anterior, quando combinado com o marcador do passado *ge* (130). Veja também a subsecção 4.3.2.

(130) BAL *Awe N sumande ge.*
 COMPL 1s V.ADJ ANT
 ‘Tinha estado contente.’

Note-se que o cabo-verdiano marca o completivo empregando o marcador *dja* no início da frase, tal como o balanta *awe*. Isso pode apontar para uma possível influência das línguas africanas na marcação do completivo neste crioulo de base portuguesa.

No português os adjetivos não são acompanhados ou precedidos de marcadores verbais, nem podem ser sufixados com as desinências verbais.

4.9. *Irrealis*

O modo *irrealis* comum nas línguas africanas e em crioulos, indica que a acção do verbo ainda não é uma realidade. Este modo pode expressar-se através do futuro, condicional ou conjuntivo nas línguas indo-europeias como o português.

O crioulo guineense não tem marcadores para indicar exclusivamente o modo *irrealis* mas recorre com frequência ao marcador de progressivo *na* (131) ou ao habitual *ta* (132) :

(131) CG *N kuda bu na (bin) kontenti.*
 1s achar 2s PROG (vir) contente
 ‘Acho que ficarás contente.’

(132) CG *Bu ta bin busca N.*
 2s HAB vir buscar 1s
 ‘Venha buscar-me [mais tarde].’

No balanta o marcador *git* confere uma interpretação de modo *irrealis* ao verbo:

- (133) BAL A *git* te bin bluthn.
2s IRR REL vir amanhã
'Podes vir amanhã.'

No crioulo guineense o futuro pode ser expresso com o marcador *ta* (também marcador do habitual) ou com o *na* (também marcador do progressivo). Morais-Barbosa (1975:139) discute que *ta* se refere a um futuro menos iminente que o expresso com *na*. Intumbo (2006) analisa *na* como um marcador de um futuro possível, enquanto que o *ta* significa que a acção expressa pelo verbo deve acontecer, que é obrigatório ou, pelo menos, desejável. O marcador progressivo *na* refere-se igualmente ao futuro quando, opcionalmente, é seguido por *bin* 'vir'. Assim é a construção com o *ta* que se aproxima mais da estrutura balanta com o marcador *git*.

O marcador verbal do balanta *git* (ou *kit*) apenas marca o modo *irrealis*, algo que tenha que ser feito no futuro.

- (134) BAL A *git* dem garte bluthn.
2s IRR ler livro amanhã
'Lês o livro amanhã.'

No entanto o balanta marca o futuro recorrendo ao emprego do marcador do progressivo *a* com o verbo *bin* 'vir' que é igual, numa aparente coincidência, em ambas as línguas (crioulo guineense e o balanta) e é usado com o mesmo significado.

- (135) BAL N gi -te a bin -a a kbabm.
1s COP SUF PROG vir SUF PREP cidade
'Estou a vir para a cidade.'

- (136) BAL N ga a bin sif -a.
1s COP PROG vir trabalhar SUF
'Trabalharei.'

4.10. Outras combinações de marcadores

No crioulo guineense, para indicar o condicional os marcadores de futuro (o progressivo *na* e ou o habitual *ta*) podem ocorrer antes do verbo quando este é seguido do marcador de anterior *ba* (BMS 51).

- (137) CG *Si N tene ba kursu N na tene ba tarbadju.*
se 1s ter ANT curso 1s PROG ter ANT trabalho
'Se eu tivesse um curso, teria um emprego.'

A mesma combinação de marcadores pode ocorrer também em balanta para referir uma acção ou estado que poderia ter ocorrido (mas que não tenha ocorrido) no passado, sendo que o *ge* passa a posição pré-verbal, depois do marcador do "irrealis" *git*.

Note-se que no exemplo (138) os verbos são precedidos do marcador de anterior *ge* para indicar que a acção é contrafactual.

- (138) BAL *A N mada ge N git ge dem garte.*
Se 1s poder ANT 1s IRR ANT ler cartas
'Se eu pudesse, teria estudado.'

O português admite também combinações de auxiliares com os verbos principais para exprimir os vários tempos do modo condicional.

Segundo Peck (1988:288-9) a combinação [*na ta V ba*] é possível (139). Aplica-se para indicar eventos habituais não realizados. Embora a frase que Peck usa para ilustrar esta combinação (1988:416) não tenha sido contextualizada, aqui dá-se um exemplo onde a semântica é mais transparente:

- (139) CG *Si i nha fidju ba n 'na ba ta sina -l ba.*
se COP meu filho ANT 1s PROG ir HAB tirar 3s ANT
'Se fosse meu filho, estaria a ensiná-lo.'

O balanta tem uma estrutura paralela à combinação analisada por Peck (1988). Porém nesta língua usa-se o verbo copulativo para ligar os marcadores de anterior *ge* e o marcador de progressivo *a* [*ge COP a V ge*]

(140) BAL *N git ma ge ga a lamna (ge).*
 1s IRR 3s ANT COP PROG ensinar ANT
 ‘... estaria a ensiná-lo.’

4.11. Complementos verbais

Os predicados das línguas em análise podem ter complementos, que são postos (e ocasionalmente preposto no português) aos núcleos verbais. Nesta secção dar-se-á destaque a estas estruturas. No capítulo 5 serão discutidos outros sintagmas.

4.11.1. Verbos monotransitivos

No crioulo guineense, a categoria dos verbos monotransitivos pede um só sintagma nominal como objecto directo que pode ser ou um nome ou um pronome. O objecto do verbo monotransitivo é posposto ao verbo.

(141) CG *Mininu kudji karta.*
 menino V.TR [SN]
 ‘O menino encontrou uma carta.’

(142) CG *Mininu kudji -l.*
 menino V.TR [SN]
 ‘O menino encontrou-a.’

No balanta também existe a categoria dos verbos monotransitivos, acompanhados pelo objecto directo. A ordem é a mesma que a do crioulo guineense:

(143) BAL *Mbi tced kigarte.*
 homem V.TR [SN]
 ‘Um menino encontrou uma carta.’

(144) BAL *Mbi tced kin.*
 menino V.TR [SN]
 ‘Um menino encontrou-a.’

No **português** os verbos também podem ser monotransitivos. Normalmente os sintagmas nominais objecto directo seguem o núcleo verbal (145) com a excepção dos pronomes pessoais oblíquos que, em certos casos, podem ocorrer antes dos verbos (146):

(145) PORT *O menino encontrou **uma carta.***

(146) PORT *Nunca **a** encontramos em casa.* (Cunha e Cintra 1984:279)

Em circunstâncias específicas o objecto (cf. Mira Mateus tal. 2003:285) também pode ser “nulo”. No crioulo guineense, no balanta e no português a informação do objecto pode ser recuperada a partir de um contexto anteriormente explicitado:

(147) CG *N skirbi (karta).*
 1s escrever [SN]
 ‘Escrevi (a carta).’

(148) BAL *N til (kigarte).*
 1s escrever [SN]
 ‘Escrevi (a carta).’

(149) PORT *Escrevi (a carta).*

Os verbos transitivos do crioulo guineense aceitam o sufixo passivo *-du*, certamente derivado da flexão do particípio passado do português *-do*. A estrutura da voz passiva varia, desde a forma típica do português à estrutura passiva típica deste

crioulo: o objecto directo da frase activa passa a ser o sujeito da frase passiva, ao verbo da frase activa é sufixado o afixo *-du* (sem o auxiliar *sedu*) e o sujeito da frase activa passa a ser o complemento agente da frase passiva que normalmente não é expresso (152). A estrutura típica do crioulo é a mais frequente, uma vez que a sintaxe da voz passiva acrolectal gera confusões, sendo o sintagma preposicional frequentemente interpretado como objecto indirecto, devido a homofonia das preposições *pa* ‘por’ e *pa* ‘para’.

(150) CG *Djintis ta papia kryol li.* ACTIVA
 pessoas HAB falar crioulo aqui (todos os lectos)
 ‘As pessoas falam crioulo aqui.’

(151) CG *Kryol ta papi -a- -du pa djintis.* PASSIVA
 pessoas HAB falar V.TEM PASS PREP pessoas (acrolectal)
 ‘O crioulo é falado pelas pessoas.’

(152) CG *Kryol ta papi -a- -du li.* PASSIVA
 pessoas HAB falar V.TEM [PASS] aqui (típica)
 ‘O crioulo é falado aqui.’

No balanta não existe esta construção típica da passiva. Pode-se porém inverter a ordem das palavras da frase, passando o objecto à cabeça da frase seguido da partícula de realce *ma*:

(153) BAL *Binhan mat lifte gbabm a ulo.* ACTIVA
 pessoas HAB falar crioulo em aqui
 ‘As pessoas falam crioulo aqui.’

(154) BAL *Gbabm ma binhan mat lifte a ulo.*
 crioulo REAL pessoas HAB falar em aqui
 ‘É o crioulo que as pessoas falam aqui.’

No **português** o sujeito da frase activa passa a ser o complemento agente da frase passiva, o verbo da frase activa é sufixado com o afixo *-do*, e é conjugado com o auxiliar *ser*, concordando com o sujeito da passiva em numero e género. O objecto directo da frase activa passa a ser o sujeito da passiva (cf. Mira Mateus et al. 2003:523):

(155) PORT *‘As pessoas falam crioulo aqui.’* ACTIVA

(156) PORT *‘O crioulo é **falado** aqui (pelas pessoas).’* PASSIVA

4.11.2. Verbos intransitivos [V._{INT} #]

No crioulo guineense os verbos intransitivos não podem ter complementos directos ou indirectos. As estruturas que se lhes seguirem são opcionais.

(157) CG *Mininu **durmi** (sedu na kasa di si pape -s aonti).*
 menino dormir (cedo em casa PREP 3s pai PL ontem
 ‘Ontem o menino dormiu (cedo em casa dos pais).’

Os verbos intransitivos em balanta têm as mesmas propriedades que os do crioulo guineense:

(158) BAL *Mbi **kpung** (tcak a odn bi- fa ma so).*
 menino dormir (cedo em casa PL pai 3s ontem
 ‘Ontem o menino dormiu (cedo em casa dos pais).’

No português os verbos intransitivos também são os verbos que não têm complementação, através de sintagma nominal. Sozinhos, indicam uma acção ou um facto.

(159) PORT *‘Ontem o menino **dormiu** (cedo em casa dos pais).’*

4.11.3. Verbos ditransitivos [V._{DIT} SN₁ SN₂]

Os verbos ditransitivos (ditransitivos segundo Mira Mateus et al. 2003:397, mas transitivos directos e indirectos segundo Cunha e Cintra 1984:137) são os verbos que requerem um objecto directo (OD) e um objecto indirecto (OI) na posição pós-verbal.

No crioulo guineense os verbos ditransitivos requerem a estrutura [V._{DIT} SN₁ SN₂], uma vez que nem o complemento indirecto [SN₁] nem o complemento directo [SN₂] são preposicionados.

- (160) CG *Mininu manda Djon karta.*
menino V._{DIT} [OI] OD]
'O menino mandou uma carta ao João.'

No balanta a estrutura é paralela à do crioulo. Os sintagmas nominais objecto seguem os verbos na mesma ordem e não são preposicionados:

- (161) BAL *Mbi til Djon kigarte.*
Menino V._{DIT} [OI] [OD]
'O menino mandou uma carta ao João.'

No português os verbos ditransitivos também seleccionam argumentos na posição pós-verbal. Contudo a estrutura do sintagma verbal é [V._{DIT} SN SP]. Isto significa que o núcleo verbal é imediatamente seguido pelo sintagma nominal que é o objecto directo e pelo sintagma preposicional que é o objecto indirecto:

- (162) PORT *O pai deu [uma bicicleta] [ao filho].*
O pai V._{DIT} [SN] [SP]

4.11.4. Verbos copulativos [V._{COP} {SN, S.ADJ, SP}]

Os crioulos atlânticos e as línguas africanas usam diferentes palavras que correspondem aos verbos *ser* e *estar* no português ou os seus equivalentes nas outras línguas europeias. Quando os verbos copulativos são seguidos de um sintagma nominal têm uma forma, quando são seguidos de um sintagma adjectival têm uma forma

diferente, ou ainda quando seguidos de um sintagma preposicional podem ter uma outra. Por os verbos copulativos serem representados por diferentes palavras, o único elo que as liga é a sua função conectora, o facto de ocuparem a posição do verbo. Esta sintaxe porém não afecta as partículas de realce, secção 4.13.5.5 (cf. Holm 2000:197).

4.11.4.1. Verbos de ligação

No crioulo guineense os verbos de ligação incluem *bida* ‘tornar-se’, ‘transformar-se em’, *kontinua* ‘continuar’, etc. Podem ser seguidos de sintagmas nominais, de sintagmas adjectivais ou de sintagmas preposicionais:

(163) CG *Ntoni* ***bida*** *pursor.*
 António V.COP [SN]
 ‘O António tornou-se professor.’

(164) CG *Ntoni* ***kontinua*** [*ku febri*].
 António V.COP [SP]
 ‘O António continua com a febre.’

Os verbos de ligação dos balanta também incluem verbos como *lague* ‘tornar-se’ e regem-se pelas mesmas normas que os verbos do crioulo guineense:

(165) BAL *Ntoni* ***lague*** *pursor.*
 António V.COP [SN]
 ‘O António tornou-se professor.’

(166) BAL *Ntoni* ***tik*** [*ki nhague*]
 António V.COP [SP]
 ‘O António continua constipado.’

De igual modo os verbos de ligação do português seleccionam um sintagma pós-verbal, cujo núcleo pode ser um adjectivo, um nome, uma preposição ou um advérbio (Mira Mateus et al. 2003:302):

(167) PORT *A Maria está contente.* (Mira Mateus et al. 2003:302)
 DET Maria V.COP [S.ADJ]

(168) PORT *O museu fica [perto da estação.]* (ibid)
 DET Maria V.COP [S.ADV]

4.11.4.2. Cópula equativa

Tanto Kihm (1980:82) como Peck (1988:133) concordam que no crioulo guineense existem apenas dois verbos copulativos (stricto sensu): *sedu* (e os seus alomorfes *i* e *era*) ‘ser’ por um lado, e *sta* ‘estar’, por outro. Trata-se de elementos que ligam o sintagma nominal à esquerda e o sintagma nominal à direita do núcleo verbal. Assim a relação que estabelecem entre estes pode ser caracterizada como de identidade de inclusão. O copulativo *i* é invariável quanto ao número e pessoa e não é marcado com os marcadores verbais. O copulativo *sedu* pode ser empregue para os tempos anterior e futuro enquanto que o copulativo *era* é empregue apenas no tempo anterior ou no modo condicional e ambos podem ter marcadores verbais. Note-se que *a* (com as variantes arcaicas *yera*, *yara*) é usado apenas com o tempo anterior.

Nas orações negativas a partícula negativa *ka* segue a forma *i* (forma do verbo copulativo *sedu*). Porém a mesma partícula negativa precede as formas *sedu* e *era* (as variantes arcaicas *yera*, *yara*).

(169) CG *E rapaz i pursor.*
 DET rapaz COP professor
 ‘Este rapaz é professor.’

(170) CG *E rapaz i ka pursor.*
 DET rapaz COP NEG professor
 ‘Este rapaz não é professor.’

(171) CG *E rapaz ka sedu ba pursor.*
 DET rapaz NEG COP ANT professor
 ‘Este rapaz não era professor.’

Note-se que no exemplo (172) não é certo que *i* seja um verbo copulativo. Kihm (1988:160) discute as propriedades do *i* que, segundo ele, pode ser um pronome pessoal sujeito normal, mas também pode ser equiparado ao verbo copulativo *i* ‘ser’ (cf. também Kihm 2006).

(172) CG *E rapaz i ka era pursor.*
 DET rapaz 3s NEG V.COP professor
 ‘Este rapaz não era professor.’

O balanta tem apenas o verbo copulativo *ga* no dialecto de Fora e *ka* no dialecto de Kentohe, ambos ‘ser’, ‘estar’, ‘haver’ e ‘existir’ (sendo respectivamente *gana* e *kana* as formas do infinitivo).

(173) BAL *Mbi do gi pursor.*
 menino este COP professor
 ‘Este menino é professor.’

A cópula equativa do português é *ser* e tem as propriedades discutidas nesta secção.

(174) PORT *A Maria é astrofísica.*

4.11.4.3. Cópula locativa

A cópula locativa no crioulo guineense é *sta* (cf. PORT *estar* ‘estar [num lugar ou num estado temporário]’) seguido de um sintagma preposicional.

(175) CG *E rapaz sta [na kasa].*
 DET rapaz V_{COP} SP
 ‘O rapaz está em casa.’

No balanta a verbo copulativo locativo é *ga* no dialecto de Fora e *ka* no dialecto de Kentohe, ambos ‘ser’, ‘estar’, ‘haver’ e ‘existir’. É seguido de um sintagma preposicional.

(176) BAL N **ga** [a kpan].
 1s V_{LOC} SP
 ‘Estou em casa.’

O verbo copulativo locativo do português é *estar* e pode ser seguido de um sintagma preposicional ou de um sintagma adverbial.

(177) PORT **Est -ou** em casa.
 RAD 1s PRES SP

4.11.4.4. Verbo copulativo locativo zero com adjectivos

No crioulo guineense os adjectivos que denotam qualidades básicas comportam-se como verbos, podendo assim serem acompanhados de marcadores verbais enquanto que os adjectivos mais “complexos” estão ligados através de verbos copulativos aos elementos a esquerda do núcleo verbal (cf. também 4.11.5).

De forma semelhante os adjectivos básicos do balanta comportam-se como verbos enquanto que os que foram importados mais recentemente do português (por intermédio do crioulo) não levam marcadores verbais e comportam-se como os adjectivos crioulos (ibid).

Em PTG usa-se o verbo *ser* para referir estados duradouros ou permanentes e o verbo *estar* para se referir estados mais efémeros ou temporários.

(178) PORT A **Maria é** alta.
 DET Maria V_{COP} A.ADJ

(179) PORT A **Maria está** doente.
 DET Maria V_{COP} A.ADJ

4.11.4.5. *Partículas de realce*

No crioulo guineense as interrogativas podem ser realçadas com recurso à partícula *ku* ou o seu alomorfe *ki* (Kihm 1994:229-30).

- (180) CG *Nunde ku bu sta?*
onde REAL 2s estar
'Onde estás?'

No balanta as interrogativas são realçadas com recurso à partícula opcional *nge*:

- (181) BAL (*Nge*) *anuma a tum malu?*
REAL onde 2s por arroz
'Onde é que puseste o arroz?'

No português as interrogativas directas podem, opcionalmente, ser realçadas usando um verbo copulativo seguido do relativizador *que*.

- (182) PORT *Onde é que puseste o arroz?*
INTER REAL

Kihm (1994:229) identifica a estrutura de realce do crioulo guineense como sendo o copulativo *i* seguido do relativizador *ku*. Porém Baptista, Mello e Suzuky notam que o uso do copulativo pode ser opcional.

- (183) CG *Pis son ku bu ta da N 'pa kume.*
peixes só REAL 2s HAB dar 1s para comer
'Só peixes é que me dás para comer.'

No balanta o relativizador por si pode realçar a estrutura. Outra estratégia de realce consiste em colocar o sintagma nominal objecto no início absoluto.

(184) BAL *ksele tida a a mat ni win nhi N 'ra*
peixes só REAL 2s HAB 1s dar 1s 1s comer
'Só peixes é que me dás para comer'.

O português pode usar a estrutura *é que* para realçar outros elementos, além das interrogativas, nomeadamente colocando o sintagma nominal objecto directo no início abroluto:

(185) PORT 'Só peixes *é que* me dás para (eu) comer.'

4.11.4.6. Verbos existenciais

No crioulo guineense usa-se *ten* para indicar que algo existe e está disponível.

(186) CG *Pis ten aos*
peixe haver hoje
'Hoje há peixe'.

Em balanta, apesar de também existir o verbo *ten* homófono este apenas significa 'ter'. Porém usa-se o verbo: *gana* 'estar', com o significado 'existir'.

(187) BAL *Odn ga kuntun ni mdar*
casa estar perto da estrada
'Há uma casa perto da estrada'.

A forma verbal *tem* do português pode ser usado como existencial no português vernáculo do Brasil e em algumas variedades do português europeu, tal como é usado no crioulo guineense.

(188) PORT *Tem peixe hoje.*

4.11.5. *Verbos transitivos predicativos* [*V_{TR} SN₁ {SN₂, S.ADJ, SP}*]

Os verbos transitivos predicativos (Mira Mateus et al. 2003:297) para além de seleccionar um objecto directo, podem seleccionar igualmente ou um sintagma nominal ou um sintagma adjectival ou ainda um sintagma preposicional. Pode-se dizer que combinam estruturas transitivas e copulativas.

No crioulo guineense esses verbos são seguidos da partícula relativizadora *kuma*, ‘como’, ‘que’ (189). Porém no acrolecto usa-se cada vez mais uma estrutura paralela à portuguesa, portanto sem o relativizador (190).

(189) CG *Pedru ntindi kuma [e libru] interesanti.*
Pedro achar REL [SN] [S.ADJ]
‘O Pedro achou este livro interessante.’

(190) CG *N tindi Manel tulu.*
1s achar Manuel tolo
‘Acho o Manuel um tolo.’

No balanta também ocorrem estruturas de verbos transitivos-predicativos, não sendo obrigatório o uso do relativizador quando o predicativo do objecto é um adjectivo:

(191) BAL *N tuya (ya) Manel yoroth.*
1s achar REL [SN] [S.ADJ]
‘Acho o Manuel um tolo.’

Note-se que no balanta acrolectal o uso do relativizador *ya* (191) é opcional e deve-se, possivelmente à influência do português, através do crioulo guineense.

Porém quando o predicativo do objecto é um nome, tal como no crioulo guineense recorre-se ao relativizador com o uso do verbo copulativo *gi*:

(192) BAL *N* *tuya (ya) Djon gi pursor sire.*
 1s achar COMP 3s COP professor inteligente
 ‘Acho o João um professor inteligente.’

No português alguns verbos copulativos seleccionam argumentos do complemento directo, que podem ser seguidos de sintagmas nominais, adjectivais ou preposicionais:

(193) PORT *O Pedro ach -ou [este livro] interessante*
 O Pedro RAD 3s PPERF [SN] [SADJ].
 Mira Mateus e tal 2003:298

4.11.6. *Verbos preposicionais [V.PREP SP]*

No acroleto do crioulo guineense existe uma estrutura verbal que exige como complemento um sintagma preposicional (195).

(194) CG *N ‘gosta [di nha barku].*
 1s gosto [SP]
 ‘Gosto do meu barco.’

A estrutura em que o verbo pede um sintagma preposicional existe igualmente no balanta:

(195) BAL *N ‘lifte [ki Ntoni].*
 1s falar [SP]
 ‘Falei com o António.’

A mesma estrutura pode ocorrer no português. São os casos dos verbos que pedem um sintagma preposicional. Tais como (falar *com*, falar *de*, falar *a*, gostar *de*...):

(196) PORT *João gosta [do barco].*

4.11.7. *Verbos com dois sintagmas preposicionis [V. SP₁ SP₂]*

O núcleo verbal do crioulo guineense também pode ser seguido por dois sintagmas preposicionais.

- (197) CG N *'discuti [ku Ntoni] [pabia di dinheru].*
1s discuti [SP] [SP]
'Discuti com o António por causa do dinheiro.'

No balanta também a mesma estrutura é possível:

- (198) BAL N *kpenh [ki Ntoni] [wil ni gbés.]*
1s discuti [SP] [SP]
'Discuti com o António por causa do dinheiro.'

Tal como as duas línguas anteriores, o uso de dois sintagmas preposicionais também se verifica no português.

- (199) PORT *Discuti [com o António] [por causa do dinheiro].*
Discuti [SP] [SP]

4.12. Negação

4.12.1. *Negação frásica*

Kihm (1994:46) afirma que a particular negativa do crioulo guineense *ka* resulta da convergência do português *nunca* com as formas das partículas de negação das línguas do substrato tais como *kě* do balanta. Porém Intumbo (2006b) nota que há diferentes formas de expressar a negação em balanta. Numa delas a partícula *keya* que é a forma negativa do verbo *gana* 'ser', 'estar', 'haver' ou 'existir'.

No crioulo guineense, a partícula negativa **ka** precede o verbo (e os marcadores de TMA) cuja acção ou estado nega (200). Na negação anafórica usa-se *naw* 'não' seguido de pausa antes de se prosseguir a frase (201a e 201b).

(200) CG *N ka tene kaneta.*
1s NEG ter caneta
'Não tenho uma caneta.'

(201) CG a: *Bu Tene tris fidjus?*
2s Ter três filhos
'Tens três filhos?'

b: *Naw. Son dus.*
NEG Só dois
'Não. Apenas dois.'

O balanta expressa a negação com recurso a diferentes partículas. Por isso a sintaxe balanta no que se refere à negação é complexa.

A partícula *keya* é usada antes dos verbos ou expressões que indiquem o tempo presente ou futuro.

(202) BAL *N keya A bina.*
1s NEG Em vir
'Não virei.'

Outra partícula negativa é *wote*, e é usada antes dos verbos ou expressões no tempo anterior (203). O imperativo leva a particular pré-verbal *moke* no dialecto de Kentohe (norte) ou *kam* (204) (que também pode ter convergido com o *nunca*, derivando o negativo *ka* do crioulo guineense) no dialecto de Fora (centro e sul do país; Veja a secção 1.4).

(203) BAL *N wote to a iskola*
1s NEG ir a escola
'Não fui a escola.'

(204) BAL *Kam ~ moke to a iskola.*
NEG ir a escola
'Não vás a escola.'

Na negação anafórica do balanta emprega-se o *naw*, tal como no crioulo:

(205) BAL a: *A ten mgbi bi- habm?*

2s ter três PL- filho

‘Tens três filhos?’

b: *Naw. N bi- sibm tida.*

NEG 1s PL- dois apenas

‘Não. Apenas dois.’

O português europeu apresenta três marcadores de negação fundamentais que ocorrem em domínios estruturais diversos – *não*, *nem* e *sem*’ (cf. Mira Mateus et al. 2003:771):

Como demonstram os exemplos apresentados (ibid), o *não* é o marcador mais generalizado e é usado na negação anafórica (209). Usa-se na negação frásica, negação anafórica e também pode negar sintagmas ou itens lexicais. *Nem* é o marcador de negação usada tipicamente na coordenação e *sem* funciona como uma preposição de sentido negativo ou um complementador negativo (ibid).

(206) PORT *Nós não compramos este livro.*

(207) PORT *Eles não leram o jornal nem viram o filme.*

(208) PORT *Partiu sem se despedir de mim.*

(209) PORT a: *Partiu sem se despedir de ti?*

b: *Não.*

O crioulo guineense tem a concordância negativa. Em certas circunstâncias ocorrem no mesmo domínio sintáctico mais de um marcador de negação sem que a frase seja agramatical ou mal formada.

(210) CG *Nunka ningin ka konta N nada.*
 NEG ninguém NEG contar 1s NEG
 ‘Nunca ninguém não me disse nada.’

Esta estrutura não existe no balanta.

Mas o português europeu tem concordância negativa. Os marcadores negativos presentes na frase não se cancelam umas às outras o que poderia fazer com que a expressão linguística passasse a ser interpretada como positiva (cf. Mira Mateus et al. 2003:789):

(211) PORT *Ninguém diz nada nunca.* (ibid)

4.13. Verbos seriais

Verbos em série são verbos construídos numa série de dois ou mais com o mesmo sujeito e não são ligados por nenhuma conjunção ou complementador. Estão excluídos desta definição as combinações de verbos com auxiliares ou infinitivas (Jansen, Koopman and Muysken 1978:125).

BMS elaboraram uma lista de verbos do crioulo guineense que podem ser seguidos de outros verbos, incluindo bay ‘ir’ no sentido direccional. Isto é, a sequência *ba(y) + V* é interpretado como ‘ir e fazer’.

(212) CG *Ba(y) Purtugal; ba tarbadja ku forsa.*
 Ir Portugal ir trabalhar com força
 ‘Vá para Portugal; vá e trabalhe duro.’

A mesma sequência ocorre no balanta com o verbo *toa* ‘ir’, *bina* ‘vir’ mas apenas quando o sujeito é o pronome pessoal terceira pessoa do singular, que normalmente é omitido quando se trate de um pronome sujeito não enfático. A omissão do sujeito levará a que os verbos fiquem justapostos.

(213) BAL *Ntoni yan ___ to ___ fitca Manel.*
 António sair 3s ir 3s convidar Manuel
 ‘O António saiu, foi e convidou o Manuel.’

Os pronomes de outras pessoas gramaticais ou os enfáticos são sempre expressos antes dos verbos cancelando assim a estrutura dos verbos seriais.

(214) BAL *Mgbi yan bi to bi fitca Manel.*
 menino sair 3p ir 3p convidar Manuel
 ‘Uns meninos saíram (eles) foram e (eles) convidaram o Manuel.’

No português normalmente os verbos concatenados estão ligados com a ajuda de preposições ou de complementadores. No entanto o verbo *ir* pode ser usado antes de outros verbos com sentido idiomático de ‘fazer algo propositadamente’:

(215) PORT ‘*Por quê foste dizer isto?*’

No crioulo guineense *bin* ‘vir’ + V é interpretado num sentido direccional como ‘vem e faz’:

(216) CG *Bin bumba-n misquitu na kasa.*
 vir bombar-1s mosquitos em casa
 ‘Venha pulverizar-me os mosquitos em casa.’

Holm (2000:208) afirma que em muitos crioulos de base inglesa o verbo correspondente a ‘dizer’ é usado para introduzir citações e que em algumas variações o mesmo verbo pode ser usado depois de verbos que envolvem ‘pensar’ (ex: ‘saber’, ‘acreditar’ etc) para orações que em algumas línguas europeias começariam por um equivalente de *que*. É o caso do crioulo guineense.

Neste crioulo guineense usa-se *kuma* a seguir aos verbos incluindo *konta* ‘contar’, ‘dizer’, *fala* ‘dizer’, com o valor de um relativizador. Isto aponta para uma possível convergência entre o português *como* e o mandinga *kuma* ou *ko* (ambos ‘dizer’), sendo este último usado como complementador depois dos verbos relacionados com a ideia de

dizer ou pensar. Kihm (1994:192) observa que *kuma* pode ser usado como verbo ‘dizer’ no crioulo guineense e Holm & Intumbo (2007) notam que no crioulo guineense *kuma* pode ser interpretado ambigualmente ou como um verbo ou como um complementador:

(217) CG ___ ***Kuma*** ___ ***kuma*** *bu bin festa.*
 IND dizer IND dizer 2s vir festa
 ‘Dizem que alguém disse que vieste à festa.’

Note-se que o verbo *kuma* pode ser substituído por *faladu*. Embora este verbo não leve o sufixo *-du*, pode supor-se que o mesmo seja de origem não portuguesa. *Kuma* enquanto verbo pode não referir-se a uma pessoa determinada, sobre tudo quando se desconhece quem executou a acção ou por não haver interesse no seu conhecimento. Assim o sujeito de *kuma* por vezes pode ser indeterminado. Nos exemplos (217 e 218) o sujeito do *kuma* bem como o do passivo *faladu* é indeterminado:

(218) CG ___ ***Faladu*** ___ ***kuma*** *bu bin festa.*
 IND dizer IND dizer 2s vir festa
 ‘Dizem que alguém disse que vieste à festa.’

Tal como o crioulo guineense, o balanta usa um verbo *ya* (derivado do verbo balanta *yaa* ‘dizer’) que significa ‘dizer’ como complementador. Usa-o igualmente com os verbos que significam ‘dizer’ ou ‘pensar’:

(219) BAL *N* ***yana ya*** *a izn.*
 1s dizer COMP 2s desistir
 ‘Digo-te que desistas.’

Esta estrutura não existe em português.

4.14. Conclusões

Os dados discutidos neste capítulo, se bem que não analisados de forma exaustiva, permitem tirar algumas conclusões sobre as influências do superestrato e as do substrato no sintagma verbal do crioulo guineense. As estruturas analisadas permitem concluir que o substrato parece ter tido maior influência na estrutura do sintagma verbal do crioulo guineense, embora se verifiquem igualmente marcas do português.

Quanto aos marcadores verbais a estrutura do sintagma verbal do crioulo guineense pode ser representada esquematicamente como se apresenta no quadro 12 em baixo. Os marcadores pré-verbais *na* e *ta* podem combinar entre si, enquanto que os marcadores pós-verbais *ba*, *dja*, e *ba dja* excluem-se mutuamente. Porém os marcadores pré- e pós-verbais podem combinar entre si para formar tempos compostos e o modo condicional. Os auxiliares pré-nucleares *bay* e *bin* são opcionais.

Tabela 14: Estrutura do núcleo verbal com os marcadores no crioulo guineense

PROG	(Aux)	HAB	NÚCLEO	ANT	COMPL	+ ANTERIOR
<i>Na</i>	{ <i>ba[y]</i> , <i>bin</i> }	<i>ta</i>	<i>V</i>	{ <i>ba</i> ,	<i>dja</i> ,	<i>ba dja</i> }

O sintagma verbal do balanta apresenta a estrutura do quadro 13. Embora a posição padrão do marcador do anterior *ge* seja pós-verbal, nas combinações com os dois marcadores pré-verbais *a* e *mat*, o marcador *ge* tende a passar opcionalmente para à posição pré-verbal, sendo separado dos marcadores pré-verbais pelo relativizador *te*. Os marcadores pós-verbais excluem-se mutuamente, mas podem combinar com os pré-verbais. O marcador *ge* terá o valor de mais anterior se no início (absoluto) da frase existir o marcador *awe*.

Tabela 15: Estrutura do núcleo verbal com os marcadores no balanta

+ANT	PROG	(Aux)	HAB	(REL)	NUCLEO	ANT	PR	+ANT
[<i>Awe</i>]...	<i>a</i>	(<i>to</i> , <i>bin</i>)	<i>mat</i>	(<i>te</i>)	<i>V</i>	{ <i>ge</i> ,	<i>yo</i> ,	<i>ge</i> }

O tempo, modo e aspecto do português são formados por sufixação nos tempos simples (cf. Mira Mateus e tal. 2003:933) ou com o recurso aos auxiliares (flexionados)

nos tempos compostos. O núcleo verbal é variado e é formado pelo radical do verbo. As vogais temáticas variam entre as três conjugações. Porém nos tempos do presente a vogal temática que está na estrutura base do verbo é suprimida em certas condições fonológicas (cf. Mira Mateus et al 2003:1022). As flexões de tempo, modo e aspecto tal como os de pessoa são também variados.

Tabela 16: Estrutura do núcleo verbal do português

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	TMA + PESSOA
variado	-a-	variado
	-e-	
	-i-	

Quanto aos complementos verbais, os quadros abaixo pretendem dar uma visão global da estrutura do sintagma verbal das três línguas em comparação. Sintetizando o que vem sendo discutido neste capítulo, o núcleo verbal do crioulo guineense e o do balanta não são afixados com as desinências de tempo, de pessoa ou de número porque estas línguas não as têm. Em vez disso, recorrem aos marcadores pré- e pós-verbais para formar o tempo, o modo e o aspecto dos verbos. Porém o português recorre a sufixação ou justaposição de verbos (auxiliares com principais), sendo o auxiliar formado com os sufixos de TMA, pessoa e número, recebendo o verbo principal a vogal temática seguida do afixo do participio passado (*-do*).

Por outro lado viu-se também que a estrutura dos verbos com os seus complementos é paralela no crioulo guineense e no balanta, podendo coexistir nestas duas línguas dois sintagmas nominais a seguir ao núcleo do verbo ditransitivo desempenhando as funções do complemento indirecto e a de complemento directo. Porém no português o verbo ditransitivo é seguido de um sintagma nominal e de um sintagma preposicional, complemento directo e complemento indirecto respectivamente. A estrutura do verbo com os outros sintagmas é semelhante nas três línguas.

Tabela 17: Estrutura dos complementos verbais do crioulo guineense

NÚCLEO VERBAL	Complementos	
	Posição 1	Posição 2
V. _{TR}	SN (OD)	
V. _{INT}	∅	∅
V. _{DIT}	SN ₁ (OI)	SN ₂ (OD)
V. _{COP}	{SN, S.ADJ, SP}	
V. _{TPRED}	SN ₁ OD	{SN ₂ S.ADJ, SP}
V. _{PREP}	SP	
V. _{DIP}	SP ₁	SP ₂

Tabela 18: Estrutura dos complementos verbais do balanta

NÚCLEO VERBAL	Complementos	
	Posição 1	Posição 2
V. _{TR}	SN (OD)	
V. _{INT}	∅	∅
V. _{DIT}	SN ₁ (OI)	SN ₂ (OD)
V. _{COP}	{SN, S.ADJ, SP}	
V. _{TPRED}	SN ₁ (OD)	{SN ₂ S.ADJ, SP}
V. _{PREP}	SP	
V. _{DIP}	SP ₁	SP ₂

Tabela 19: Estrutura dos complementos verbais do português

NÚCLEO VERBAL	Complementos	
	Posição 1	Posição 2
V. _{TR}	SN (OD)	
V. _{INT}	∅	∅
V. _{DIT}	SN ₁	SP
V. _{COP}	{SN, S.ADJ, SP}	
V. _{TPRED}	SN ₁ (OD)	{SN ₂ S.ADJ, SP}
V. _{PREP}	SP	
V. _{DIP}	SP ₁	SP ₂

Capítulo 5

Outras Estruturas

5.1 Introdução

Este capítulo aborda outros aspectos diversos das três línguas sob análise, sempre numa perspectiva comparativa e numa tentativa de clarificar as semelhanças e/ou diferenças entre elas. Serão assim discutidos os seguintes tópicos: a ordem dos principais constituintes frásicos, alguns tipos de frases, as frases complexas e algumas das orações subordinadas e também alguns complementadores. O capítulo termina com uma discussão sobre preposições e conjunções. Tal como nos capítulos anteriores a discussão não será exaustiva, uma vez que isso implicaria um trabalho mais detalhado sobre as diferentes variedades do crioulo, do balanta e de outras línguas de substrato.

5.2. A frase simples [SN SV]

5.2.1 A frase declarativa

No geral, as três línguas em comparação são línguas SVO. Esta é a ordem normal das frases declarativas. No entanto, em certos contextos a ordem pode ser diferente.

No crioulo guineense o sujeito pode ser um sintagma nominal complexo. Quer se trate de sujeito simples, quer se trate de sujeito complexo, o sintagma nominal que desempenha esta função precede o verbo. Como os demais crioulos, o crioulo guineense é muito restritivo em relação a ordem dos componentes frásicos. O verbo é o núcleo do sintagma verbal e normalmente segue o sintagma nominal sujeito e precede os eventuais complementos do verbo.

(219) CG *Bu [na buska -n ba].* (Peck 1988:32)
2s PROG V 1s ANT
[SN] [SV]
'Estavas a procurar-me.'

O balanta tem as mesmas restrições no posicionamento dos sintagmas constituintes da frase. Tal como no crioulo guineense, em frases não enfáticas a ordem é SVO. Note-se que o marcador de tempo anterior não segue imediatamente o verbo, mas sim o objecto, tal como no crioulo guineense (cf. 219). Isto deve-se ao facto de o objecto ser um pronome pessoal pelo que ocorre imediatamente depois do verbo. Nenhum elemento da estrutura do sintagma verbal se lhes interpõe, incluindo os marcadores pós-verbais de TMA.

(220) BAL *A [gega a gi ni ge].*
 2s procurar PROG COP 1s ANT
 [SN] [SV]
 ‘Estavas a procurar-me.’

O português é igualmente uma língua SVO em frases não enfáticas.

(221) PORT [*A rapariga*] [*viu o filme*].
 [SN] [SV]

5.2.2 Frases interrogativas

Consoante o foco da interrogação sobre toda a frase ou sobre parte dela, as interrogativas podem ser totais ou parciais (Mira Mateus 2003:461). Assim temos:

5.2.2.1 Interrogativas totais

Nas interrogativas totais a questão é marcada pela entoação ascendente, no final da frase. Do ponto de vista sintáctico, uma interrogativa total pode não apresentar qualquer modificação em relação à declarativa correspondente, apenas distinguindo-se pela entoação (ibid).

No crioulo guineense não há inversão do sujeito e do verbo em interrogativas totais.

(222) CG a: [**Bu**] [*tene tris fidjus*]?
 2s ter três filhos
 [SN] [SV]
 ‘Tens três filhos?’

b: *Naw. Son dus.*
 NEG só dois
 ‘Não. Apenas dois.’

No entanto, em frases interrogativas enfáticas, pode-se inverter as posições do sujeito e do objecto passando este à posição inicial, seguido do relativizador *ku* ‘que’, do sujeito e do verbo. Opcionalmente a frase pode ser introduzida pela expressão *anta* ‘então’ (223). A frase obtida seria agramatical no português europeu mas aceitável no português popular falado na Guiné Bissau (223c):

(223) CG a: (*Anta*) *tris fidjus ku bu tene?*
 então três filhos REL 2s ter
 então [OD] REL [SUJ] V
 ‘Então, tens três filhos?’

b: *Naw. son dus.*
 NEG só dois
 ‘Não. Apenas dois.’

PORT GB c: (*Então*) *três filhos [é que] tens?*
 então três Filhos REAL ter

No balanta as interrogativas totais seguem a mesma estrutura:

(224) BAL a: *A [ten mgbi bi- habm?]*
 2s ter três PL- filho
 [SN] [SV]
 ‘Tens três filhos?’

b: *Naw. bi- sibm tida.*
 NEG PL- dois apenas
 ‘Não. Apenas dois.’

Na inversão, usa-se o relativizador *ma*. Opcionalmente a questão pode ser introduzida pela partícula de realce *nge* ‘então’ possível origem do crioulo guineense *anta* (exemplo 223a).

(225) BAL a: (*Nge*) *mgbi bihabm ma a ten?*
então filhos três REL 2s ter
[OD] [SUJ] V
‘Então, tens três filhos?’

b: *Naw. bi- sibm tida.*
NEG PL- dois apenas
‘Não. Apenas dois.’

No português as interrogativas totais podem não apresentar modificações em relação às declarativas correspondentes, mas também podem apresentar a inversão do sujeito.

(226) PORT [*O António*] [*telefonou*]?
SN SV

(227) PORT [*Telefonou*] [*o António*]? (Mira Mateus 2003:261)
SV SN

5.2.2.2 Interrogativas parciais

Estas interrogativas caracterizam-se pela presença de pronomes interrogativos, adjectivos interrogativos ou advérbios interrogativos no início da frase. No crioulo guineense normalmente estes pronomes são realçados com o relativizador *ku* ‘que’, mantendo-se a ordem SVO. Opcionalmente no início da frase pode aplicar-se a partícula *ke* ‘que’ ou *anta* ‘então’.

(228) CG (*Anta*) *nunde ku bu [pui aruz]?*
então onde REL 2s pôr arroz
INTER REL [SN] [SV]
‘Onde é que puseste o arroz?’

A estrutura do balanta é paralela à do crioulo guineense: opcionalmente no início da frase aplica-se a partícula de realce *nge*, mas o relativizador *-te*, quando aplicado (com verbos não estativos no tempo anterior), é sufixado ao verbo (230).

(229) BAL (Nge) *anuma a tum malu?*
 REAL onde 2s pôr arroz
 ‘Onde puseste o arroz?’

(230) BAL (Nge) *wi a us -te?*
 REAL onde 2s comprar REL
 ‘O que compraste?’

O português também tem a mesma estrutura interrogativa. Além disso no português estas interrogativas podem ser realçadas opcionalmente com o uso do *é que* a seguir a partícula interrogativa (cf. CG *ku*).

(231) PORT *Onde (é que) puseste o arroz?*

5.2.3 Frases imperativas

No crioulo guineense existem dois tipos de frases imperativas: a) emprega-se o verbo na segunda pessoa do singular com o sujeito subentendido (232) e b) emprega-se o verbo na segunda pessoa do plural com o sujeito explícito (233).

(232) CG ___ *Kanta.*
 2s cantar
 ‘Canta tu.’

(233) CG *Bo kanta.*
 2p cantar
 ‘Cantai vós.’

Nas frases negativas, emprega-se a partícula negativa *ka* no início da frase seguida do sujeito e do verbo. O emprego do pronome pessoal sujeito é obrigatório.

(234) CG ***Ka*** *bu kanta.*
 NEG 2s cantar
 ‘Não canta.’

(235) CG *Ka bo kanta.*
NEG 2p cantar
'Não cantem.'

A estrutura do balanta é paralela à do crioulo guineense, incluindo a presença ou a ausência dos pronomes pessoais sujeito. Em ambas as línguas quando o sujeito é um nome próprio, este é expresso.

O imperativo negativo é formado com recurso às partículas negativas pré-verbais *kam* ou *moke* (nos dialectos de Fora ou de Kuntohe respectivamente, cf. secção.1.2).

(236) BAL ___ *Rib.*
2s cantar
'Canta tu.'

(237) BAL *Rib na.*
2p cantar
'Cantai vós.'

(238) BAL *Kam na riba*
NEG 2p cantar
'Não cantem.'

5.3 Orações subordinadas

5.3.1 Introdução

A frase complexa das línguas em comparação pode comportar muitas proposições ligadas entre si por conectores. Mantêm uma relação de dependência: a proposição independente é a subordinante, as dependentes são as subordinadas.

No crioulo guineense as orações subordinadas têm frequentemente as funções dos sintagmas nominais ou as dos sintagmas preposicionais, isto é, podem desempenhar as funções de sujeito ou de complemento directo ou de uma frase adverbial. Note-se que no exemplo (239) a oração subordinada é introduzida por *kin* 'quem', um pronome interrogativo.

(239) CG *N* [*'ka sibi*] [*kin ki bin li aonti*].
 1s NEG saber INTER REL vir aqui ontem
 SN V [SN = OD]
 'Não sei quem veio cá ontem'

Também no balanta as orações subordinadas podem desempenhar as funções de sintagmas nominais ou sintagmas preposicionais, estando igualmente são ligadas à subordinante por diferentes tipos de conectores entre os quais a forma do pronome interrogativo *ila* 'quem'.

(240) BAL *N* [*'wote widn*] [*al te binte ni aulo so*].
 1s NEG saber INTER REL vir REAL aqui ontem
 [SN = SUJ] [V] [SN = OD]
 'Não sei quem é que veio cá ontem'

As subordinadas do português podem ser construídas igualmente seguindo a mesma estrutura:

(241) PORT ____ [*Não sei*] [*quem é que veio cá ontem*].
 1s NEG saber INTER REAL vir aqui ontem
 [SN = SUJ] [V] [SN = OD]

5.3.1.1 Orações subordinadas relativas [pronome relativo = sujeito]

No crioulo guineense as orações relativas são introduzidas pelo complementador (de uso obrigatório) *ku*, ou por um dos seus alomorfes *ki*, *ke* ou *k*, que pode funcionar como sujeito da oração relativa.

(242) CG *Omi* [*ku mora na e kasa*] *i pursor*.
 homem REL morarr em esta casa é professor
 'O homem que vive nesta casa é professor.'

A estrutura balanta é paralela a estrutura do crioulo. Porém o pronome relativo correspondente (*te*) é opcional.

(243) BAL *Llante [(te) mese ni a odn udo] gi pursor.*
 homem REL morarr em esta casa esta é professor
 ‘O homem que vive nesta casa é professor.’

As orações relativas do português são introduzidas pelos morfemas-Q (Mira Mateus et al. 2003:661), ou seja pronomes interrogativos na designação tradicional. A sua estrutura é paralela à estrutura homóloga do crioulo guineense e funciona de forma semelhante. Porém o relativizador não pode ser eliminado.

(244) PORT ‘O homem [que vive nesta casa] é professor.’

5.3.1.2 Orações subordinadas relativas [pronome relativo = objecto directo]

No crioulo guineense o mesmo pronome relativo *ku* (com os mesmos alomorfes) pode desempenhar a função do objecto directo numa oração subordinada relativa. Note-se que o relativo não pode ser apagado:

(245) CG *Omi [ku bu odja] (i) kumpridu.*
 homem REL 2s ver 3s alto
 ‘O homem que viste é alto.’

No crioulo guineense *kumpridu* ‘comprido, alto’ é um derivado do português ‘comprido’, e refere ‘alto’ ou ‘longo’. Há paralelos noutros crioulos atlânticos (como por exemplo o crioulo de base inglesa falado nas Baamas *long* e o de Réunion *lõg*). O balanta *kuth* no exemplo (246) usa-se para se referir às distâncias e também às alturas.

(246) BAL *Llante [(te) a big ni] kuth*
 homem REL 2s ver REAL Alto
 ‘O homem que viste é alto.’

Como já se notou (5.3.1.1 e 5.3.1.2), as orações relativas do português são iniciadas por constituintes relativos também chamados morfemas-Q, tradicionalmente designados como “pronomes”, “advérbios”, ou “adjectivos relativos” (Mira Mateus et al. 2003:661). Apenas o *que*, que é usado igualmente como objecto directo (247), é aqui exemplificado.:

(247) PORT ‘O livro [que li nas férias] ganhou um prémio.’ (ibid)

5.3.1.3 Orações subordinadas relativas [relativizador = objecto de preposição]

BMS notaram que no crioulo guineense quando um objecto de preposição é relativizado, mantém a sua posição mas o relativizador passa à posição inicial da frase relativa.

(248) CG *Omi [ku n ‘fala -u d(i) el] i nha tiu.*
homem REL 1s falar 2s PREP 3s COP meu tio
‘O homem de quem te falei é meu tio.’

No balanta a preposição é apagada na oração relativa:

(249) BAL *Kbabn [(te) n ‘mese ni] gi Coimbra.*
cidade REL 1s viver REAL COP Coimbra
‘A cidade onde vivo é Coimbra.’

No português europeu a preposição *de* pode acompanhar o pronome relativo.

(250) PORT ‘O homem [de quem te falei] é meu tio.’

5.3.1.4 Orações subordinadas relativas (ausência do pronome relativo)

No crioulo guineense e no português o uso do relativizador para introduzir orações relativas é obrigatório. Porém no balanta o uso do relativizador *te* é opcional (cf. exemplos 243 e 246).

5.3.2 Orações subordinadas não finitas

BMS (74) notaram também que a partícula *pa* (cf. PORT *para*) no crioulo guineense se comporta em determinados contextos como um marcador do infinitivo, uma função que o seu étimo português não tem. Neste sentido pode marcar o uso nominal dos verbos (cf. Kihm 1994:51). Kihm refere ainda que essa funcionalidade ocorre no manjaco, com o prefixo *pě-*, e.g. *pělemp* ‘(o facto de) trabalho’.

(251) BAL [Pa] ley i un tarbaju difisil (Kihm 1994:51)
 COMP ler COP um trabalho difícil
 ‘Ler é um trabalho difícil.’

O balanta não tem tal marcador. O infinitivo balanta obtém-se sufixando ao radical do verbo (ou aos nomes correspondentes) o afixo *-a*.

(252) BAL [Dem -a garte] gi kisif kindan.
 estudar SUF livros COP trabalho grande
 ‘Estudar é um grande trabalho.’

O português também não tem tal marcador. O infinito dos verbos do português obtém-se adicionando ao radical do verbo a vogal temática e o *r* final.

5.3.2.1 *Pa* quasi modal

BMS (81) notaram igualmente que no crioulo guineense a partícula *pa* pode preceder uma frase para indicar uma obrigação fraca, mas não consideram este uso como um verdadeiro modal.

(253) CG Fala -l pa i sta la sedu.
 dizer 3s para 3s COP la Cedo
 ‘Diga-lhe que esteja lá cedo.’

No balanta não é conhecido semelhante uso do complementador *ya*.

Porém no português há um uso parcialmente paralelo do *para* para indicar um futuro iminente, mas não é claro se este uso tem alguma relação com o do *pa* do exemplo (251).

(254) PORT Eu estava para partir.
 1s COP para partir

5.3.2.2 *Pa* em início de orações marcadas temporalmente

BMS (83) consideram que no crioulo guineense “não é claro que as orações introduzidas por *pa* são marcadas temporalmente” porém Holm (2000:193) aceita o

marcador de TMA como equivalente de flexões TMA. Sendo assim, é aceitável o exemplo seguinte em que o *pa* introduz uma oração marcada temporalmente devido a presença do marcador de TMA *ta*:

(255) CG *N fasi -u fju Pa -u ba ta bakia N ba limaria.*
 1s fazer 2s filho Para 2s ir HAB cuidar 1s ANT Animais
 ‘Fiz-te meu filho para que cuidasses dos meus animais.’

No equivalente balanta o complementador *te* introduz uma oração marcada temporalmente:

(256) BAL *N git na lagn mbi da a to dokni ge k- ethe da.*
 1s IRR 2s fazer filho 1s 2s ir cuidar ANT animais 1s
 ‘Far-te-ia meu filho para que cuidasses dos meus animais.’

O *para* português, embora seja um equivalente aproximado do *pa* crioulo guineense, pode introduzir orações com infinitivos pessoais que embora sejam “finitas” não são marcadas temporalmente:

(257) PORT *Eles pediram -nos para voltar -mos.*
 3p pediram 1p para RAD 1p

É possível que esta estrutura do português tenha influenciado a estrutura do crioulo guineense.

5.3.2.3. Complementador com origem no superstrato ‘que’

O complementador do crioulo guineense *ku* (e os seus alomorfes) parece ter como étimo a palavra portuguesa ‘*que*’.

(258) CG *I ku kontentamentu garandi ku N bin li.*
 COP com alegria grande COMP 1s vir aqui
 ‘É com grande entusiasmo que estou aqui.’

O equivalente balanta é *a* e não tem relações com a preposição do crioulo guineense *pa*.

5.4 Preposições e conjunções

Nesta secção serão discutidas outras estruturas entendidas como fundamentais neste estudo. A escolha das estruturas sintácticas analisadas nesta secção foi decidida tendo em conta a relevância das mesmas na distinção entre os crioulos atlânticos e as suas línguas de superestrato. Ou seja, são aquelas estruturas linguísticas discutidas em Holm 1988-89 no capítulo sobre a sintaxe cujo índice indica e explica as definições dos termos usados normalmente na linguística crioulistica. As mesmas estruturas podem também ser encontradas em Holm & Patrick, (2007).

5.4.1 Preposições

5.4.1.1 Preposição locativa geral

No crioulo guineense a preposição locativa *na* abrange uma série especificações locativas incluindo “lugar onde, lugar para onde, lugar por onde” e mesmo “lugar de onde” em certas circunstâncias e idiolectos e dependendo do significado do verbo.

(259) CG N 'na bay na prasa.
1s PROG ir PREP cidade
'Vou a cidade.'

(260) CG N 'sta na prasa.
1s COP PREP cidade
'Estou na cidade.'

(261) CG N 'na say na prasa.
1s PROG sair PREP cidade
'Saio da cidade.'

A preposição equivalente no balanta é *a*. Também, dependendo do sentido do verbo pode ter variadas interpretações, excepto lugar “de onde” (262).

(262) BAL N 'to a kbabn.
1s ir PREP Cidade
'Fui à cidade.'

(263) BAL *N* 'ga a kbabn.
1s ir PREP Cidade
'Estou na cidade.'

(264) BAL *N* 'yante ga kbabn.
1s sair PREP cidade
'Saio da cidade.'

O português europeu diferencia as circunstâncias de lugar e dispõe de diferentes preposições ou locuções prepositivas para as expressar. Serão aqui exemplificados algumas dessas circunstâncias de lugar:

(265) PORT *Estou no Brasil.* (lugar onde)

(266) PORT *Vou para o Brasil.* (lugar para onde)

(266) PORT *Saio do Brasil.* (lugar por onde)

5.4.1.2 *Ausência de preposição com alguns verbos de movimento*

No crioulo guineense as preposições são frequentemente apagadas antes de verbos de movimento ou locativos como *bay* 'ir', *bin* 'vir' (cf. BMS 219b). Trata-se de uma estrutura muito frequente nas línguas da família Niger-Congo (Holm 2000:230).

(267) CG *N* 'bin ____ prasa.
1s vim PREP cidade
'Vim à cidade.'

No balanta também a preposição *a* 'na' (130) não é obrigatória:

(268) BAL *N* 'to (a) Farim.
1s ir PREP Farim
'Fui à Farim.'

Porém no português o uso da preposição depois do verbo locativo é obrigatório.

(269) PORT 'Vou a Farim.'

5.4.2 Conjunções

5.4.2.1 Conjunções coordenadas [conjunções que coordenam frases]

BMS (204) referem que no crioulo guineense as frases podem ser unidas pela conjunção *i* ‘e’, embora possa ser omitida. No entanto Holm & Intumbo (2007) notam que *kaba* ‘acabar’ igualmente pode ligar frases e implica que a acção da segunda frase é intencional. Note-se que *kaba* ocorre depois do sujeito da segunda frase que é repetido a seguir ao *kaba*.

(270) CG *Bu bin tarbadja (i) bu sinta na sombra.*
2s vir trabalhar CONJ 2s sentar na sombra
‘Vieste trabalhar e agora estás sentado à sombra.’

(271) CG *Bu bin tarbadja bu kaba bu sinta na sombra.*
2s vir trabalhar 2s CONJ 2s sentar na sombra
‘Vieste trabalhar e agora foste sentar-te à sombra.’

O balanta também recorre a justaposição de frases sem conjunção. Mas também pode recorrer a conjunção *lage* (ou o seu alomorfe *la*) ‘e’ para ligar frases. Tal como a estrutura homóloga do crioulo guineense, a conjunção *lage* (ou *la*) segue o sujeito da segunda frase.

(272) BAL *A bin kisif _____ a mese a kimbilla.*
2s vir trabalhar CONJ 2s sentar na sombra
‘Vieste trabalhar e agora foste sentar-te à sombra.’

(273) BAL *A bin kisif a lage a mese a kimbilla.*
2s vir trabalhar 2s CONJ 2s sentar na sombra
‘Vieste trabalhar e agora estás sentado à sombra.’

O português tem uma série de conectores repartidos em subclasses que exprimem conexões lógicas, disjunções ou argumento lógico. O conector prototípico *e* (Mira Mateus 2003:95), por exemplo, pode ligar frases, mas também sintagmas. Tal como o crioulo guineense e o balanta, o português também pode recorrer a justaposição de frases.

(274) PORT *Cheguei, _____ vi e venci.*
 CONJ CONJ

5.4.2.2 *Conjunções coordenadas [conjunções que coordenam sintagmas]*

BMS (206) também notaram que, no crioulo guineense, para ligar sintagmas usa-se a conjunção *ku* ‘com’ ou o seu alomorfe *ki*. Não se confunda porém a conjunção *ku* com o complementador *ku*.

(275) CG *Maria ku Mariu tene dus karus ku um mota.*
 Maria CONJ Mário ter dois carros CONJ uma mota
 ‘Maria e Mário têm dois carros e uma mota.’

O balanta usa a mesma estratégia, embora o morfema seja *gi* (ou o seu alomorfe *ki*):

(276) BAL *Maria gi Mariu*
 Maria CONJ Mário
 ‘Maria e Mário’

(277) BAL *Maria gi Mariu gi gi nhage.*
 Maria CONJ Mário COP PREP constipação
 ‘Maria e Mário estão constipados.’

O português tem uma lista numerosa de conjunções. De entre elas, destaca-se a conjunção coordenada copulativa *e* que coordena tanto frases como sintagmas.

(278) PORT *Maria e Mário estão felizes.*

Mas no português coloquial da Guiné Bissau é frequente substituir-se a conjunção copulativa do português europeu *e* pela preposição *com* por influência da estrutura do crioulo guineense:

(279) PORT GB *Maria com Mário estão felizes.*

5.4.3 A partícula *o* em final absoluto

Muitos crioulos atlânticos e línguas africanas usam o *o* no final da frase para alertar o ouvinte para a especial relevância do discurso (por exemplo, quando alguém é cumprimentado, quando é corrigido um erro ou quando se faz uma determinada recomendação). Nestes contextos, no crioulo guineense, o locutor pode aplicar o *-o* no final da frase. Embora BMS não tenham analisado esta estratégia no crioulo guineense, entende-se aqui que é apropriado referi-la.

No crioulo guineense, nas circunstâncias acima descritas, o locutor pode aplicar o *-o* no final da frase.

(280) CG *Ami i di prasa o.*
1s COP de cidade INT
'Sou urbano.'

A mesma estratégia é usada no balanta. Porém a interjeição balanta é *yo*:

(281) BAL *N gi o- ni Gbam yo.*
1a COP PF de Cidade INT
'Sou urbano.'

Esta particular não existe no português. Não se confunda porém a partícula *oh* em final absoluto com *oh* vocativo do português.

Capítulo 6

Conclusões

Neste capítulo apresenta-se uma sùmula das discussões feitas ao longo da tese. Trata-se de um capítulo em que se analisam quantitativamente os dados até aqui discutidos, dando conta da sua presença ou ausência em cada uma das três línguas – o crioulo guineense, o balanta e o português. Nas tabelas 20 a 22 as entradas à esquerda indicam os traços morfossintáticos analisados. Nos campos à direita dos traços, o sinal “+” significa que o traço existe, o sinal “-” que o traço não existe e o sinal “+/-” que a ocorrência do traço é rara. Para outras informações relevantes sobre os quadros, veja-se as notas de rodapé.

Tabela 20: Sintagma nominal do crioulo guineense, do balanta, do português

Traço	CG	BAL	PORT
<i>Núcleo Nominal</i>			
1 Núcleo nominal sem artigo: genérico?	+	+	+/-
2 Núcleo nominal sem artigo: definido?	-	-	-
3 Flexão de género no nome?	-	-	+
4 Flexão de número no nome?	+	+	+
5 Flexão de classe no nome?	-	+	-
<i>Adjectivos</i>			
6 Flexão de número?	-	+	+
7 Flexão de género?	+/-	-	+
8 Flexão de classe?	-	+	-
9 Concordância de género com o núcleo?	+/-	-	+
10 Concordância de número com o núcleo?	-	+	+
11 Concordância de classe com o núcleo?	-	+	-
<i>Outros modificadores</i>			
12 Artigo definido?	+ ¹	+ ²	+
13 Demonstrativo como especificador do nome?	+	+	-
14 Artigo indefinido?	+ ¹	+ ²	+ ¹
15 Flexão de género no determinante?	-	-	+
16 Flexão de número no determinante?	-	+	+
17 Flexão de classe no determinante?	-	+	-

¹À esquerda do núcleo nominal

²À direita do núcleo nominal

Pronomes				
18	<i>Pronomes pessoais: enfáticos?</i>	+	+	-
19	<i>Pronomes enfáticos ≠ não-enfáticos?</i>	+	+	-
20	<i>Pronomes não enfáticos diferentes consoante a função?</i>	+	-	-
21	<i>Pronome pessoal sujeito 3p como marcador do plural (porém cf. 3.2)?</i>	-	+	-
22	<i>Pronomes possessivos?</i>	+ ¹	+ ²	+ ¹
23	<i>Pronomes possessivos usados como determinantes possessivos?</i>	+	+	-
24	<i>Pronome reflexo: forma diferente do sujeito?</i>	+	+	-
Outros traços				
25	<i>Interrogativos?</i>	+ ¹	+ ¹	+ ¹
26	<i>Posse por justaposição de nomes?</i>	-	+	-
27	<i>Preposição = 'de' (cf. 3.4.5)</i>	+	-	+

Na Tabela 20, relativamente à estrutura do sintagma nominal, conclui-se o seguinte:

- 1- Dos vinte e sete traços analisados, apenas três coincidem plenamente nas três línguas:
 - a) a flexão do número no nome (traço 4);
 - b) a ausência do artigo como determinante do nome que é interpretado como indefinido, embora no português europeu esta estrutura ocorra mais nos provérbios (14);
 - c) a posição pré-nominal dos interrogativos (25).

- 2- Dez traços coincidem entre o crioulo guineense e o português:
 - a) o uso do artigo/especificador ou a sua omissão no crioulo e no balanta pode determinar a natureza definida ou genérica do nome (1 e 2);
 - b) a ausência da classe dos nomes e a ausência da flexão e da concordância (5);
 - c) a posição pré-nominal do determinante do nome a (12);
 - d) o emprego de um como artigo indefinido (14);
 - e) a ausência da flexão de classe dos determinantes (17);
 - f) o uso do pronome pessoal sujeito derivada de algumas línguas africanas como marcador do plural não generalizado (21);
 - g) a posição pré-nominal dos adjectivos possessivos (22);
 - h) o uso dos adjectivos possessivos como determinantes possessivos (23);
 - i) o uso da preposição *di* ou *de* (crioulo guineense e português respectivamente);
 - j) a sua função da preposição *di* ou da correspondente forma do português *de* conector de posse ou de matéria (27).

- 3 - Sete traços coincidem entre o crioulo e o balanta:
- a) a ausência da flexão do género do nome, embora se use no acrolecto do crioulo guineense (3);
 - b) a ausência da flexão de género do adjectivo excepto no acrolecto do crioulo guineense (7);
 - c) o uso do demonstrativo como determinante do nome (13);
 - d) a ausência da flexão de género quer no determinante (15);
 - e) a existência de duas classes dos pronomes pessoais sujeito, os enfáticos e os não enfáticos (19);
 - f) o emprego dos pronomes possessivos como determinantes possessivos (23);
 - g) a estrutura do pronome reflexo que é a justaposição do pronome possessivo com *kabesa* no crioulo guineense e *pko* no balanta, ambas ‘cabeça’.
- 4 – As semelhanças entre o balanta e o português (em número de quatro) possivelmente não se devem ao contacto linguístico. Três traços são opcionais ou de uso raro:
- a) o carácter genérico da ausência do artigo no português que no português europeu ocorre principalmente nos provérbios (14), porém a maior frequência de uso deste traço no português vernáculo brasileiro sugere que pode ficar a dever-se à influência de línguas africanas como o balanta.
 - b) A flexão e a concordância do género nos adjectivos, no crioulo guineense (7 e 9).
 - c) A raridade do emprego da flexão no crioulo guineense tem a ver com o facto de ela ocorrer principalmente no acrolecto.

Por outras palavras, relativamente ao sintagma nominal nota-se que a estrutura do crioulo guineense se aproxima mais da estrutura do português, quer relativamente ao uso e posições dos modificadores do núcleo nominal, quer relativamente à flexão de número. Porém assemelha-se à variedade acrolectal do crioulo guineense no que diz respeito ao género.

Tabela 21: Sintagma verbal do crioulo guineense, do balanta, do português

Traço		CG	BAL	PORT
<i>Núcleo verbal</i>				
1	<i>Flexões de TMA no núcleo verbal?</i>	-	-	+
2	<i>Marcadores pré e pós-verbais de TMA?</i>	+	+	-
3	<i>Marcação de TMA por via lexical?</i>	+	+	+
4	<i>Verbos estativos sem marcador: presente?</i>	+	+	-
5	<i>Verbos não estativos sem marcador: passado?</i>	+	+	-
6	<i>Verbos adjetivais?</i>	+	+	-
7	<i>Combinação dos marcadores pré- e pós-verbais ?</i>	+	+	-
<i>Complementos</i>				
8	<i>Verbos monotransitivos ?</i>	+	+	+
9	<i>Verbos ditransitivos?</i>	+	+	-
10	<i>Voz passiva via sufixação?</i>	+	-	+
11	<i>Cópula locativa seguida de SP?</i>	+	+	+
12	<i>Verbos existenciais?</i>	+	-	+
13	<i>Verbos transitivos copulativos (combinação de estruturas transitivas e copulativas)?</i>	+	+	+
<i>Outras estruturas verbais</i>				
14	<i>Regência verbal (V + Prep)?</i>	+	+	+
15	<i>Concordância negativa?</i>	+	-	+
16	<i>Verbos em série (cf. 4.1.5)?</i>	+	-	+

Relativamente à Tabela 21 conclui-se que dos dezasseis traços analisados:

- 1- Cinco coincidem nas três línguas:
 - a) as três línguas marcam os tempos e os modos verbais por via lexical (3);
 - b) em ambas as línguas existe a categoria dos verbos monotransitivos (8);
 - c) o verbo copulativo locativo é seguido de um sintagma preposicional (11);
 - d) a categoria dos verbos transitivos copulativos é uma combinação de estruturas transitivas e copulativas (13);
 - e) e, por fim, em ambas as línguas existem os verbos transitivos que pedem sintagmas preposicionais, também chamados de regência verbal (14).

- 2 - Entre o crioulo guineense e o português coincidem quatro estruturas:
- a) a sintaxe da voz passiva é obtida pela transformação da fase activa, sufixado a partícula –du ao verbo principal (10);
 - b) nas duas línguas existe a categoria dos verbos existenciais (12),
 - c) a existência da concordância negativa (15)
 - d) A existência da categoria de verbos seriais (16).
- 3- Entre o crioulo e o balanta coincidem sete estruturas:
- a) a ausência da flexão de TMA (1);
 - b) o uso dos marcadores pré-e pós-verbais de TMA (2);
 - c) os verbos estativos, quando não marcados correspondem ao tempo presente (4) e os não estativos sem marcador de TMA corresponderem ao passado (5);
 - d) a existência da categoria dos verbos adjectivais (6);
 - e) a possibilidade de combinar os marcadores de TMA (7);
 - f) a existência da categoria dos verbos ditransitivos seguidos de dois sintagmas nominais (9);
 - g) no português existe igualmente a categoria dos verbos ditransitivos seguidos de um sintagma nominal e de um sintagma preposicional.

Estes dados permitem concluir que a sintaxe do sintagma verbal do crioulo guineense se assemelha mais à sintaxe típica das línguas de substrato.

Tabela 22: Outras estruturas

Traço	CG	BAL	PORT
1 <i>A frase declarativa simples SOV?</i>	+	+	+
2 <i>Interrogativas por inversão de sujeito?</i>	-	-	+
3 <i>Omissão do sujeito pronominal 2s em frases imperativas?</i>	+	+	- / +
4 <i>Orações relativas: o pronome relativo pode ser omitido?</i>	-	+	-
5 <i>Marcador do infinitivo?</i>	+	-	-
6 <i>Marcador modal?</i>	+	-	-
7 <i>Complementador com étimo no superestrato?</i>	+	-	+
8 <i>Preposição locativa geral?</i>	+	+	-
9 <i>Ausência de preposição com alguns verbos de movimento?</i>	+	-	-
10 <i>Conector frásico diferente de conector sintagmático?</i>	+	+	-
11 <i>Partícula –o em final de frase?</i>	+	+	-

Por fim na Tabela 22 dos onze traços analisados:

- 1- Apenas dois são comuns nas três línguas:
 - a) a ordem SVO nas frases declarativas simples (1) sendo que em algumas frases interrogativas no português esta ordem pode ser alterada, pela inversão do sujeito;
 - b) a omissão do sujeito pronominal, segunda pessoa do singular nos imperativos é comum às três línguas. Porém no português é opcional (3).

- 2 - Entre o crioulo guineense e o português coincidem dois traços:
 - a) a obrigatoriedade do emprego do pronome relativo nas orações relativas (4);
 - b) o complementador de ambas as línguas tem a sua origem nas línguas de superestrato (7).

- 3 - O crioulo guineense e o balanta coincidem em cinco traços:
 - a) a ausência da inversão do sujeito nas frases interrogativas (2);
 - b) a ausência do sujeito pronominal segunda pessoa do singular em frases imperativas (3);
 - c) o uso de preposições locativas gerais mas com formas distintas para cada língua (na para o crioulo guineense e a para o balanta) (8);
 - d) a existência de conectores frásicos e sintagmáticos mas distintos também para as duas línguas *ku* e *i* para o crioulo guineense, *gi* e *la* para o balanta (10);
 - e) e por fim o emprego do *o* ou o seu equivalente em balanta, em final da frase (11).

- 4 - Entre o balanta e o português apenas dois traços são coincidentes:
 - a) a ausência de um marcador do infinitivo (5)
 - b) a ausência de preposição com alguns verbos de movimento (3).

O trabalho apresentado nesta tese permite concluir que quer o português quer as línguas africanas de substrato têm contribuído para a formação da morfossintaxe do crioulo guineense. A questão actual reside em saber até que ponto o português e as línguas africanas de substrato aqui representadas pelo balanta contribuíram para a sua formação e como continuarão a fazê-lo. A quantificação das estruturas feita nas Tabelas

21,22 e 23 demonstra que as semelhanças morfossintáticas entre o crioulo guineense e as línguas africanas por um lado e entre o crioulo guineense e o português por outro não são meras coincidências. Revelam a estrutura de uma língua que não é nem o português, nem nenhuma das línguas africanas faladas na Guiné-Bissau. Trata-se da gênese de uma língua nova em que se cruzam estruturas e léxicos de línguas africanas e de uma língua românica. O crioulo guineense é uma língua africana, e ao mesmo tempo uma língua neo-latina a que os falantes chamam carinhosamente kriyol - símbolo da sua cultura e da sua civilização.

BIBLIOGRAFIA

- Adam, L. (1883) *Les idiomes négro-aryen et malèò-aryen : essai d'hybridologie linguistique*, Maisonneuve, Paris.
- Alleyne, M. C. (1971) 'Acculturation and the cultural matrix of creolization' in Hymes, pp. 169-86
- Baptista, Marlyse, Heliana R. de Mello, e Miki Suzuki. (2007). *Kabuverdianu or Cape Verdean, and Kriyol, or Guiné-Bissau Creole Portuguese*. In J. Holm and P. Patrick, eds.
- Barros, Pe. Marcelino Marques de. (1897/1899), (1900/1901), (1902). *O guineense. Revista Lusitana. 5 (3, 4), 6, 7.*
- Biasutti, Pe. Artur. (1981). *Vokabulari Kriol-Purtugis*. Bafatá: Missão Católica de Bafatá.
- Bickerton, D. (1974) *Creolization, linguistic universals, natural semantax and the brain*, University of Hawaii Working Paper in Linguistics 6 (3):124-41. (Reeditado em 1980.)
- - - (1979) 'Introduction' to Schuchardt (1979), pg. vi-xvii
- Bocandé, Bertrand (1849). *Sur la Guiné Portugaise ou Sénégambie Méridionale*. In Bulletin de la Société de Géographie, Troisième Série. Chez Arthus-Bertrand. Librairie de la Société de Géographie. Paris
- Bollée, Annegret. (1977). *Zur Entstehung der französischen Kreolendialekte im Indischen Ozean. Kreolisierung ohne Pidginisierung*. Genève: Librairie Droz.
- Bull, Benjamin Pinto (1989). *O Crioulo da Guiné Bissau. Filosofia e Sabedoria*. Lisboa/Bissau: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa.
- Cabral, Amílcar. 1990. *A questão da língua. Pápio 1 (2).59-61.*
- Carreira, António. (1972). *Cabo Verde. Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata*. Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa.
- Charlier Françoise Dubois e Leeman, Danielle. (1981). *Bases de Análise linguística*. Livraria Almedina. Coimbra.
- Chaudenson, Robert. (1986). *Créole et Enseignement du français*. Paris: L'Harmattan.

- Chataigner, Abel (1963). Le créole portugais du Senegal: observations et textes *Journal of African Languages* 2:1, pp. 203-221
- Chapouto, Sandra Marisa. (2007). *Fonologia do guineense*. Tese de Mestrado. Universidade de Coimbra.
- Chomsky, N. (1965) Aspects of the theory of syntax, MIT Press, Cambridge, Mass.
- Coelho, F. A. (1880-6) 'os dialectos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América', *Boletim da Sociedade Geográfica de Lisboa*. (Reeditado in J. Morais-Barbosa (ed.) (1967) *Estudos linguísticos crioulos*, Academia Internacional de Cultura Portuguesa, Lisboa).
- Comrie, Bernard (1981). *Languages Universals and Linguistic Typology*. Chicago. University of Chicago Press.
- DeCamp D. (1961) 'Social and geographical factors in Jamaican dialects' in Le Page, pg. 61-84.
- Do Couto, Hildo Honório, 1994, *O Crioulo Português da Guiné Bissau*. Hamburg: Buske, 1994.
- Doneux, Jean Léonce & Rougé Jean-Louis. (1988). *En apprenant le Créole à Bissau ou Ziguinchor*. Paris: L'Harmattan.
- Ferguson, C. A. (1971) 'Absence of copula and the notion of simplicity: a study of normal speech, baby talk, foreigner talk, and pidgins', in D. Hymes, ed.
- Ferraro, Pe. Dionísio. (1991). O Crioulo na Evangelização. *Papia* 1, 2, pg. 118.
- Gilbert, G. (1980) 'Introduction' to Schuchardt (1980), pg.1-13.
- Goodman, M. F. (1964) *A comparative study of creole-french dialects*, Mouton: The Hague.
- Grimes, Barbara F., ed. (1988). *Ethnologue: Languages of the World*. Dallas TX: Summer Institute of Linguistics.
- Hall, R. A., Jr (1968). 'Creole linguistics', in Sebeok, pg. 361-71.
- Handem, Diana Lima. (1986). *Nature et Fonctionnement du Pouvoir chez les Balanta Brassa, Bissau, Guiné Bissau*: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa.
- Holm, John. 1988-89. *Pidgins and Creoles*. 2 vol. Cambridge: Cambridge University Press.
- - - (2000). *An introduction to pidgins and creoles*. Cambridge. Cambridge: University Press.

- - - (2004). *Languages in Contact: The partial restructuring of vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Holm, John and Incanha Intumbo. (2007). Quantifying Superstrate and Substrate Influence. Comunicação apresentada no Congresso da Associação dos crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola. Amesterdão.
- Holm, John and Peter L. Patrick, eds. (2007). *Comparative Creole Syntax: Parallel outlines of 18 creoles grammars*. London: Battle bridge
- Hymes, D. (ed.) (1971) *Pidginization and and creolization of languages*, Cambridge University Press, Cambridge
- Jansen, B., H. Koopman and P. Muysken. (1978). Serial verbs in creole languages. *Amsterdam Creole Studies* 2:125-59.
- Kay, P. e G. Sankoff (1974) 'A language-universals approach to pidgins and creoles', in DeCamp and Hancock, pp. 61-72.
- Kihm, Alain. (1984). Is there anything like decreolization? Some ongonig changes in Bissau creole. In *York papers in Linguistics 1984*, Heslington, York: Departement of Language University of York, pp. 203-214.
- - - (1994). *Kriyol Syntax: the Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- - - (2006). "O que e i? As orações copulativas no crioulo da Guine-Bissau (Kriyol)" Comunicação apresentada no Congresso da Associação de Crioulo de Base Lexical Portuguesa e Espanhola. Coimbra
- Lorenzino, Gerardo A. (1998). *The Angolar Creole Portuguese of São Tomé: It's grammar and sociolinguistic history*. Munique, New Castle: Lincom Europa
- Matos, Norton de. (1935) Prefácio em L. Simões, pp. 46-49.
- Mboj, Chérif (1979). *Phonologie du Créole de Guiné Bissau*. Dakar: Centre de Linguistique Aplique de Dakar.
- McWhorter, J. (1998) Identifying the creole prototype: vindicating a typological class, *Language* 74(4):788-818.
- Meijer, G. e P. Muysken (eds.) (1977) 'On the beginnings of pidgin and creole studies: Schuchardt and Hesseling', in Valdman, 1977, pp. 21-48
- Mira Mateus, Maria H. et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

- Morais Barbosa, Jorge (1967). *Estudos Lingüísticos Crioulos*. Lisboa. Academia Internacional da Língua Portuguesa.
- Mota, Avelino T. da (1954). *Guiné Portuguesa*. Vol. I. Lisboa. Agência Geral do Ultramar.
- - - (1972). *Mar, Além-Mar*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.
- Mota, F. de la & Peña, Angel de la F. (1686). O manifesto Antiesclavagista dos capuchinhos espanhóis de Bissau em 1686. In: Mota, A.T. 1972, pp. 121-133.
- Naro, Anthony J. (1978). A study on the origins of pidginization. *Language* 54.2, pp. 314-347.
- Peck, Stephen M., Jr. 1988. *Tense, aspect and mood in Guinea Casamance Portuguese Creole*. Ph.D. dissertation, U. of California at Los Angeles. Ann Arbor: University Microfilms.
- Pélissier, René 2001: *Histórias de Portugal, História da Guiné, Portugueses e Africanos na Senegâmbia 1841-1936*, Vol I, 2ª Edição 2001, Edições Estampa.
- Pereira, Dulce (2006). *O Essencial sobre os Crioulos de base portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Portuense, V. (1696). Relação do baptismo de D. Pedro, Rei de Bissau, e do começo da segunda viagem à Guiné. In Mota, A.T. 1974, pp. 67-77: Editora Nimba, vol. II.
- Quintino, Fernando R. (1959). Conhecimento da língua Balanta através da sua estrutura vocabular *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*. Vol. 16 (nº 64).- (1961), p. 737- 768.
- Rougé, Jean-Louis (1986). "Uma hipótese sobre a formação do crioulo da Guiné Bissau". *Soronda* 2, pp. 28-49.
- - - 2004. *Dictionnaire étimologique des créoles portugais d'Afrique*. Éditions Karthala. Paris.
- Simões, Landerset. (1935). *Babel Negra. Etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné*.
- Scantamburlo, Luigi (1981). *Gramática e Dicionário da Língua Criol da Guiné Bissau (GCr)*. Bologna. Editrice Missionaria Italiana.
- - - (1999). *Dicionário do Guineense Vol. I, Introdução e Notas Gramaticais*, Edições Colibri * Fundação para o Apoio e Desenvolvimento dos Povos do Arquipélago dos Bijagós.
- - - (2002). *Dicionário do Guineense Vol. II*, Bissau: Fundação para o Apoio e Desenvolvimento dos Povos do Arquipélago dos Bijagós.

- - - (2007). Informação pessoal

Schuchardt, H. (1882) Kreolische Studien. I. Ueber das Negerportugiesische von S. Thomé (westafrika), Sitzungsberichte der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien 101(2):889-917

- - - 1909 'Die Lingua Franca', *Zeitschrift für romanische Philologie* 33:441-61 (Translated in Schuchardt (1979), pp.26-47; (1980), pp.65-88.).

Silva, Baltazar Lopes da. (1957). *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

Stolz, T.,and P.Stein (1986) Social history and génesis of Negerhollands' *Amsterdam Creole Studies* 9:103-22.

Taylor, D. R. (1971) Grammatical and lexical affinities of creoles. In Hymes, pg. 293-6.

Valdman, A. ed. (1977). *Pidgin and creole linguistics*, Indiana University Press
Bloomington.

Van Name, A. (1869-70) Contributions to creole grammar, *Transactions of the American Philological Association* 1:123-67

Whinnom, K. (1956) *Spanish contact vernacular in the Philippine Islands*, Hong Kong University Press, Hong Kong.

Wilson, André W. (1959). Uma volta Linguística na Guiné. *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, Vol XIV, nº 53, Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, pp. 569-601. Lisbon: Edições João Sá da Costa.

- - - (1962). The Crioulo of Guiné. Johannesburg: Witwatersand University Press, 49 pp.